Carne Tenra

por

Paul Adam

Amadora, 2025
www.libertaria.pt

ÍNDICE

PREFÁCIO
por Paul Alexis

Simplesmente, e com completa sinceridade, desejo transmitir a impressão que esta obra produziu em mim, quando um jovem de vinte e dois anos, de cujo nome jamais ouvira falar, me fez a honra de a trazer, em manuscrito, pelos inícios do Verão de 1884.

Acredito suficientemente em *Carne Tenra* para, em primeiro lugar, lhe apontar um grande defeito — "emparelhamento", acrescentaria, sem dúvida, o sr. Paul Adam, cuja juventude ainda nutre, aqui e ali, um gosto pelos termos bizarros, pelas palavras extraordinárias. — E não é tudo, seu grande miserável! O sr. de Paris, perante a Roquette, certamente enviou da vida para a morte muitos assassinos interessantes que não cometeram nem a décima parte das tuas malfeitorias. De facto, essa pobre língua francesa, velha e sempre jovem, tão franca, tão maleável, tão própria para se adaptar a todas as complicações do nosso mundo moderno — não será um crime levantar-lhe as saias ao nível da sintaxe? Ousar tocar no seu *pudendum*, ó filho degenerado! Deixa tal incesto para algum velho parnasiano, amargurado e muito cabeludo. Porque, sendo tu um fanático da concisão, um D. Quixote à tua maneira, esforças-te contra as preposições *de*: não passam de medíocres moinhos de vento.

Não! Deixa-me rapidamente abandonar este papel de

professor de estilo e de guardião da língua, que pouco me encanta e que te reprovo por mo teres imposto. Tanto mais que, se queres saber do fundo do meu coração naturalista, devo confessar-te que estas questões de rigor formal, de correcção impecável, de vestimenta irrepreensível, considero-as secundárias no valor de um livro. Tenho mesmo a convicção de que um iletrado, se tivesse algo a dizer, poderia escrever uma obra-prima em linguagem desajeitada e confusa; é certo que, assim vestido, o *chef-d'œuvre*, de início, nos repugnaria; mas acabaríamos por nos habituar à sua factura rudimentar, aos seus grosseiros tamancos e aos seus trapos. Os defeitos de um estilo são como as irregularidades de um rosto: à primeira vista, chocam-nos, mas o hábito torna-nos indiferentes. E, assim que nasce o afecto — seja pela pessoa ou pelo livro — deixamos de distinguir os defeitos, que, com o tempo, se gravam em nós até nos parecerem indispensáveis.

O estilo de *Carne Tenra* é, de resto, o oposto de um estilo ingénuo, em andrajos e com tamancos grosseiros. Tal como muitos livros recentes, este peca antes por um excesso de arte, por falta de simplicidade e de descontracção. Nota-se que, como tantos da nossa geração, que encontra tamanha dificuldade em se libertar do romantismo, o Sr. Paul Adam é ele próprio uma vítima da frase. Ainda não atingiu aquele meio-desprezo por ela, que é, afinal, a melhor condição para a trabalhar bem. Mas que importa? Já me detive demasiado em pequenezas.

O que me conquistou em *Carne Tenra*, o que encontrei de sólido, são e reconfortante, foram os substratos de verdade que julguei reconhecer por trás de cada página. Como diria Duranty: "Este livro soa a realidade". Da primeira à última linha, vê-se a preocupação do autor em se

encerrar no que viu, constatou, viveu, ou pelo menos intuiu. A sua obra contém o mérito dessas pinturas de estudo, concluídas perante a natureza, com o modelo diante dos olhos. A simplicidade do tema, aliada a um sentido de vida e a uma precoce firmeza de traço, evidencia bem essa honestidade. Finalmente, a libertação de tudo, uma bela serenidade, sem concessões à moral burguesa: tudo isso é de uma nobreza invulgar.

Assim, *Carne Tenra* alcançará um resultado deveras divertido. Vão escandalizar-se de novo aqueles que censuram os naturalistas por não estudarem as "almas eleitas". Mais uma vez, irão ver o quanto a juventude despreza as suas lições. Como? Depois de terem clamado a imoralidade em todos os tons, depois de tanto lodo lançado aos nossos rostos, quando tantas vezes, em nome do gosto e dos bons costumes, estigmatizaram o uso da figura da *menina* na literatura, eis que precisamente um novato estreia-se atirando-lhes à cara a história de uma *menina*: que afronta! Nunca convenceram ninguém? Talvez, por vezes: o Ministério Público!

Não obstante, não posso deixar de felicitar o Sr. Paul Adam por esta criação de "Lucie Thirache", sua por inteiro, pois ele a extraiu da sua observação directa, da sua experiência precoce, da sua juventude passada no norte de França, em Douai, Arras e Lille. É certo que, por alguns traços gerais comuns, Lucie Thirache partilha uma certa afinidade com as suas predecessoras, as outras "raparigas" da literatura. Contudo, nasceu com a sua própria fisionomia, de tal forma que, se estivesse ali, em carne e osso, num lugar onde se reunissem Manon Lescaut, Esther, Rosanette, a rapariga Elisa, Nana, Bola-de-Sebo, Marthe, Annyl, Lucie Pellegrin, seria fácil reconhecê-la, sem

dúvida, entre todas. Sim! Lucie Thirache, Lucie Pellegrin, Annyl, Marthe, Bola-de-Sebo, Nana, a rapariga Elisa, Rosanette, Esther, Manon Lescaut! Certamente haverá mais; mas vê-se que podemos contá-las, ao contrário do que se disse. Ainda assim, para aumentar o número, tive de incluir algumas pequenas, bem pequenas, ao lado das grandes. Pois bem! Ainda que fossem cem vezes mais numerosas, as "raparigas" do romance moderno, o sr. Paul Adam teve o mérito de adicionar a sua à família; e que amanhã nenhum novo autor hesite em acrescentar ainda outra com a sua marca pessoal.

O que me prende em *Carne Tenra*, não te ofendas, é apenas a psicologia, nada mais que a psicologia da personagem central, essa mesma psicologia que a crítica idealista transformou no campo de batalha das suas últimas resistências. Apenas, convém esclarecer: mais eficazmente do que por raciocínios, mais claramente do que através de dissertações fastidiosas, com a precisão de uma experiência, o evocador de Lucie Thirache mostrou-nos o íntimo de um ser. Um pobre ser, sem defesas, irresponsável, carne para o prazer, carne para o sofrimento! Quem de nós não encontrou já uma Lucie Thirache? Pois bem, a do livro ajuda-nos a compreender melhor as da realidade. Inteligência crepuscular, vontade vacilante, rudeza inata desenvolvida no exercício da prostituição: tudo é apresentado, deduzido, iluminado pelos factos. E nada é intensificado para o lado negro. Olha! Ela está aqui, semelhante à generalidade da sua espécie, boa rapariga, simpática, geralmente inofensiva, sempre enganada. Ri, é despreocupada, chora, mas as suas dores não são mais profundas do que as suas alegrias; os sentidos adormecem, depois despertam, queimam-na, depois acalmam-se; ama, é

abandonada, ama de novo; engana, sem prazer, sem nada ganhar; prometendo a si mesma nunca mais se dar a ninguém, acaba por vender-se a todos. E através dessa inconstância, dessa falta de coerência, dessas mudanças de humor e carácter, enquanto o seu coração permanece vago e o seu espírito vazio faz tic-tac como um cuco de três francos e cinquenta, acontece que, sem grandes palavras, sem grandes aventuras, sem trémulos de orquestra, Lucie Thirache nos toca profundamente. Ela interessa-nos, como a vida, a vida apanhada em flagrante; e até nos instrui, de modo muito mais imediato do que se o autor lhe tivesse emprestado "a alma escolhida" que, ao que parece, é exclusiva das duquesas, dos críticos da *Revue des Deux Mondes*, dos normalistas.

Mesmo, no final, o impacto dessa realidade é tal que acabamos por aceitar o capricho anti-gramatical que levou o jovem escritor a desconstruir várias das suas frases. Não dizia eu que nos habituamos a tudo? Com o tempo, essas disjunções e empobrecimentos voluntários, em harmonia com o tema, ganham carácter. Vá lá, então! Não se recusem nada, vocês, tão jovens! Forcem a sintaxe, açoitem a gramática, façam explodir o dicionário. Pois seja! Se essa é a vossa forma de transmitir nervosamente a vida. — E ainda? Não! Quando se tem a rara sorte de ser alguém, de ter algo a dizer, imagino que a melhor forma de o fazer é escrever sem jargão, usando termos que todos compreendem.

Paul Alexis
Paris, 6 de Fevereiro de 1885.

PRIMEIRA PARTE

I

Na estação de Douai, Lucie Thirache desembarcou.

Esquivou-se por entre os carregadores com malas e chegou até à marquesa exterior: as portas das carruagens abriam-se na borda do passeio. De um para outro, ia, indiferente às falas dos condutores, demorando-se a decifrar as placas. A inscrição "Hotel de Versailles" deteve-a; na sua última carta, a patroa havia mencionado esse alojamento. Subiu. Para lhe ceder espaço, um cavalheiro recolheu sobre os joelhos as abas da sua casaca; uma jovem juntou um xaile, alguns pacotes, vários cartuchos. Lucie agradeceu, recebendo uma vénia e um sorriso. Lisonjeada com estas gentilezas, observava os seus companheiros com simpatia; através dos olhares, rapidamente, estabelecia-se uma certa intimidade.

— Para onde vai senhorita? Perguntou o cocheiro.

Ela corou, envergonhada: indicar a morada, sem dúvida bem conhecida, da casa Donard era, diante de todos, denunciar a sua profissão de *menina*. Em silêncio, esperou por recomendações inesperadas que, dadas pelos outros passageiros, abafassem talvez a sua resposta. Ninguém falou. Teve de decidir-se.

— 7, Rua Pépin.

Uma risada revelou os dentes estragados do cocheiro. Fechou com estrondo a portinhola, proclamando a um colega:

— Eh! Flachaut, estamos com sorte: levamos uma nova para o número 7.

Com um barulho ensurdecedor das vidraças a dançar nas molduras, o autocarro sacolejava pela cidade. O cavalheiro colocara um binóculo. Observava Lucie em todo o lado, num estudo insolente da sua toilette e dos seus gestos. Sob aquele olhar, a rapariga virou a cabeça. Pelo óculo, fixou os olhos numa praça pedregosa, em direcção a um quiosque de música militar, com cadeiras empilhadas. Pensou: assim, desprezavam-na logo, mal a sua condição se revelava, e, no entanto, ainda nem estava no bordel! O que seria então, quando usasse a sua farda, aqueles trajes berrantes que imaginava azuis, vermelhos, verdes, muito decotados; e, se lhe dessem roupões de tecido, assentá-los-ia na perfeição, pois tinha a pele bem branca.

Ela perdeu-se numa análise minuciosa das suas belezas corporais e, ao pensar nos trajes que melhor lhe assentariam, os estabelecimentos comerciais começaram a interessá-la. Depois, pôs-se a observar os transeuntes; senhoras que barganhavam à entrada das lojas, homens graves, levando debaixo do braço pastas de couro. Interiormente, criticava impiedosamente os seus modos. Nos varandins das sacadas, jovens apoiavam-se, a fumar. A ideia de que poderiam ser seus clientes trouxe a rapariga de volta à apreensão pelo seu novo ofício, fazendo-a entristecer-se de novo, repreendendo-se, como se fosse uma falta, pelo instante de distracção que acabara de ter. Contudo, tinha todo o direito de se alegrar um pouco: em breve, estaria aprisionada por um longo tempo.

O cavalheiro aproximara-se: encostava-se a ela, com um ar erótico. Lucie recuou, esboçando uma expressão de desagrado. Na verdade, aquele homem causava-lhe repulsa;

nem sequer tinha a decência de se conter em público! Olhou-o com severidade; mas a expressão inflamadamente ridícula do velho macho pareceu-lhe tão grotesca que teve de se virar para a janela, para que ele não a visse sorrir: nem por um império desejaria encorajá-lo! Bem, isso ficaria para mais tarde, quando fosse obrigada a tal!

Diante dela, erguia-se um edifício com muros sombrios de pedras antigas, uma torre equipada com um mostrador e ladeada por pequenos campanários. Provavelmente, era a câmara municipal. Havia um edifício semelhante em Saint-Quentin. E o posto da polícia devia estar ali também. Seriam levados para lá os seus documentos no dia seguinte, para que, definitivamente, a classificassem. Que aviltante.

A carruagem contornou penosamente a esquina de uma rua. Por um instante, a rapariga oscilou entre o medo e uma satisfação triunfante, conforme o veículo parecia preso numa depressão do pavimento ou conseguia libertar-se. Quando os cavalos retomaram o trote, ela resignou-se ao seu destino: Bah! Não era a primeira; havia muitas outras meninas de casa! Além disso, a agente tinha-lhe feito grandes elogios ao estabelecimento Donard. Por que razão se consideraria ela diferente das outras?

Que grande sorte, levar uma vida alegre de festa, ser acariciada, beber e comer coisas excelentes! Gostava muito de champanhe; talvez o bebesse todas as noites!

O veículo parou. O cavalheiro levantou-se, empurrando a jovem à sua frente. Tentou impedir que ela sorrisse para Lucie, e ele próprio pisou o pé da rapariga sem sequer pedir desculpa! Na rua, uma porta abriu-se, e uma senhora avançou; recebeu a rapariga nos seus braços.

Ambas desapareceram no corredor de mármore. Depois de descarregarem as malas, o cavalheiro, que permanecera

à porta, lançou um último olhar.

Lucie encolheu os ombros, entristecida. Iriam todos tratá-la assim. Aquela jovem tinha a grande sorte de ser rica! Nunca sofreria o desprezo. No fundo, não valia mais do que ela, certamente, mas não tinha consumido a infância e a juventude nos ateliers de costura, curvada o dia inteiro sobre os tecidos que cheiravam a novo, torturada pelas cãibras de fome, desejando com paixão, como único prazer gratuito, os namoricos ao cair da tarde; não conhecera o rápido deslizar desses namoricos para os amores sérios, para as ligações que dão gosto pelas diversões e o desabito do trabalho; depois as traições, as devassidões, a miséria invencível e, por fim, o bordel! Assim é a vida quando não se tem um tostão!

Ela suspirou. Não quis mais pensar nessas coisas: era demasiado revoltante. À vista, abria-se uma praça que lhe pareceu imensa: à entrada de um café, oficiais de botas, com monóculo no olho e o quépi de lado, faziam um galgo saltar por cima de uma curta bengala de cavaleiro. Alguns jovens falavam em voz alta, agitando charutos no ar.

"Mais clientes, estes!" pensou ela.

A carruagem enveredara por ruas desertas e chegara a um terreno baldio, onde apenas, a intervalos, surgiam marcos brancos cravados no chão. Mais adiante, o muro, todo coberto de ervas secas e árvores despidas, cujos ramos nus riscavam um céu acinzentado.

Lucie sentiu um instante de inquietação: o cocheiro estaria enganado? Levá-la-ia para o campo, por acaso? Ia bater na vidraça para o interrogar, mas um solavanco brusco fez a rapariga sobressaltar-se, e a carruagem ficou imóvel.

Pela porta aberta, o rosto risonho do cocheiro informou:

— Aqui está a Rua Pépin.

Lucie sentiu o estômago apertar-se e uma grande sensação de peso na cabeça:

— Como? Já?

No entanto, ela seguiu o gesto e olhou. A rua descia tortuosa, muito estreita. As casas tinham todas as portadas fechadas em fachadas desprovidas de ornamentos; os candeeiros, projectando-se sobre as portas, pareciam alongar-se até aos muros em frente, altas paredes enegrecidas onde pendiam tristemente lianas sem verdura. E, do céu, Lucie não viu mais do que uma fina faixa cinzenta, apertada entre os telhados adversos, muito próximos.

— A carruagem nunca conseguiria entrar ali, por isso fui obrigado a parar. De resto, o número 7 está já ali perto. Vê-se bem, não é? O número!

Mais uma vez, o homem soltou uma risada ruidosa. Tinha pegado na mala e caminhava ao lado da rapariga. Ela manteve um sorriso, sem querer deixar transparecer a sua tristeza, que pareceria ridícula; estava-lhe mesmo vedado mostrar qualquer sinal de repulsa. Contudo, uma terrível sensação de pânico a invadiu, um desejo de fugir, de escapar dali.

Empurraram-na ligeiramente com o cotovelo, fazendo-a parar:

— É aqui.

As persianas do rés-do-chão, revestidas de chapa metálica, a porta de bronze adornada com grandes pregos e uma pequena janela gradeada, a lanterna com vidros vermelhos envolta numa rede de ferro, conferiam à casa o ar sombrio de uma prisão; mas, acima da porta, na cornija, um escudo azul exibia um enorme 7 dourado, uma proclamação de alegria, uma impudente placa.

O cocheiro, após ter tocado à campainha, viu a pequena janela deslizar; dois olhos brilharam por detrás das grades; depois de um "Ah, muito bem!" de reconhecimento, ouviram-se várias voltas de chave e ferrolhos a serem puxados, e a pesada porta rodou nos gonzos. Uma rapariga robusta do campo, de ombros largos e voz áspera, grasnou: "És tu a nova? Muito bem; vou chamar a Madame."

Lucie permanecia estupefacta com tamanha brusquidão, com uma indiferença tão ultrajante. Oh! Certamente, se as pernas não lhe tremessem assim, iria embora para bem longe, longe daquela prisão onde, como uma rapariga estúpida, se viera encerrar voluntariamente. Como iriam tratá-la! Quanta grosseria, quantas torturas, talvez!

Ao som vindo do interior, Lucie ergueu a cabeça: o corredor do número 7 surgiu-lhe esplêndido. Primeiro foi o chão, um mosaico de mármore negro e rosa, brilhante, reflectindo os objectos; ao centro, uma grade erguia-se inteiramente revestida de prata; uma folhagem dourada envolvia as barras num abraço resplandecente, e a rapariga, maravilhada, via essa folhagem espalhar-se por todo o lado, entrelaçando-se nas torções que emolduravam os painéis, enroscando-se nos suportes dos globos a gás, salpicando com pontos brilhantes os ornamentos do tecto. Ao fundo, numa vidraça pintada com flores, cintilavam também pontos de ouro. E as paredes cor-de-rosa, o tecto de tom havana, o chão onde a grade se espelhava, tudo parecia desaparecer sob uma camada radiante de poeira dourada.

Este espectáculo encantou Lucie Thirache. Ao menos, caíra numa casa frequentada por gente rica e asseada: via-se isso logo. E, para além da vidraça, nas salas, devia ser ainda mais magnífico. Teria gostado de ver, mas a grade impedia-lhe a entrada. O desespero voltou a apoderar-se da

rapariga; viu-se cativa por detrás daquele obstáculo intransponível, acorrentada para o prazer dos outros.

A vidraça foi empurrada. Apareceu uma mulher, toda vestida de seda negra, com ar muito digno, os dedos cheios de anéis. Um aspecto intimidante de dama "respeitável":

— Bom dia, minha filha, sê bem-vinda; entra, então!

A rapariga murmurou uma saudação. Perturbada, mexia nos plissados da saia, procurando a sua bolsa; mas a patroa deteve-a:

— Deixe, deixe, minha querida; agora que faz parte da casa, todos esses pequenos detalhes ficam a meu cargo.

Diante de tanta afabilidade, Lucie Thirache não respondeu. Assumiu uma expressão carrancuda: não seria com hipocrisia que a cativariam.

Atrás da Madame, subiu, com deslizamentos impacientes no rebordo dos degraus revestidos de cobre. No topo da escada, estendia-se um corredor sombrio, com tons de mogno a tingir as madeiras. Lucie teve de caminhar às apalpadelas, até que, ao abrir uma porta, a Madame deixou escapar uma torrente de raios luminosos.

O quarto era muito luminoso, com cortinas amarelas e uma tapeçaria quase branca.

— É aqui que ficará alojada. Esta divisão agrada-lhe?

— Mas sim, Madame, — respondeu Lucie, amuada, certa de que, mesmo que tudo aquilo lhe desagradasse, nada seria alterado.

— Aquela que estava aqui antes de si era uma rapariga de Boulogne; deixou-nos num impulso e vive agora com um caixeiro-viajante que lhe bate. Ora, veja, aqui está o que ela deixou.

A patroa avançou até à lareira e mostrou uma boneca em traje de marinheira, empalada sob as saias por um suporte

de madeira. Como Lucie permanecia em silêncio, sem qualquer compaixão pelas calamidades alheias, a Madame prosseguiu:

— Se não se importa, chamá-la-emos Nina, como à rapariga de Boulogne, porque já temos uma Lucie; assim, compreende...

— Sim, sim, Madame.

Sem dúvida, a patroa estava habituada a enfrentar tais atitudes, pois continuou, com uma segurança que irritou:

— Minha querida Nina, acredito que ficará contente com a casa; a Marianne só recebe pessoas muito respeitáveis… A propósito, será que ela já trouxe a sua mala? Ah, sim, aqui está… Com a sua boa aparência, não levará muito tempo a juntar uma pequena fortuna. Assim, será fácil tornar-se proprietária das coisas que a outra deixou e que lhe cederei por um preço razoável. Iremos descontando isso, aos poucos, dos seus ganhos.

Dito isto, a Madame, com um entusiasmo satisfeito, abriu o armário de espelho e expôs sobre a cama todo um brilho de tecidos vistosos e sedosos, enumerando as suas qualidades.

— Agora deixo-te; vais escolher entre estes trajes e, quando a campainha tocar, desces. A Marianne conduzir-te-á. Até logo, Nina.

— Até logo, Madame.

Aquela prolixidade melosa deixou Lucie Thirache fria, desgostosa, envergonhada de si mesma. Impunham-lhe um nome, uma farda; ajustá-la-iam, moldá-la-iam ao gosto dos clientes, como uma coisa sem vontade própria. A partir de agora, o seu dever era agradar, agradar a todos, sem descanso.

Ela quis certificar-se se conseguiria cumprir essa tarefa

sem grandes esforços. O armário de espelho estava colocado entre as duas janelas, e a rapariga estudou-se nele longamente.

Cabelos castanhos, encaracolados muito rente à testa, puxados em tufos espessos junto às orelhas, onde pendem grandes argolas de prata; emoldurada assim, uma face de bochechas cheias, todas esbranquiçadas de pó de arroz, lábios curtos e carnudos, brilhantes de um vermelho vivo, deixando ver a brancura mate dos dentes largos e altos, olhos cor de bronze afundados em órbitas sombreadas de bistre; as pálpebras, escurecidas com arte, são pontuadas de pestanas longas e espaçadas, e, entre elas, o nariz direito, fino, de narinas móveis. O corpo, moldado num traje azul, oferecia a Lucie a ampla saliência do peito, bem alto, seguido de uma cintura esguia, assente em ancas pouco desenvolvidas, que se afinavam em duas longas pernas, assentes sobre pés pequenos e arqueados.

Sem lisonja, era encantadora e podia admiti-lo. Pensar que teria de vender tudo aquilo! Ao menos, os homens teriam o que pagavam. E seria ali, no meio daqueles móveis, que repartiria o seu amor com quem quer que viesse.

O quarto tinha um aspecto burguês com a sua tapeçaria cinzenta de padrões azulados e a lareira de mármore riscado. Sob os globos de vidro, um relógio dourado com mostrador de faiança e castiçais. Entre a lareira e a janela, o toucador aberto mostrava o espelho colocado demasiado baixo e uma grande bacia cheia de água, onde boiava um jarro de forma elegante. O divã e as cadeiras eram desencontrados, apresentando desgastes esbranquiçados nos cantos dos tecidos há muito esticados. Por toda a parte espalhavam-se as malhas de uma peça de crochet; invadiam os assentos, prendiam-se ao tapete da mesa e

sobrecarregavam o abajur da lâmpada. Isso conferia à divisão um carácter puramente feminino, como Lucie não se lembrava de ter visto em mais lado nenhum. E, de repente, todos os quartos mobilados por onde passara desfilaram-lhe na memória, enfeitados com os seus móveis banais, os seus armários que serviam para guardar garrafas de licor; quartos de oficiais, com cornijas de alcovas decoradas com sabres cruzados; quartos de empregados, com as mesinhas cobertas de papéis cuidadosamente caligrafados; quartos de raparigas, com cómodas que suportavam estatuetas de gesso rosa; e, entre estes últimos, o de Marthe, uma antiga amiga, foi o que mais a perseguiu. Quantas tardes passara ali, ao redor da mesa redonda, em frente às chávenas cheias de café! Contavam-se histórias de enganos e partidas pregadas aos amantes. Ali, soubera das supostas travessuras de Léon, o seu primeiro amor. Estúpidos mexericos, calúnias, sem dúvida! As outras mulheres invejavam a sua felicidade e, para a destruir, não haviam poupado esforços. Ela, tola, sem compreender aquele jogo, seguira os conselhos delas, entregando-se estupidamente ao confidente de Léon, numa noite em que ele lhe contava histórias eróticas.

Um desses relatos, de que guardara memória, trouxe-lhe de volta pensamentos sobre as práticas da volúpia. Olhou para a cama. Quantas tarefas repugnantes seria obrigada a cumprir! Era de nogueira, de verniz brilhante, elevada pelo amontoado de edredões e cobertores, quase escondida sob amplas cortinas amarelas, com franjas vermelhas. Nada evocava a ideia de requintes estranhos. Também em nenhum outro lugar havia qualquer objecto ou gravura obscenos. Tudo ali parecia aguardar, sob a luz discreta que se filtrava pelas persianas fechadas, uma jovem muito pura,

pronta para dizer a sua oração da noite, antes de adormecer.

Na parede, pendiam litografias. Lucie quis observá-las mais de perto, decidida a conhecer todas as infâmias. Foi uma agradável decepção: uma delas representava um pastor e uma pastora a conversar sob uma árvore; na outra, estavam desenhados trajes de ballet.

Por muito tempo, contemplou as pernas arredondadas das bailarinas, os seus sorrisos graciosos, os seus olhos semicerrados. A visão daquele quadro lembrou-lhe os bailes campestres onde tanto se divertia noutros tempos, nos dias de folga. Reviveu o pátio da estalagem, com árvores mal crescidas, rodeado de mesas de jardim onde, todas suadas, as raparigas bebiam xaropes entre as quadrilhas. Teve uma reminiscência das melodias de valsa, uma recordação dos seus primeiros namoricos, uma visão dos seus pares preferidos que a beijavam na orelha durante as polcas. E pôs-se a trautear, enquanto tentava evocar as figuras dos seus parceiros de valsa. Depois, exasperou-se; o refrão de uma das *Cloches de Corneville* escapara-lhe da memória. Assobiou durante muito tempo, esperando relembrar-se das palavras esquecidas pelo encadeamento do recitativo. Não conseguiu; e, de súbito, outros sons lhe vieram à mente, uma polca de Farbach tocada quando dançou, pela primeira vez, com Léon. A imagem de Léon apoderou-se dos seus pensamentos. Revê-o belo, jovem, amável. Pareceu-lhe até ouvir novamente a sua voz, doce, desprovida do horrível sotaque local. As palavras do efebo tinham-lhe cantado aos ouvidos com inflexões tão ternas que já não compreendia agora a resistência prolongada que lhe opusera. Por fim, amara-o e, com ele, experimentara o supremo prazer de se sentir acariciada, beijada, apertada apaixonadamente. Que êxtases aqueles! Lucie Thirache perdeu-se em devaneios

encantados, revivendo a sua vida de amor. Os lábios entreabriram-se-lhe. Sentada no divã, a cabeça reclinada no encosto, olhava para o tecto, os olhos perdidos, em êxtase.

Mas, quando esgotou a série das lembranças felizes, uma tristeza voltou a invadi-la. Pensou, com desespero, na sua falta, na ruptura com o amante, na vida de festa que desejara ardentemente, para se esquecer de tudo.

E os seus olhos cruzaram-se com a litografia do ballet, revivendo mais uma vez o baile, mas aquele era diferente; ignóbil, quase lúgubre. Ela ia a esse baile, quando o pai, ao saber da sua conduta, a expulsou de casa. Abandonada por aqueles que a haviam perdido e tornada incapaz de trabalhar por um esgotamento mórbido, buscava, para se sustentar, amores passageiros. Numa sala de dança, cujas paredes mal pintadas mostravam a marca castanha dos dedos sujos, entre raparigas de cabelos soltos e mãos vermelhas, e sargentos com ares de proxenetas, rodopiava, agarrada a jovens ricos em busca de diversão, para obter o pagamento do seu quarto, da sua comida e das suas roupas.

Essa existência era verdadeiramente demasiado penosa e não menos desonrosa do que a do bordel. Ao menos, garantia-se abrigo e pão.

Pão para a sua carne! Ela ia vender-se a quem a quisesse, sem distinção. Daqui em diante, será a amores de um minuto, a aspirações bestiais que terá de satisfazer. Terá de imitar as carícias ternas outrora dedicadas ao homem amado, ressuscitar pela mentira uma paixão extinta.

Lucie Thirache deleitava-se em imaginar todas as vilezas que iria suportar. Insultava-se a si própria, e lágrimas ardentes corriam-lhe pelas faces, detendo-se nas redondezas do rosto até estarem suficientemente pesadas para escorrer e molhar as mãos cruzadas nas saias.

Ela permaneceu sentada no divã, com os olhos arregalados, fixos obstinadamente na boneca de Boulogne, quando a campainha soou e a voz forte de Marianne chamou: “Todas as meninas para o salão!”

II

A entrada de Lucie no grande salão provocou um tumulto. Viu-se rodeada, apertada, entrelaçada. Rostos barbados roçavam-se contra ela, beijos estalavam-lhe nos ombros nus; mãos surgiam de dentro das mangas brancas. Ela, atónita, não ousava avançar. Um terror repulsivo apoderara-se dela ao contacto daqueles machos no cio e, com os braços, afastava os agarranços, repetindo:

— Vá lá, deixem-me, estão a amarfanhar-me.

Afastaram-se.

— Oh! Deixa ver esse belo vestido!

— Que elegância! Mas que mal-encarada que ela é!

— Pronto, pronto, minha senhora, deixamo-la.

— Mais uma, sobre o ventre de quem todos vão passar!

Ela encolheu os ombros, exibindo um grande desprezo por essas observações, e foi sentar-se numa poltrona, murmurando:

— Que imbecis!

Ela ajeitava e alisava as pregas da sua saia amarela, os folhos de renda negra. Aos gracejos de um jovem, sentado ao seu lado, não se dignou, a princípio, responder. Mas, achando insuportáveis as suas perguntas incessantemente repetidas, respondeu-lhe com raiva:

— Chamo-me Nina, está bem? Agora está satisfeito?

— Como és cruel!

Satisfeita por desabafar a sua fúria e o seu desprezo, exclamou:

— Pois é, isto é mesmo uma estupidez, atirarem-se assim para cima de uma mulher e estragarem-lhe todas as coisas!

— Vá lá, estás maluca por te zangares assim; é porque te

acham simpática, caso contrário não te diriam nada; é preciso divertir-se!

— Ah, sim. Isso não cola.

— Mas garanto-te, és encantadora, de sevilhana, com um belo peito, num belo corpete vermelho e uns belos braços bem brancos. Vá, deixa a tua saia em paz, está tudo impecável.

— Vejam só, ali em baixo está tudo descosido.

— Espera, eu trato disso; sempre tive jeito para ser costureiro.

Ajoelhou-se e começou a alisar as rendas, exagerando numa mímica burlesca. Divertida, apesar de si mesma, Lucie deu-lhe algumas pancadas na cabeça com o leque. Uma grande simpatia começou a crescer na rapariga por aquele que a adulava. Ele não era nada mau: um rapaz alto e bem constituído, com cabelos louros cortados rente sobre uma pele branca, olhos azuis, uma barba encaracolada, que considerara muito fina quando ele a beijara.

Sentiu um travo de desagrado quando o viu a pedir a outra mulher, "à sua querida Laurence", para cantar ao piano.

Formou-se um círculo em volta do instrumento, e Lucie, abandonada, foi tomada por uma sensação de desalento desanimado. As suas previsões não a haviam enganado; eram mesmo repugnantes aqueles homens com os seus desejos sórdidos, que não faziam questão de esconder; nunca conseguiria deitar-se com eles. Apenas um parecera ter por ela uma compaixão delicada; e deixava-a ali, sem um mínimo de consideração. Certamente, não ficaria naquela casa; à primeira oportunidade fugiria… Ainda há pouco, ao descer, estava firmemente decidida; mas a grade, diante da qual Marianne montava guarda, tornava

impossível qualquer tentativa de fuga. Aquele corredor era, de facto, belíssimo, com a sua grade prateada, os painéis lisos e a estranha luz que caía dos globos vermelhos. A sala não parecia tão rica.

Ela seguia com o olhar os jogos de luz sobre os móveis, sobre o tapete do guerridon, sobre as cortinas, o tecido verde com riscas castanhas. Na parede havia uma tapeçaria esverdeada, quase oculta sob enormes espelhos com molduras douradas. E Lucie avistou, reflectidos, a lareira de mármore negro, o relógio, os dois pastores de bronze segurando os candelabros e, mesmo no canto do espelho, o grupo de homens envoltos em fumo, rodeando o vestido claro de Laurence.

— Então? Não é divertida esta música?

Uma mulher pequena, de corpo magro, enfiada numa camisa de seda, com o rosto enrugado e coroado de cabelos loiros, sentou-se e repetiu a pergunta.

— Não sei, ainda não ouvi.

— Está a ver, é a Laurence que canta. Ela canta sempre um monte de disparates, coisas aborrecidas como tudo, compreende, porque gosto de coisas engraçadas. E você?

— Tanto me faz.

— Ah!... Quando chegou? Esta noite, não foi? Então ainda não comeu aqui? Pois vai ficar bem contente; vai ver como a comida é boa, e há tanto quanto quiser.

— A sério?

— Oh! Há imensos pratos. Isto não é uma má casa, sabe? A Madame é uma boa pessoa, e o Monsieur também, e os tipos que cá vêm são bons rapazes, bem divertidos. Só que, daqui a pouco, a Madame vai aparecer, porque eles estão só a fazer fita, a divertir-se por nada; é aborrecido. Não é nada elegante, não acha?

Lucie permanecia atordoada sob aquele fluxo de palavras. Seria parva aquela rapariga? Mas era também simpática por ter vindo ter com ela ao vê-la sozinha. Lucie decidiu ser graciosa, pois precisava de fazer uma amiga. Quem sabe se as outras mulheres não seriam maldosas? E esforçou-se por manter a conversa.

Reine, em troca, derramou intermináveis informações sobre os hábitos da casa, terminando por elogiar Lucie, que achara encantadora:

— Está a ver, fiquei com pena de a ver ali sozinha. Então vim ter consigo. É tão simpática! Olhe, tem os pés ainda mais pequenos do que os da Germaine.

— Quem é a Germaine?

— Aquela ali, a fumar, que está encostada ao piano. É inglesa, então fala de forma engraçada, é uma graça! Não é nada fácil de entender. E imagine que o nome dela era Lucie, mas diziam-lhe sempre: "Lucie, que seca!" Então mudou de nome e fica furiosa se não a chamam Germaine.

— E a outra, que está a beijar o rapaz ali ao fundo?

— Aquela é a Emilia, uma beata. Passa o tempo todo a rezar. Não sei o que veio fazer aqui. Teria sido melhor ter ficado no convento, com certeza. É engraçado, não acha? Imagine que nunca quer usar vestidos curtos, nem collants; usa sempre vestidos compridos; é uma mania, sabe, tal como a Laurence.

— Aquela que canta? Tem um ar elegante!

— É casada, sim — traiu o marido e ele mandou-a para a prisão; depois, ela veio para aqui… Laurence, canta um pouco da *Mascotte*! Vai ver como canta bem. Laurence, Laurence! Pronto, agora estão todos a beijá-la, não ouve nada.

Lucie Thirache, atenta às indicações, observava com

curiosidade as roupas e os modos das outras raparigas. Emilia parecia uma tola, com a cabeça sempre no ar. Germaine parecia sofrer por nunca conseguir terminar as frases, que concluía sempre com um gesto de impaciência. Nenhuma delas mostrava os traços verdadeiros, escondidos sob a maquilhagem. Ao olhar-se ao espelho, Lucie achou-se muito melhor do que aquelas mulheres, mais fresca e mais apetecível. Se os homens a negligenciavam daquela forma, era porque ela não lhes fazia avanços. No entanto, sentiu um desejo secreto de afirmar o seu valor, de se mostrar evidentemente superior a todas, sobretudo a essa Laurence, cuja opulência das formas e o peito ondulante atraíam as carícias. Via-a a esforçar-se para seduzir Eugène. Sem dúvida, aquele rapaz era rico, pois todas se apressavam a agradar-lhe. Talvez aquela que soubesse cativá-lo conseguisse obter a sua saída do lupanar, tornar-se sua amante...

Que felicidade, se conseguisse fazê-lo apaixonar-se por ela! Seria livre, mantida luxuosamente. Decidiu, então, monopolizar as atenções do rapaz para si, encantada com a esperança de uma vida independente e próspera.

Quando o jovem se aproximou, chamou-o:

— Então, é assim que me abandonas? Não é nada simpático, realmente.

— Oh! Minha pobre Nina, cá estou; que queres? Que te ame?

Nesse momento, entrou a Madame. Parecia contrariada. Fez-se silêncio, e ela ordenou:

— Minhas senhoras, chamaram por vocês, passem para o salão azul.

— Ah! Cá vem a ronda do champanhe, hein, Madame Donard? — exclamou Eugène. — Muito bem, traga esse

Sillery de família. Quantas garrafas são precisas para que estas senhoras fiquem? Uma? Duas? Três?... Diga lá, quantas?

— Não é só isso, chamaram estas senhoras. Vou deixar-vos uma para vos fazer companhia. É tudo o que posso fazer.

— Como assim, só uma mulher para seis homens? Isso é indecente, Madame Donard. Aliás, asseguro-lhe que subiremos. Façam trazer o champanhe. Três garrafas!

— Ouçam, estou disposta a deixar-vos as senhoras, mas levarei duas para uma outra companhia que tenho por aí. Emilia e Germaine, venham.

— Digam lá, vão trazê-las de volta quando esses tipos se forem embora?

— Sim.

— Ora, é um anjo. A vida, sem mulher, vê-se, é como o deserto sem o camelo.

Várias vociferações pontuaram esta frase! As senhoras protestaram. A Madame saiu com as duas pensionistas. Lucie puxou Eugène para si.

— Então, eu sou um camelo? Muito educado, tu!

— Não, não estás a perceber!

E ele lançou-se numa explicação sobre o Saara e as suas caravanas. Lucie interessou-se pouco. Distraía-se a observar Laurence, que de vez em quando a fixava com um olhar descontente. Esta mulher estava deitada nos braços de um oficial; um rapaz muito jovem coçava-lhe a planta dos pés, fazendo os dedos estalar contra a seda das meias lilases. Reine falava com seriedade, provocando espasmos de hilaridade com o seu discurso. Dois tenentes de artilharia, que a escutavam, ajeitavam os monóculos após cada crise de riso, e a rapariga, de vez em quando, irritava-se:

— Não, se estão a gozar comigo, assim, não digo mais nada.

Mas logo ela retomava os seus relatos, com o mesmo ar sério.

— Eu sabia que não querias realmente dizer que eu era um camelo — concluiu Lucie, ao beijar Eugène, quando ele terminou a explicação. — Não, vê lá, não podes insultar-me: dos outros, isso tanto me faz; mas de ti, isso magoar-me-ia demasiado.

— A sério? — respondeu Eugène, ironicamente.

— Sim, asseguro-te: quando te vi, causou-me um efeito. Ah, eu sei, não vais acreditar... afinal, uma rapariga de casa, essa não pode amar!

— Ora, claro que sim, como as outras, mas não tão depressa. Confessa lá, estás a tentar enganar-me, não?

— Sim, goza comigo, vai! Esta é a primeira casa em que trabalho; é a primeira noite que aqui passo.

E começou uma história, enredando os detalhes sem hesitação. Compô-la de forma tão comovente que acabou por se enternecer a si própria. Era a vítima de um patife que a engravidara e a deixara plantada. Filha de boa família, não sabia fazer nada e fora forçada a prostituir-se para sobreviver. Lucie viu o homem tornar-se gradualmente menos incrédulo; a emoção começava a contagiá-lo. Ela aguardava as respostas, baixando a cabeça com um ar triste sempre que pareciam confirmar o que dizia, impacientando-se, acumulando anedotas, reproduzindo conversas que jurava ter mantido, se algum detalhe parecia ser posto em dúvida.

Eugène levantou-se para pagar o champanhe que Marianne trouxera. Seguiu-se entre os jovens uma pequena luta de generosidade. Ele foi o vencedor, e Lucie pôde ver

o brilho do ouro no fundo da sua bolsa. Agora, tinha a certeza daquela riqueza. Convencida de ter causado uma grande impressão, estava muito feliz, já se via na sua própria casa, a limpar móveis de pau-rosa ou a reinar num camarote de teatro. Seria também bem agradável ser a amante de um rapaz com uma barba tão macia.

Ergueu-se um grande alvoroço: queriam beijar a governanta. Esse espectáculo divertiu Lucie; contudo, apesar da vontade que tinha, conteve o riso e manteve a expressão lúgubre.

Eugène tinha voltado para se sentar ao lado dela. Lucie reclinou a nuca sobre o ombro dele, enlaçou-lhe o pescoço com os braços e, com uma voz langorosa, encantando-se com a harmonia das suas próprias palavras, murmurou:

— Sim, eu, a ti, amei-te logo, assim. Não tens aquele ar de malandro como os outros, nem és pretensioso como os oficiais. É feio ser pretensioso. Olha como eles parecem tolos, com aqueles monóculos; e também não és desleixado como aquele ali, com o cabelo oleoso a cair sobre a gola. Tens uma bela pele, branca como a de uma mulher, bem macia para beijar, e mãos cuidadas com unhas bonitas. Vês, eu não conseguiria estar com os outros; sempre conheci gente distinta, e seria um grande sofrimento conhecer outro tipo de pessoas agora.

Ele deixava-se levar, dando-lhe longos beijos no pescoço e nos seios. Ela simulava um estremecimento irresistível, e ele repetia:

— Que refinada, esta pequena Nina! Que refinada!

De repente, uma exclamação fê-lo virar-se.

— Ah, essa aí, mas ela monopoliza, monopoliza; essa mulher abusa do monopólio! E ele nem sequer bebe.

— Ora, claro que sim — respondeu Eugène —, aqui

estamos. Não é, Nina, que queres beber?

Ela respondeu em voz muito baixa:

— Sim, vê, temos de nos animar; a noite será melhor.

Um oficial fez saltar a rolha de uma garrafa. As mulheres gritaram; a espuma branca transbordou em grandes fluxos nas taças. Brindaram. Depois, houve um breve silêncio, apenas interrompido pelo tilintar dos copos que voltavam a encher. Os oficiais conversavam entre si, sem prestar atenção às mulheres; um estudante acariciava os cabelos longos com uma mão, enquanto a outra vagueava, numa carícia lasciva, sobre as suas vizinhas Germaine e Emilia, que tinham regressado ao salão. O rapaz mais novo agora coçava os pés de Reine.

Lucie Thirache, imersa num repouso delicioso, mantinha-se silenciosa; apenas a ouvir o sussurrar dos leques e o som seco de uma taça pousada na bandeja, experimentava um prazer calmo. Acendera um cigarro, soprando a fumaça para a boca de Eugène, que murmurava palavras amorosas. Sentia-se muito bem assim, perdida num sonho lânguido, com um futuro feliz em perspectiva, contente por se sentir abraçada por um homem que a desejava, bebendo pequenos goles de vinho espumante e lançando ao tecto finas espirais azuladas.

Ela embriagou-se. Pouco a pouco, os objectos pareceram vacilar, os contornos tornaram-se indecisos, cintilando num brilho contínuo. Depois veio a dança, no pátio coberto, à luz rubra dos globos de gás vermelho. Sentia-se muito leve, ajustando o corpo ao de Eugène. E o turbilhão acelerava-se; já só ouvia a música em fragmentos.

Rostos vermelhos, completamente vermelhos, giravam ao seu redor, em frente às janelas do salão, que lhe pareceu de um branco ofuscante, extraordinário, fenomenal. Tentou

entender por que razão tudo era vermelho de um lado e branco do outro, sem sucesso, e fechou os olhos. Continuava a girar. Teve a visão de uma sarabanda gigantesca: a carruagem em que chegara, as ruas, os homens, os vestidos polícromos, o armário de espelho, tudo girava com ela, inclinava-se e endireitava-se. De repente, a câmara municipal avançou como para a esmagar, depois afastou-se, encolheu-se; por um instante viu-a pequena como um dado, destacando-se muito ao longe sobre um fundo uniformemente vermelho. Em seguida, pareceu-lhe tê-la engolido, que crescia dentro dela, alargava-se, rompia-lhe o peito, prestes a sufocá-la. Sentiu um vómito a subir, abriu os olhos.

Ela estava no salão, desmoronada num divã. Uma névoa luminosa envolvia-a, separando-a das outras pessoas. Por trás dessa névoa, Laurence, cambaleante, vertia champanhe, gota a gota, na boca de um oficial deitado no chão. Examinando-se a si mesma, Lucie via a sua saia amarela a tremer, as rendas negras, as meias violetas, os pés firmes no chão; continuamente, o chão erguia-se ou desaparecia sob ela, para depois nivelar-se e voltar a erguer-se. E, com uma vaga ideia de que lhe adviria um grande bem se beijasse o homem estendido ao seu lado, beijava-o por todo o lado, apertava-o, sem descolar os lábios da pele dele.

Uma a uma, as mulheres desapareceram; ela mesma se levantou ao ouvir uma pergunta que lhe fizeram. O chão movia-se sob as suas pernas; teve de se apoiar na porta para recuperar o equilíbrio. Viu Eugène a dar dinheiro a Marianne, e ainda pensou que isso era muito conveniente, pois não teria de se preocupar com nada. Por fim, entoando o refrão das *Cloches*, perdido na tarde e que acabara de

recuperar, cantou-o com todas as suas forças enquanto subia as escadas. Estava tomada por uma alegria louca, com uma enorme vontade de quebrar os globos de gás.

Na manhã seguinte, ao acordar, Lucie Thirache encontrou vinte francos sobre a mesa de cabeceira. Fez as contas: tinha ganho trinta francos no dia anterior e divertira-se bastante. Que bebedeira!

Reflectindo bem, não ter pedido a Eugène para ser sua amante era uma omissão de pouca importância; poderia até ter parecido ridículo.

III

Muito rapidamente, Lucie Thirache adquiriu os hábitos das suas companheiras e adaptou-se ao seu modo de vida.

Ao acordar, muito depois da partida do amante de ocasião, saltava da cama para entreabrir a janela e, logo de seguida, voltava a aninhar-se nos lençóis, inalando o ar que se filtrava pelas persianas cerradas. Do quarto agora arejado, desapareciam as emanações pestilentas de tabaco fumado e de champanhe entornado. Um grande alívio invadia a rapariga: a sua cabeça ficava mais leve; no seu rosto refrescado, os cabelos flutuavam, dando-lhe a sensação de uma doce carícia. Logo se sentia completamente desperta, em plena forma. Erguia-se, e entregava-se a intermináveis abluções com água perfumada, numa contemplação atenta do seu corpo nu diante dos espelhos. Penteava-se com cuidado e, depois de terminar a toilette, ocupava-se em arrumar o quarto. Os móveis eram recolocados nos seus lugares; apanhava os ganchos de cabelo, os botões de calções, os maços de cigarros vazios e acabava por chamar Marianne para lhe devolver as taças, para serem lavadas.

Lucie fazia todas essas tarefas com prazer, feliz por não sentir nas suas saias as mãos luxuriosas dos homens, nem o hálito deles nos cabelos. Dos seus anos de juventude laboriosa, conservara aquele amor pela ordem. E, sem saber muito bem porquê, cansada das bebedeiras ruidosas, gostava de estar sozinha por um momento, livre para agir a seu bel-prazer, sem ser o foco de atenção de ninguém. Prolongava esta ocupação por bastante tempo. Em seguida,

o caderno de roupa absorvia-a em cálculos impacientes: muito orgulhosa das suas economias, contava que, naquela semana, ainda conseguiria aumentar o seu enxoval com duas fronhas ou uma camisa com bordados.

Com uma secreta apreensão por retomar a tarefa diária, decidia-se a descer para o pequeno-almoço. Mas, de cada vez, o aspecto da mesa branca animava-a com uma curiosa alegria; porcelanas reluziam entre os talheres de prata que tilintavam, e conversas ruidosas preenchiam o espaço, sem interrupção. Sentada entre as suas companheiras preferidas, perguntava-lhes sobre os acontecimentos da noite anterior e sobre o dinheiro ganho na véspera. Agora, a questão financeira preocupava-a especialmente. Falava disso incessantemente, invejando muito as mais ricas. Pois Lucie achava sempre que aquela situação não seria, para ela, definitiva. Desejava poder saldar as suas dívidas, sair dali com algumas economias e tentar a sorte num amor único e lucrativo. O amor no lupanar parecia-lhe apenas um meio de aumentar o seu pecúlio; como não experimentava qualquer prazer em satisfazer os homens, não acreditava que se estivesse a corromper. Comparava-se às raparigas que bajulam familiares muito feios e velhos para lhes obter algum presente: isso era aceitável; porque seria ela mais culpada do que essas crianças? Encantada com essa desculpa, esforçava-se para aperfeiçoar a sua simpatia, desejosa de aumentar o número dos seus clientes.

Depois do almoço, as senhoras, que se mantinham durante muito tempo a conversar em volta da mesa já despejada, acabavam por se levantar, espreguiçando-se e, arrastando atrás de si os seus longos roupões claros, iam instalar-se no pequeno salão. Era uma sala baixa, com tapeçarias escuras. A luz, que vinha de uma clarabóia,

conferia-lhe uma claridade triste, muitas vezes interrompida pelas listras prateadas da chuva grossa ou salpicada pelos redemoinhos cinzentos da neve meio derretida. Cada uma delas preparava um trabalho de crochet; Lucie, por sua vez, tirava da sua cesta uma peça de tricô começada e, enquanto as outras acendiam cigarros, Lucie Thirache, encostada à parede, tricotava activamente. As raparigas observavam-na, bebendo absinto e exclamando: "Ora vejam, que velocidade!" com uma admiração sincera pela sua agilidade e destreza.

Inicialmente, Lucie tricotava para si, por economia, para evitar a compra de meias e camisas que Donard vendia a preços muito elevados. Mas, ao serem-lhe pedidos pelas colegas, consentiu, receando, caso recusasse, zangá-las e criar uma inimiga. A Madame também reclamou; fez para ela o que fizera para as outras; até começara um colete para o Monsieur. Em troca, prodigalizavam-lhe elogios e carícias. Sentia-se muito lisonjeada com aquelas atenções. Para satisfazer a sua necessidade natural de ser mimada, esforçava-se por manter aquelas boas graças, prestando mil favores.

Tricotava durante toda a tarde, meio deitada no divã, tendo grande cuidado de retirar os pés de cima da almofada sempre que ouvia a Madame a trotar pelo corredor; a patroa não tolerava essas poses "que, dizia ela, ofendiam a decência e o tecido dos móveis". Aquele trabalho fácil e mecânico não cansava Lucie. Não a impedia de conversar, nem de ouvir as histórias contadas. Interessava-se por Emilia, que declarava que aquele salão frio e pouco iluminado lhe lembrava o convento onde fora educada por caridade e, certamente, se o tio não a tivesse violado num dia de embriaguez, teria permanecido muito austera e muito

piedosa.

Esse relato revoltava Lucie Thirache; esse tio parecia-lhe profundamente nojento, e exclamava, indignada:

— Que porcos que são, esses homens!

— Ah, isso é bem verdade — afirmava Laurence.

Também eram contadas outras histórias. Mas o sotaque inglês de Germaine encantava particularmente Nina. Divertia-se imenso a ouvir a colega descrever a miséria da sua família e as manias do pai, um clérigo que tivera catorze filhas. Então, de repente, uma tristeza invadia Lucie: pensava que os seus pais não eram nem miseráveis nem maus, e, numa severa acusação de si mesma, julgava-se uma filha desalmada. Recordava-se do pai, da sua indignação furiosa ao expulsá-la de casa, censurando-a por o ter desonrado. Uma grande tristeza apoderava-se dela; permanecia absorta em pensamentos terríveis, considerando-se um ser abominável, merecedor de todas as desgraças. Contudo, uma pergunta de Laurence interrompia-lhe as reflexões:

— Já terminaste o livro que te emprestei?

— Sim, li-o com Emilia; era muito bonito.

Resumia a obra com entusiasmo. O final ambíguo dos capítulos emocionara-a particularmente. Era preciso não ser nada estúpido para escrever livros assim!

— Sim, mas — explicava Emilia — tem uma coisa idiota: é um padre que quer dormir com Djemma, sabes, a jovem que se casa com Ribéric, no fim, quando a ferida dele sarou.

— Porque achas que é idiota? — perguntou Laurence.

— Ora, porque não é verdade: os padres não são assim. Vivi com bastantes para saber que eles não quereriam magoar Deus.

— Ah, lá está ela de novo com o seu bom Deus, esta beata! — clamava Reine, irritada.

— Ah, sabes, Reine, não fales mal de Deus, dá azar.

— E depois, se não acreditássemos que iríamos para o céu, a vida não teria graça nenhuma!

— Ah, pois se acreditas que vais para o céu com a vida que levas…

— E então, o que é que tem? Por que não? Quando uma não faz vida de rua por prazer, é sempre perdoada, claro, mas, enfim! é preciso estar sempre a pensar em Deus e fazer bem as orações, só isso.

— Ah, com certeza, como se nunca te divertisses a rir!

— Eu? Nunca na vida!

— Então porque fazes esta vida?

— Ora, se a tua mãe te tivesse posto na rua, sem um tostão e grávida ainda, o que terias feito? Quando tive o meu filho, era preciso viver, e também não tinha profissão. Mas tanto faz, se me arranjasse, bem que lhes daria um corte… e depois, os homens podiam vir atrás de mim, que eu mandava-os passear. Entretanto, rezo todas as noites a Santa Madalena, uma oração que me ensinaram, e até nem é nada comprida; com isso, estou salva e, se me confessar antes de morrer, serei perdoada.

As outras mulheres escutavam com grande respeito as prolixas explicações de Emilia. Reine afastava-se para um canto, encolhendo os ombros. A devota explicava a religião e contava milagres que maravilhavam Lucie Thirache. Pensava que um ser como Jesus, capaz de ressuscitar os mortos, deveria certamente ser um Deus. Pediu à sua colega que lhe ensinasse a oração a Madalena; afinal, se não fizesse bem, também mal não faria. Reine, irritada por fim, perguntou:

— Achas que ele também ressuscita virgindades, diz-me, Emilia?

Uma gargalhada espasmódica retorceu as mulheres, inclusive a devota; e todas se puseram a fazer piadas. Lucie, no início, achara repulsivo aquele tipo de diversão; aos poucos, foi-se habituando e acabou por se tornar muito hábil a desviar para sentidos lascivos expressões muito simples. Mas Reine, tendo soltado uma ainda mais ousada do que as anteriores, fez com que todas protestassem, depois de rirem. Afinal, não era preciso ser tão nojenta. Pensava ela que estava numa casa para soldados, a servir a Blanche? Era revoltante; se a Madame a ouvisse, ficaria muito contente: parecia uma rapariga de rua.

E Laurence, com acrimónia, desatou a falar das raparigas de rua que Donard apanhava para oferecer aos devassos. Havia muitas delas no número 7, naquele momento, por causa do conselho de revisão. Ficariam até depois dos exames de Março, que atraíam os estudantes.

— Se ainda fosse só isso — acrescentava Emilia —; mas no outro dia, a Madame disse que viriam muitas mais para as festas de Gayant, e depois para o regresso das férias. Que engraçado; umas raparigas da rua!

Lucie Thirache desprezava-as:

— Como é que é permitido! Que estupidez querer ser livre a esse preço.

— Oh! E além disso, o Monsieur protege-as demais; elas ficam atrevidas — observava Reine.

— É porque ele é bom demais — respondeu Nina.

Ela sentia, por Monsieur, uma admiração misturada com receio. Esse potentado aparecia raramente entre as mulheres, apenas quando rebentava uma discussão demasiado violenta para a Madame conseguir apaziguar

sozinha ou quando uma multidão de bêbedos ameaçava devastar o estabelecimento. Fora dessas raras ocasiões, o Monsieur não aparecia. Passava o tempo no seu atelier, a esculpir cachimbos de madeira, descendo apenas se conseguisse um exemplar particularmente bom, para o mostrar orgulhosamente a todo o pessoal.

Lucie achava-lhe um ar muito distinto, considerava-o muito instruído. Se algum dia se casasse, gostaria de ter um marido "daquela estirpe."

— E além disso, ele trabalha tão bem! — acrescentava, maravilhada.

— Senhoras, à toilette!

Era a governanta a avisá-las de que se preparassem para a noite.

— Já?

Levantavam-se, felizes por aquela distracção. Durante uma hora, sob o olhar benevolente do patrão, que passeava no corredor com as suas calças brancas, havia um vaivém contínuo. As meninas encontravam-se nas escadas, um pote numa mão, um balde na outra. E, na sala forrada de couro vermelho, com os bancos que cobriam as banheiras removidos, as mulheres faziam as suas abluções, rindo, atirando água umas às outras pela sala.

Depois, Lucie Thirache subia rapidamente as escadas, toda arrepiada com o frescor que reinava no pátio coberto e no corredor. A Madame encontrava-a no quarto, e enquanto a rapariga se vestia, inspeccionava meticulosamente o armário de espelho, as roupas, fazendo mil perguntas. Confidenciava a Nina que, decididamente, Reine era muito brusca com os senhores e que se veria obrigada a afastá-la. Lucie, muito orgulhosa dessas confidências, enumerava os defeitos da sua colega, incentivando a patroa a despedi-la.

Assim, dava-se ares de superioridade.

Mas a Madame acalmava-se:

— Pense lá; uma nova, que não conheço de lado algum…

E já imaginava essa futura pensionista com todos os defeitos. Acabava por dizer:

— Vou tentar mais um pouco, assim como está. Olha, chama-a aqui para eu lhe falar.

Pouco depois, todas as meninas estavam reunidas no quarto de Nina. A Madame destilava conselhos e recomendações:

— Sobretudo, não se esqueçam: é preciso serem muito amáveis com o cavalheiro de suíças da noite passada. É um homem muito bom, com dinheiro; quem souber conquistá-lo, ele paga-lhe as dívidas e põe-na em casa própria. Vão ver se não tenho razão.

Depois de a patroa descer, as vozes elevavam-se num coro de elogios. Lucie Thirache perguntou:

— Os Donard são ricos?

— Claro que sim — respondeu Laurence. — Eles são todos patrões, de pai para filho, nessa família; e olha que fazem muito dinheiro!

— Sim, e o pai de Monsieur até tinha uma casa no fim da rua de Arras.

— E ela?

— Ela é filha da mãe Trumet, que tinha o número 7. A mãe dela pô-la num colégio até aos vinte anos e, depois, o pai Trumet meteu-a no seu "batalhão".

— Diz-se até que quem ficou com ela primeiro pagou 1.500 francos.

— Por uma só noite?

— Ah, não sei. Mas é bonito, de qualquer forma.

— Pois é. Mas também, ela ainda tem muito charme — observou Lucie.

— Sim, tem uma boa figura. A mãe Trumet deve ter ficado bem orgulhosa dela naquele dia.

— Ah, adorava a sua menina! Por isso casou-a com um homem muito bom, que estudou Direito, e ele evita-nos um monte de problemas com a polícia, porque sabe bem o que é proibido.

— Ela deve ser muito feliz.

— Merece isso, é uma boa mulher. E pensar que há gente que a critica por causa do seu ofício!

— É preciso ser muito ignorante!

— Não há trabalhos baixos; só pessoas baixas.

— E ela não é nada burra, ah, não é!

— Como ela sabe adivinhar as artimanhas que lhe querem pregar!

— Esta mulher nunca será enganada, podes crer.

— Não há perigo, valoriza demasiado o dinheiro para isso.

— Compreende-se, depois de tanto trabalho para o ganhar.

— Bah! Nem foi assim tanto trabalho; foi a mãe Trumet que lhe deixou tudo, e também o pai Donard. Sem contar que a casa nem está assim tão bem.

— Ela tem deixado a casa a cair. Não se ocupa o suficiente.

— É isso, é uma preguiçosa e tanto.

— E não vale a pena ser preguiçosa, quando se está tão interessada nisto como ela.

— Isso é! Interessa-se mesmo! Vê lá como anda sempre a remexer em tudo, a ver se não temos dinheiro escondido.

— Sim, ela tem um medo terrível de que façamos

economias e que, num belo dia, lhe paguemos as dívidas e a deixemos pendurada.

— Espia-nos de forma implacável.

— Ah, sim, sempre a espiar-nos. Está sempre em cima de nós...

— Não falem tão alto, cambada de idiotas! Ela pode estar atrás da porta; ouve sempre tudo o que dizemos.

E Lucie Thirache foi ver, cautelosamente, pelo buraco da fechadura, se havia alguém no corredor.

IV

Uma última vez, Lucie Thirache foi vislumbrar-se nos espelhos do salão verde. Aquele vestido branco com bolinhas azuis, endurecido de goma, assentava-lhe na perfeição: a pele estava toda rosada, fresca e alva, tão limpa quanto o traje. Não tinha posto maquilhagem: para ir ao campo, era desnecessário! E não sentir a pele tensa e repuxada sob o branco espesso parecia-lhe uma sensação nova, muito agradável. No entanto, temendo que o sol e o ar fresco lhe queimassem a tez, passou uma leve camada de pó sobre o rosto. Voltou ao corredor, onde Laurence e Emilia aguardavam a carruagem que as viria buscar, pois Donard decidira fazer um passeio campestre naquele dia.

Ao som do tilintar do metal a dançar na Rua Pépin, precipitaram-se para a escada, chamando em coro: "Madame!"

E, no fiacre, depois de uma saudação digna e um aceno à face sorridente do cocheiro, foi uma verdadeira tarefa dispor as saias engomadas sem as amarrotar, com os folhos a estalar a cada movimento. A patroa, muito confortável num vestido de popelina azul, troçava da sua vaidade.

O fiacre avançava pela cidade. A Madame insistira em que atravessassem as praças, "seria mais alegre". Na praça d'Armes, os cafés enchiam-se de verde e murmuravam com o tilintar de louça e as conversas. Lucie lembrou-se da sua chegada à cidade, dos receios que a agitavam na altura. Que ridículas eram essas inquietações! Que sorte a sua em ter vindo para o número 7. Não era encantador aquele passeio para fora das muralhas? E aquele lanche que fariam na

propriedade da patroa, com as guloseimas empilhadas no tejadilho do fiacre, em dois grandes cestos?

No Café du Centre, um senhor reconheceu-a e enviou-lhe beijos. Madame, visivelmente irritada, ordenou-lhe que se retirasse da janela: “Essa louca vai acabar por nos trazer problemas!”

O sol lançava-se pesadamente na rua de Paris. Clareava a pintura amarelada das casas, iluminava as letras negras das tabuletas. Para as mulheres, sempre enclausuradas, aquele sol parecia magnífico: ofuscadas, eram obrigadas a olhar para o lado da sombra.

Três porcos esventrados na entrada de uma charcutaria despertaram a compaixão de Lucie Thirache. Indignou-se com Emilia, que se interessava em observar o sangue escorrer pela gordura branca, até pingar em terrinas colocadas na calçada. Protestou, respondendo às brincadeiras com um argumento que trouxe o silêncio:

— O que diriam vocês, se fizessem o mesmo convosco?

A calçada estendia-se, irregular, entre edifícios salientes e recuados, blocos de construções interrompidos por vielas sórdidas. Madame indicou uma, muito suja e escura.

— É lá que mora a Blanche... a última casa perto do muro.

— Que fedor!

— Como é que alguém consegue trabalhar lá dentro?

Donard começou a contar horrores: os artilheiros batiam-se com espadas e espancavam as mulheres. Na porta de Paris, um soldado de blusa militar estava esparramado num banco. Levantou-se de repente e exclamou:

— Olhem, as virgens de pinho!

As meninas desataram a rir e, pelo postigo, gesticularam amigavelmente. Nina acenou com o lenço enquanto o

soldado permaneceu à vista. Lentamente, o fiacre avançou pelo portão entre as altas muralhas. Depois, o cavalo troteou. Lucie teve uma visão rápida da alfândega: dois homens, com bonés com galões, escreviam por detrás das janelas de uma casinha nova. Que vida desinteressante deveria ser aquela! Sempre fechados! Sair apenas para inspeccionar as carruagens! Mas, de repente, à direita, surgiu-lhe a planície, estendendo-se ao longe, ondulante, completamente verde. Numa ânsia de ver, permaneceu em silêncio, a contemplar os campos.

Agora, o orgulho que sentira por estar a passear de carruagem, enquanto os outros andavam a pé, tinha desaparecido. Estava inteiramente absorvida pelo novo espectáculo do campo.

A uniformidade plana dos terrenos parecia-lhe imensa e esplendorosa, e as filas de árvores, perdidas numa névoa esbranquiçada que encerrava o horizonte, pareciam estar a uma distância intransponível, num longe indefinido. Por cima das copas verdejantes de um bosque, uma chaminé de fábrica adelgaçava-se em direcção ao céu, expelindo nuvens negras, enquanto a vastidão do solo cultivado se elevava para o céu azul, salpicada pelas pilhas de feno amarelas e rasgada pelas linhas dos caminhos onde os viajantes se avistavam como pontos imóveis.

À esquerda da estrada, plantas hortícolas, espaçadas com regularidade, deixavam ver a terra cinzenta entre os seus alinhamentos. Laurence nomeava-as, alegremente:

— Aquilo são couves, aquilo espargos; as que têm folhas encaracoladas são cenouras; as que se enrolam nos paus grandes são feijões.

Lucie escutava atentamente, respondendo:

— Ah! mesmo?

E observava, boquiaberta, com uma emoção no olhar. Então era aquilo que comia, que diferença fazia na mesa! De repente, todas falavam ao mesmo tempo, fazendo planos de uma reforma campestre para o dia em que estivessem com a vida organizada. Mostravam um desejo tão grande de abandonar a cidade e a sua condição que a Madame, ofendida, exclamou:

— Ah! Então é assim que me deixariam? É bom saber.

Protestaram. Laurence abraçou a patroa.

Mas Lucie Thirache, inclinada na portinhola, não se cansava de contemplar a planície, onde os terrenos lavrados deixavam manchas castanhas e, as terras em pousio, manchas amarelas.

Acompanhava o vaivém dos rolos aplanando o solo, os esforços cadenciados dos cavalos, que pareciam indiferentes às chicotadas.

Noutros sítios, as mondadeiras, com a cabeça escondida sob capuzes de tecido, avançavam em linha, penosamente curvadas. Até Lucie chegavam os gritos dos condutores, como queixas enfraquecidas. Ela sentia prazer em ver os outros a trabalhar, em apiedar-se do seu destino, considerando que a sua vida de preguiçosa era muito mais feliz: "Sim! Mas, mais tarde?" — pensou. E esse "mais tarde" pareceu-lhe sombrio, cheio de ameaças. Não tinha certeza, como aquelas pobres camponesas, de ter um abrigo garantido pelo trabalho até ao fim da vida; e pôs-se a reflectir, muito triste, sentindo que a imensa paisagem campestre, iluminada pelo Sol das três horas, tinha um ar de felicidade tranquila, de uma alegria egoísta e indiferente ao seu estado.

O fiacre chocalhava entre a fábrica, que tinham alcançado, e casas baixas com letreiros de tabernas.

Operários, de boca cheia, cortavam fatias de pão em grossas rodelas. Lucie, curiosa, perguntou a Madame:

— O que fazem naquela fábrica?

Ninguém sabia ao certo. Perderam-se em suposições contraditórias.

— Olhem, ali está Lambres! E a casa é acolá, no meio das árvores.

Todas se debruçaram. A estrada poeirenta estendia-se em direcção a uma massa de folhagem cujas aberturas deixavam vislumbrar um edifício branco. Não tiraram mais os olhos daquela visão e escutavam as informações que a patroa dava. Tinha-a comprado em 1876, a um senhor que vivia em Le Quenoy.

Chegaram. A casa encontrava-se no fundo de um jardim com muitas árvores, cercada por uma sebe. No meio da sebe, dois pilares de tijolo serviam de moldura a uma porta amarela. As mulheres entraram, sacudindo as pregas dos vestidos, alisando a cintura com carícias que envolviam todas as suas curvas. E, imediatamente, ao verem um regato que serpenteava entre os canteiros de hortaliças, correram para ele, maravilhadas ao ver os corpos prateados das espinheiras a ziguezaguear na água verde. Emilia agachou-se à beira e tentou apanhá-las. Só conseguiu molhar as mãos e manchar o vestido. As outras apressaram-se a rodeá-la com exclamações desesperadas. Era mesmo uma chatice, um vestido novo! Havia sempre qualquer coisa que estragava a alegria!

Seguiram o curso de água. A Madame tinha agarrado o braço de Lucie e continuava a falar sobre a história da sua aquisição; agora enumerava as reparações que fora obrigada a fazer.

— Ao longo do caminho de sirga, tive de mandar

construir um muro, porque as cordas dos barcos destruíam a sebe. Era revoltante.

— O rio passa mesmo perto?

— Claro, é o Scarpe. Há sempre barcos. Para que se possa ver, mandei colocar uma grade no muro.

As mulheres aproximaram-se dessa grade; aos pés dela, o caminho estava coberto de escória e, mais além, a água estagnava numa película oleosa. Um barco preto de alcatrão erguia-se imóvel; no convés, entre pilhas de sacos, erguia-se uma pequena cabine branca e vermelha.

Essa cabine intrigou Lucie. Perguntava-se como é que os barqueiros conseguiam viver ali dentro, sem ar, amontoados uns sobre os outros. Aquilo devia cheirar muito mal. Como ninguém saía da cabana, ao contrário do que esperava, afastou-se e pôs-se a andar entre os canteiros. As outras seguiram-na. As flores, dispostas em cestos, pareceram-lhe muito bonitas. Extasiou-se com as delicadas campainhas dos fúcsias, as cores vibrantes das amor-perfeito, e o desabrochar das rosas, que Emilia comparava a pequenos repolhos.

Donard calçava sapatos novos, cujos atacadores se desatavam a toda a hora; sempre que se baixava para os atar, as raparigas arrancavam rapidamente uma flor e escondiam-na nos bolsos. De repente, Emilia encontrou uma rã escondida perto de um pé de gerânios: apanhou-a e começou a perseguir Laurence, ameaçando atirá-la para cima dela. Nina, refugiada junto da patroa, temia, sem ousar dizê-lo, que Emilia a atacasse também. Mas, ofegante, Laurence parou, muito zangada, e declarou à sua companheira que, se ela lhe tocasse com aquela coisa nojenta, iria ver só. Emilia largou a rã e retomou a perseguição.

Então, entre grandes gargalhadas, Donard e Nina juntaram-se à brincadeira. Houve uma corrida desenfreada entre as árvores, saltos atrapalhados sobre os canteiros e abraços furiosos quando se apanhavam. Redobravam as suas cabriolas, levantando muito alto os saiotes; tinham notado os olhares indiscretos de um jardineiro que, ao podar os salgueiros, espreitava por entre as suas roupas. A expressão envergonhada do homem divertia-as muito.

A correr, subiram um pequeno outeiro que dominava o muro e o campo em redor. Em frente a uma fábrica, com edifícios enegrecidos, o Scarpe corria, fugindo sob uma ponte em direcção aos muros da cidade. Um chalé erguia-se na mesma margem, bloqueando a vista para o campo. Lucie comentou que aquele outeiro estava mal posicionado; deveria ter sido erguido do outro lado do jardim, onde se viam os campos.

— São tão bonitos, os campos — disse Emilia.

— Madame — acrescentou Laurence —, quer ir até lá? Podemos apanhar rainhas-margaridas; vi-as nos fossos ao vir para cá.

— Vamos, se tanto desejam — autorizou a patroa.

Seguiram ao longo da sebe até ao portão, cantarolando. Só Lucie permanecia silenciosa; ia voltar a ver os trabalhadores e, pensativa, recordava a sua condição e Léon, que agora, muito longe, a teria certamente esquecido. Afundou-se numa melancolia, lembrando o passado, as suas alegrias de jovem apaixonada. Todas essas felicidades, perdidas! Felizmente ele não sabia da sua situação, não a imaginava como estava agora, maculada por todos os beijos, aviltada por todos os toques! E o pior era a falta de coragem para sair desse estado; além disso, não era livre; as dívidas acumulavam-se, e Donard prendia-a por isso.

Já tinham saído do jardim e caminhavam pela estrada junto aos campos. Um grito de Emilia, que caminhava no alto do talude, fez Lucie voltar-se.

— Olhem, um ninho de "cristãos"!

Ela juntou-se às outras no lugar indicado por Emilia. As ervas estavam pisadas num grande espaço, amachucadas, e num talo de centeio estava presa uma presilha de cabelo. Seguiu-se uma avalanche de piadas indecorosas, uma especulação sobre os espasmos voluptuosos dos corpos que ali se tinham enroscado amorosamente. Nina prometeu contar o episódio, à noite, aos seus clientes preferidos; certamente fariam comentários muito engraçados.

Voltaram para o lanche. Madame, que seguira à frente, sugeriu às suas pensionistas que descansassem um pouco. Nas ervas altas, cada uma se deitou confortavelmente. Lucie, deitada de costas, via perto do rosto as ervas a balançar, translúcidas. Colocara um lenço na testa para se proteger do sol ardente. Nos cabelos e no pescoço, os fios de relva faziam-lhe cócegas numa carícia irritante que ela procurava e, à sua volta, ouvia-se um sussurro contínuo, o tilintar das hastes que se endireitavam, o zumbido das vespas em busca de néctar. No céu muito azul, voavam as barrigas brancas das andorinhas, cujo voo circular por vezes descia abruptamente, erguendo uma espuma prateada na água límpida.

Lucie permanecia imóvel, desejosa de sentir o roçar das asas das andorinhas; olhava vagamente para as árvores, para a relva, vibrantes numa névoa violeta. E das suas tristes reflexões já nada restava. Dentro dela crescia o anseio de uma ociosidade perpétua, de uma languidez onde se deixaria imergir, deitada nas altas ervas.

A um chamamento da patroa, foi obrigada a levantar-se

e a juntar-se a Emilia e Laurence, que avançavam rindo em direcção ao jardineiro. O homem estava sentado no topo de um salgueiro, com uma tesoura de poda, cortando ramos. As mulheres divertiam-se ao ouvir o som da tesoura, ao ver os ramos a cair com um farfalhar. Laurence foi a primeira a falar com o trabalhador:

— Parecia estar a sentir-se muito quente, há pouco, quando corríamos lá atrás, não?

— Ah, claro, eu não vejo pernas bonitas como as vossas todos os dias.

O dialecto do jardineiro encantou-as. Divertiam-se a fazê-lo falar. Pouco depois, ele desceu da árvore e tornou-se atrevido. Agarrara Emilia pela cintura e tentava beijá-la. Com esta ousadia, as mulheres ficaram subitamente irritadas e ordenaram-lhe que se comportasse. Sentiam-se ofendidas por serem tratadas assim por um homem qualquer. A sua dignidade revoltou-se: alguma vez se tinha visto um rústico a tomar tais liberdades? Por um instante, o jardineiro ficou perplexo, depois gritou com raiva:

— Bah! bah! não se armem em santas só porque têm chapéus bonitos — disse o jardineiro —, afinal, sou homem, não é? Então, de quê? Já houve outros que também acariciaram esse vosso corpo de puta.

As mulheres afastaram-se, aborrecidas. Mas, na cozinha, o cenário de uma mesa repleta de iguarias, garrafas e bolos devolveu-lhes o ânimo.

Comeram avidamente, divertindo-se a contar a história do jardineiro, que agora lhes parecia muito engraçada. Fizeram brindes à Madame, uma pessoa tão generosa. Elogiaram a sua propriedade, enumerando as maravilhas do jardim.

Laurence, sem querer, tirou do bolso uma das flores que

apanhara, e a patroa deu-lhe uma leve reprimenda. Encorajadas por esta afabilidade, todas tiraram flores dos lenços, e desataram a rir. Madame, ela própria, dobrava-se de riso, repetindo:

— Que crianças! Que crianças!

A entrada do caseiro interrompeu-lhes a hilaridade. Lucie suspirou, pressentindo uma catástrofe iminente.

— Madame Donard, a carruagem está à espera!

As lágrimas vieram aos olhos da rapariga ao ter de colocar o chapéu. Estava tão perturbada que colocou o véu ao contrário e teve dificuldade em fazer o laço. Maldisse a patroa por as levar de volta para "a prisão", onde ficariam trancadas por muito tempo. Como podia ser tão cruel, aquela mulher, ao torturar pobres raparigas assim? Contudo, não havia motivos de queixa, pois tinham-se "vendido". E aquela palavra, "vendida", ecoava-lhe incessantemente nos ouvidos.

Uma vez dentro da carruagem, com o rosto à janela, as brincadeiras das companheiras e o prazer indolente de se deixar levar sem esforço devolveram a boa disposição a Lucie. Sentia-se bem, sentada nas almofadas estofadas. Afinal, era preciso aceitar a vida como ela vinha, sem se preocupar em complicar o que era simples.

Calma com esta reflexão, contemplava tranquilamente o céu púrpura que flamejava no horizonte, por entre as árvores. Douai escondia-se atrás do verde dos muros, e, além da folhagem, o campanário erguia as suas torres douradas que irradiavam luz. Lucie Thirache começou a sentir-se quase alegre e, em breve, totalmente contente. Chegou mesmo a rir-se ao ver, à beira da estrada, uns pequenos rapazinhos a levantarem as camisolas para mostrar as barrigas brancas.

Ao ver as fortificações e a ponte que estavam prestes a atravessar, Lucie sentiu um leve desejo de já estar de volta, de ver se as coisas estavam no seu lugar no número 7, de rever Monsieur e as caras familiares dos clientes. Quando os funcionários da alfândega verificaram a carruagem, mostrou-se muito espirituosa. À pergunta "Não têm nada a declarar?", tirou, com seriedade, a carteira e disse:

— Quanto custa às meninas?

E o fiacre entrou na cidade, levando de volta ao número 7 as mulheres em gargalhadas.

V

Esse Verão foi extremamente quente. Durante o dia, as raparigas, deitadas no divã do pequeno salão, dormiam, quase nuas. Na sala escura, reinava um silêncio constante e pesado. Por vezes, uma mosca zumbia, pairando sobre as peles húmidas, e alguma delas espantava-a com um palavrão. Ninguém trabalhava. Até Lucie deixara o seu tricot; irritava-a sentir as agulhas a deslizar entre os dedos suados. Todas viviam numa preguiça lassada. As excursões ao campo eram raras. Donard organizava-as apenas em ocasiões especiais e, mesmo assim, só se o comportamento das suas pensionistas fosse exemplar.

E as noites passavam-se também, monótonas. Quase não havia clientes; todos tinham abandonado a cidade universitária desde Julho. De vez em quando, um viajante entrava no salão, pousava na mesa o seu guia e o monóculo, caía exausto no canapé. Pouco tempo ficava com as mulheres, ansioso por subir e descansar o corpo fatigado numa cama. Já não havia as alegres reuniões de Inverno, com canções, danças e histórias divertidas para entreter as raparigas; ninguém lhes emprestava um romance; faltava-lhes qualquer distracção.

O tédio logo dominou Lucie Thirache. Ela perdia-se em devaneios monótonos; pensava no seu passado, no seu amor por Léon, e os arrependimentos entristeciam-na sem cessar. Sentia também um temor terrível pelo futuro; envelheceria, murcharia, e, ao perder o frescor e a beleza, seria expulsa das casas respeitáveis; vaguearia de bordel em bordel, até ao dia em que fosse parar às casas de um franco, aqueles

antros imundos, dos quais as raparigas de passagem falavam com repulsa, onde era forçada a atender homens sujos e soldados embriagados. Por fim, quando estivesse totalmente decaída, colocá-la-iam na rua e, então, que seria dela? Talvez tivesse a sorte de morrer antes. Seria, sem dúvida, melhor. Afinal, eram os homens que a levavam a isso, com as suas paixões vis! Oh! Se algum dia pudesse vingar-se deles! Como odiava esses desgraçados! E sempre, a imagem da morte surgia-lhe como uma promessa de libertação, como o desfecho desejável dos seus sofrimentos e da sua servidão. Obcecada por essa ideia, seguia-a até às últimas consequências: imaginava o próprio enterro, o catafalco erguido no corredor de paredes rosadas; e, se morresse no número 7, com certeza o caixão não passaria pela escada, sendo necessário descê-lo com cordas. Esta ideia, em especial, causava-lhe pena; seria deixada na vala comum, sem uma inscrição, sem uma coroa.

Subitamente, Lucie revoltava-se contra essa obsessão mórbida e exclamava: "Ah, que tola eu sou!" Corria até às suas companheiras, acordava-as com uma palmada, gritando, num riso forçado para sufocar um soluço: "Vamos lá, toca a música!" E começava a cantar. Cantava árias de opereta, romances da moda, canções humorísticas. Laurence, sentada ao piano, tocava o acompanhamento. Todas entoavam o refrão em coro, e, na casa, erguia-se um concerto de sons agudos. A Madame vinha a correr, furiosa, ameaçando fechar o instrumento se continuassem com aquele barulho infernal.

Então, o alarido cessava. Uma a uma, cantavam os seus temas favoritos. Laurence reclinava-se na cadeira, tocando com uma mão e levantando suavemente o outro braço no ar, acompanhando o ritmo, enquanto suspirava antigas e

sentimentais baladas. Reine era perita em cantigas maliciosas; gritava-as a plenos pulmões, destacando intencionalmente as palavras atrevidas, sublinhando cada obscenidade com uma palmada vigorosa nas coxas. Lucie Thirache tomou gosto por estes exercícios.

Inicialmente um pouco desajeitada, aprendeu solfejo, aprendeu a ler as notas e dedicou-se, com uma atenção meticulosa, a cantar no compasso certo. Passava as tardes a murmurar árias, tentando encontrar as entoações correctas e, incansavelmente, repetia cada excerto dúzias de vezes, ensaiando modulações vocais, experimentando melodias. Aos poucos, tornou-se uma cantora razoável.

Sentia grande orgulho no seu talento e prometia a si mesma que, na próxima temporada, conquistaria todos os clientes com a sua habilidade musical; e já se via com consideráveis economias, com as quais poderia saldar as dívidas, reconquistar a liberdade e viver uma vida independente e tranquila. E, infatigável, continuava a praticar.

No meio das suas ocupações, um sentimento de angústia apoderava-se de Lucie. Tinha conhecido uma rapariga de passagem que contraíra o mal venéreo, e, desde então, o espectáculo dos acidentes que observava atormentava-a, inspirando-lhe simultaneamente pavor e repulsa. Apesar de temer essa doença terrível, esperava-a como uma consequência inevitável do seu ofício. Nos dias de visita, quando a governanta vinha bater-lhe à porta, de manhã cedo, avisando-a para se preparar, Lucie apavorava-se, ficava lívida. Cuidadosamente, examinava o homem adormecido a seu lado, zelosa de não o acordar, inspeccionando-lhe o corpo minuciosamente. Se, por acaso, vislumbrava nele um furúnculo de aspecto duvidoso,

interrompia o sono do cliente com carícias abruptas; e, muito ansiosa, tentava, por meio de hábeis insinuações, arrancar-lhe a confissão de alguma doença recente. A resposta, sempre negativa, tranquilizava-a pouco. Uma vez só, entregava-se ela própria a idênticos exames, entrando em pânico ao vislumbrar uma vermelhidão, uma mancha.

O seu terror aumentava a cada dia, nutrido e ainda mais avivado pelos relatos das outras raparigas. Num tom de desalento, partilhavam os seus receios, exagerando as descrições do mal. Depois, repentinamente, quando Lucie, tomada de curiosidade, as interrogava para se precaver melhor, riam-se dela, assumindo um desdém súbito. Só uma mulher recém-contratada, Léa, uma parisiense, satisfazia as questões de Nina com prazer. Durante horas, narrava-lhe sintomas, descrevia tratamentos, e Lucie ouvia-a, em silêncio atento, completamente subjugada pela erudição daquela rapariga.

Léa era alta e esguia, muito nervosa, incapaz de permanecer quieta; os trajes pareciam incomodá-la, usava o menos possível, andando pela casa coberta apenas por amplos roupões de seda que mal ocultavam as suas nudezas. Encontrava-se por todo o lado, em cima e em baixo, na cozinha e no salão, sempre atarefada, agitando a cabeça coberta pelas madeixas negras de um cabelo curto, e exibindo uns dentes miúdos que rangiam frequentemente num tique.

Como chegara ao número 7 com grandes dívidas, o crédito junto à patroa era limitado; por isso, pedia emprestado às outras os objectos de que precisava, pagando com uma piada ou uma história. Lucie, em particular, incapaz de resistir aos seus pedidos insistentes, era a sua fornecedora mais generosa de frascos de pomada e de

perfumes. Certo dia, Léa apareceu para pedir à sua boa Nina um par de ligas azuis que cobiçava. Encontrou-a ocupada a lavar as coxas com água em abundância.

— O que estás a fazer? — perguntou-lhe.

— Vês, estou a lavar-me. Tenho aqui umas vermelhidões, não sei o que é.

— Não é nada — disse Léa, depois de examinar.

— Quem sabe? Talvez seja o mal?

— Ah! estás louca!

— Oh! Se soubesses como estou aflita — replicou Lucie.

— Amanhã é dia de visita; estou morta de medo. O médico, que parece tão bonacheirão, no fundo, não brinca; e, se temos qualquer coisinha, lá vamos nós para o hospital; está feito.

— Não é preciso mostrar-lhe as misérias.

— Achas que ele não as vê?

— Vá lá! Não sabes escondê-las? Ora, na rua d'Aboukir, arranjávamos isso e o médico não percebia nada. Temos truques.

— Que truques?

— Oh! Conto-te depois. Deixa ver se tens alguma coisa.

Depois de deitar Lucie na cama, Léa começou a virá-la de todos os lados. A rapariga deixava-se examinar como uma criança. Léa juntava-lhe as pernas, separava-as, fazia-a estender os braços e trazia-os de volta ao torso, observando com um olhar experiente todas as pregas da pele e os contornos dos membros. De repente, soltou uma gargalhada, declarando:

— Mas não tens nada, grande tola!

— Tens a certeza?

— Oh! podes confiar em mim, rapariga! Sei um pouco disto; já tratei de muitos desses pequenos problemas,

acredita. Sim, já tratei — repetiu ela, fazendo cócegas por todo o corpo de Lucie, que se contorcia, afastando-a, meio a rir, meio zangada.

— Oh! não, vá lá, por favor, deixa-me!

— Ah! fazes-me procurar assim, para nada? Espera, vais ver como vou vingar-me.

E Léa continuava com as cócegas. Os dedos dela percorriam todas as curvas do corpo, ao longo das costelas, simulando o movimento esticado de uma aranha em corrida. Lucie defendia-se, languidamente; a sua pele estremecia sob os toques delicados, sob os ligeiros roçares das unhas longas de Léa. Sentia uma estranha emoção invadi-la; o peito levantava-se em sobressaltos. Escondeu o rosto nas mãos, pedindo:

— Oh! não, por favor, deixa-me!

— Que te deixe? Nem pensar! Estás a gostar demasiado, espera só um pouco!

E Léa, enlaçando-lhe a cintura, começou a beijá-la no pescoço e no peito. Com a língua rosada, dava-lhe pequenos toques, picando a pele branca de Lucie, as pontas dos seios que se ergueram; e, por vezes, interrompia as carícias para contemplar a amiga, com uma expressão de maliciosa expectativa. De repente, como tomada de fúria, pressionou repetidamente a boca contra o ventre macio e, de súbito, enterrou a cabeça na carne alva, apertando-a com força. Lucie estremeceu longamente, fechou os olhos, escondeu o rosto nos braços, e, sob a influência rapidamente crescente de uma volúpia desconhecida, sentiu os nervos contraírem-se e relaxarem-se deliciosamente, numa urgência cada vez mais intensa; eram sobressaltos, ofegos roucos, soluços. Então, Léa, levantando-se, lançou-se sobre o corpo de Lucie, começou a cobrir-lhe o rosto e o peito de beijos; e as

duas mulheres, entrelaçadas, desfaleceram, boca com boca, num espasmo furioso e interminável.

VI

Desse dia em diante, nasceu entre elas uma intimidade profunda. Agora, Lucie Thirache não conseguia viver sem Léa. Sentada junto dela num canto do divã, gostava de passar os dias inteiros com as pernas entrelaçadas nas dela, as mãos cingindo-lhe a cintura, olhando-a constantemente.

Já não trabalhava. Dedicava-se inteiramente a este afecto, que a distraía da sua vida monótona, afastava as recordações tristes e as apreensões aterradoras. E encontrava um prazer inefável em proporcionar a esta rapariga todas as alegrias, em velar pelo seu bem-estar com uma solicitude constante. Em troca, recebia carícias e protestos de amizade e de devoção que a encantavam.

Até então, na sua nova vida, Lucie sofrera com um isolamento penoso. Não sentia qualquer ligação afectiva com as companheiras: as ternuras que lhe dispensavam, para obter um favor da sua bondade, cessavam logo que esse favor era concedido. Isso desolava-a, despertando-lhe o vago desejo de um apego mais duradouro.

No início, procurara afeiçoar-se a alguns dos clientes do 7. Mas muitas vezes as suas visitas eram espaçadas e, mesmo que aparecessem todas as noites, a longa espera da tarde inteira tornava-se-lhe dolorosa. Além disso, na presença dos homens, sentia-se constrangida; no prazer e nas conversas, tratavam-na sempre como uma inferior venal, nunca como uma igual. As suas expansões eram repelidas, tidas como fingimento, escarnecidas. E, sendo o ofício que o exigia, precisava de conceder os mesmos favores tanto aos indiferentes como aos seres estimados.

Aquilo causava-lhe grande repugnância. Assim, os homens não podiam satisfazer o seu desejo de partilhas amorosas.

Rapidamente, desistiu de procurar entre eles o ideal sonhado.

Esse ideal, ela representava-o sobretudo através da lembrança. Era Léon, não o amante, o senhor, mas o apaixonado de antes da sua queda, que a envolvia sempre, sussurrando-lhe palavras lisonjeiras, empenhado em afastar-lhe qualquer desgosto.

Quando conheceu Léa e a sua ternura, pareceu-lhe que as suas aspirações estavam realizadas para além dos seus sonhos. Esta rapariga sabia juntar, a uma grande habilidade amorosa, uma delicadeza requintada na escolha das suas atenções. Espalhada o dia inteiro ao lado de Lucie, não se cansava de elogiar as formas esbeltas da adorável Nina, as matizes pálidas da sua carne, a rara pequenez das suas extremidades. A cada exclamação elogiosa, com as suas mãos longas e finas, acariciava os membros exaltados com uma lentidão provocante. Esses toques, frequentemente repetidos, mantinham Lucie Thirache num delicioso desvario. Tais elogios aos seus encantos, murmurados em inflexões languidas, eram, para ela, uma melodia harmoniosa que embalava a sua imaginação sonolenta.

Então, subitamente, ao ver aquela mulher deitada no seu colo, exibindo-lhe as curvas lânguidas do seu corpo, virando para o seu rosto grandes olhos negros inundados de lágrimas apaixonadas, uma triunfante vaidade assaltava Lucie: era a rainha, a outra, escrava; os seus gestos ordenavam, os da outra afirmavam obediência, e sentia, por vezes, uma fúria de afirmar a sua autoridade, desejos ferozes de torturar aquele ser tão belo, para depois poder gritar: “Esta mulher é minha, é minha propriedade.”

Sentia também uma satisfação vingativa ao depositar nas suas mãos todo o ouro dos seus ganhos; a carne, sempre à venda, comprava, por fim, carne; ela, sempre possuída, possuía agora. E queria gozar dessa posse na sua plenitude. Léa jamais deveria deixá-la; submetia a sua amante a uma servidão constante, emulando feliz os homens que a mantinham, sem descanso, à sua disposição. E o seu prazer tornava-se tanto mais perfeito, as suas represálias tanto mais seguras quanto mais Léa, com a elegância grácil das suas formas, o cabelo curto e encaracolado, a linguagem rude e o hábito de praguejar, se assemelhava à virilidade.

Mas era uma virilidade graciosa, requintada, original, muito diferente da dos homens. As suas brutalidades, por mais espontâneas que fossem, pareciam sempre afectadas; nas palavras mais grosseiras deixava entrever-se um refinamento de pensamento, uma subtil intenção de paródia; em cada gesto brusco, adivinhavam-se graciosas suavidades. Além disso, desse corpo sempre em movimento, mal vestido com sedas esvoaçantes, emanavam fragrâncias intensas que embriagavam Lucie, encantando-a de paixão. Ora eram os finos aromas de verbena e violeta, que a rapariga se comprazia em respirar junto à nuca rosada de Léa, entre os caracóis castanhos que faziam as suas narinas tremerem de excitação; ora eram os perfumes fortes de patchouli ou almíscar que se exalavam da sua amiga quando ela curvava o tronco ou erguia os braços. Então, com o coração aos saltos, Lucie apertava-se contra a sua amante, aspirando com todas as forças aquelas suaves e inebriantes fragrâncias, deixando as mãos perderem-se na pele húmida e acetinada, bem mais macia do que a do homem. E, apesar de toda essa suavidade, apesar das dobras aveludadas nas quais parecia afundar-se, Lucie sentia-se

logo envolvida com uma energia que jamais encontrara nos homens mais robustos; era abraçada com furor sem ser magoada, mordida sem ser ferida. Provava infinitas delícias que mesclavam languidez e vigor, fraqueza e força.

Mas o poder de tornar estes prazeres exclusivos multiplicava-lhes os encantos. Nenhum destes gozos era partilhado com outros. Guardavam o segredo dos seus êxtases e experimentavam uma grande alegria em se olharem diante das outras pensionistas do 7 com um ar especial, passando a língua pelos lábios, de uma forma que evocava em ambas as lembranças das suas felicidades secretas. E esse amor crescia.

Quando a amiga estava ausente, Lucie sentia-se tomada de melancolia; os seus antigos temores regressavam e os momentos que passava assim, em devaneios lúgubres, faziam-na valorizar ainda mais a presença de Léa. Apercebeu-se também de que tinha uma rival: Laurence. Esta mulher, a princípio, mostrara-se muito intrigada com a sua intimidade. Logo depois, parecia ansiosa por conhecer os encantos e talentos da parisiense. Enchia-a de presentes, cobria-a de elogios, arranjava-lhe clientes ricos. Iniciou-se uma competição de generosidade. Lucie prometeu a si mesma não ser vencida; era a única a ter o direito de adornar Léa luxuosamente, como uma amante adorada. Cada dia, Léa exibia laços novos e colares diferentes.

Ao princípio, Lucie desprezou aqueles esforços; Léa amava-a demais, e a outra não era suficientemente sedutora; estava a perder o seu tempo. Mas, à medida que os presentes de sua rival se tornavam mais belos e que observava Léa mostrar-se cada vez mais amável para com essa mulher, os seus sentimentos mudaram. Uma raiva surda começou a crescer dentro dela contra Laurence, aquela ladra! Afinal,

Lucie teria dado tudo o que possuía para manter o amor de Léa, e alguém querer roubar-lha era como querer roubar-lhe tudo o que lhe era querido. E, além disso, sentia uma fúria desmedida contra a sua amante, que não se mostrava suficientemente indiferente em relação a essa mulher. Cobria-a de insultos, enchia-a de epítetos infames e, subitamente, tomada pelo medo de que Léa se zangasse e corresse para os braços da outra, tornava-se humilde, suplicante, chorava aos seus pés, pedindo-lhe perdão. Mas essas humilhações que se impunha aumentavam ainda mais o seu ódio contra Laurence.

Para a irritar, Lucie não se poupava a esforços. Retomara os seus cânticos e, incessantemente, dirigia a Léa as palavras amorosas das suas canções com olhares ternos. Exigia que a sua amiga lhe demonstrasse, diante da rival, os sinais mais evidentes de paixão. E, à noite, no salão, esforçava-se por roubar os clientes de Laurence, difamando-a perante todos. Mas a outra não desistia; os seus presentes chegavam em maior número e com mais luxo. Lucie viu-se forçada a retribuir com oferendas ainda mais valiosas. Ambas acabaram por se endividar junto das companheiras.

Por fim, Lucie triunfou: ofereceu à sua amante uns brincos de ouro verdadeiro. A partir daí, o seu desprezo pela “outra” tornou-se evidente. Sabia-a arruinada, incapaz de um novo esforço. As suas provocações tornaram-se constantes. Lucie ridicularizava todas as palavras, atitudes e acções da rival. Ocorreram cenas violentas, em que, entre injúrias, trocavam ameaças com furiosa gesticulação. Mas a Madame interveio, declarando-lhes que, se não conseguissem entender-se, mandá-las-ia, a ambas, para o diabo, longe da querida Léa. Foram então forçadas a

limitar-se a trocar alusões ofensivas e a criticar mutuamente as imperfeições que ambas procuravam esconder.

Contudo, quando se encontravam a sós, num corredor deserto ou num quarto vazio, envolviam-se em lutas silenciosas, em que, munidas de pentes e com chamas de ódio no olhar, cravavam-se profundos arranhões, arrancavam punhados de cabelos e rasgavam as roupas uma da outra.

VII

Estavam todas reunidas no corredor do primeiro andar para a visita. Vestidas com camisas decotadas, apoiavam-se na parede, e a brancura do linho limpo contrastava nitidamente com o vermelho-escuro das madeiras. A patroa, encostada ao corrimão da escada, lia o *Petit Nord*.

Numa das portas, o doutor apareceu, deixando sair uma rapariga, e perguntou: “Quem é a seguir?” Um arrepio percorreu as mulheres, seguido de um murmúrio. Empurravam-se umas às outras na direcção dele. Nina, estando mais próxima, levou uma palmada no ombro e foi levada, enquanto ele brincava.

Reine contava, entretanto, que, mais uma vez, se tinha safado por pouco, e as outras respondiam num sussurro, conscientes da solenidade deste exame. Um bom tempo passou sem que Lucie reaparecesse. As mulheres olhavam ansiosas para a porta, que não se reabria. Esticavam-se e agitavam-se com desconforto. Laurence, quase a explodir, exclamou: “Mas então! Será que ela vai demorar para sempre? Não há direito de nos deixarem assim na expectativa, quando se tem um medo destes!” A Madame acabou por levantar os olhos e perguntou: “Mas o que é que ela está a fazer?” Finalmente, Nina voltou; tinha os olhos fixos, o rosto lívido, e as mãos tremiam. O doutor seguia-a e dirigiu-se ao corrimão para falar com Madame.

Lucie Thirache ficou ali, de pé, num desespero atordoado. Por vezes, por debaixo da camisa comprida, que emoldurava o tom marfim da sua pele, um estremecimento subia-lhe pelas pernas e fazia-a contrair-se. As ideias

começavam lentamente a juntar-se na sua mente. Assim, estava infectada, envenenada por aquela doença que tanto temera. Estava perdida, sem remédio. "Era preciso ser-se muito canalha para infectar assim uma pobre rapariga, sem motivo! Que seria dela agora?" Olhava para o tapete, sem realmente ver. O seu corpo parecia insensível; sentia apenas o peso das mãos, penduradas ao fim dos braços caídos.

— Ora bem, minha pobre amiga, parece que vamos ter de nos despedir.

A patroa estava diante dela e apertava-lhe as mãos com uma expressão de comiseração. Lucie, ao início, não compreendeu o sentido das palavras, mas percebeu que alguém se interessava por ela e, por um momento, olhou para Madame Donard, sorrindo, com uma doçura estúpida. Em seguida, vagamente, as palavras começaram a fazer eco e, inquieta, perguntou:

— Como, despedir?

— Pois sim, minha pobre Nina; bem sabes como é.

Lembrou-se então: o regulamento estipulava que as raparigas identificadas com infecções na visita fossem enviadas para o hospital no próprio dia. Imediatamente, a ideia de hospital encheu-a de terror. Via-o como uma prisão, um lugar de infâmia e tortura, e gritou:

— Oh, não, Madame, não me deixe partir, não é verdade?

— Mas sabes bem que nada posso fazer — respondeu Donard, surpreendida com a resistência.

— Oh! Guarde-me aqui, esconda-me onde quiser, mas não o hospital; oh, não, o hospital, não quero ir para lá!

Desatou a chorar. O seu terror estava no auge. Parecia-lhe que, se fosse para lá, tudo estaria perdido; morreria sozinha, abandonada à mercê dos médicos, e, num instante,

todas as acusações que ouvira contra os hospitais voltaram-lhe à mente. Via-se a ser operada dolorosamente, espancada pelas freiras, a morrer de fome; estava estendida sobre mesas de mármore, rodeada de instrumentos cortantes, e a imagem do seu corpo coberto de manchas vermelhas e de úlceras impôs-se-lhe de forma implacável, aumentando o seu desespero. Subitamente, lembrou-se de uma história contada por Léa: uma patroa, em Paris, soubera como proteger as suas raparigas das investigações policiais. Imaginou que Madame Donard teria o mesmo poder, e, para lhe implorar que o usasse a seu favor, suplicou-lhe:

— Oh! madame, suplico-lhe, guarde-me. Afinal, foi aqui, ao seu serviço, que apanhei isto, para lhe ganhar dinheiro. Diga-me, não fui sempre uma boa menina? Não me pode abandonar assim. Meu Deus! Meu Deus! Coitada de mim, podre aos vinte e dois anos, podre aos vinte e dois anos...

Com os punhos contra as têmporas e os olhos fechados, repetiu várias vezes estas palavras que resumiam toda a sua desgraça, todo o seu aviltamento, todos os seus receios. Depois, voltou a chorar, olhando para a patroa, que parecia impaciente e fazia grandes gestos, conversando com o doutor, prestes a partir. Então, Lucie lançou-lhe frases dramáticas que tinha ouvido no teatro, as quais lhe vieram subitamente à memória:

— Piedade! Piedade! Não pode fazer-me isto, não quereria fazê-lo!

O doutor desceu, depois de tranquilizar Madame Donard com um gesto. Agora, esta mulher revoltava-se, falando alto às suas pensionistas: "Nunca tal se tinha visto nesta casa; aquela rapariga estava verdadeiramente louca. Sabia muito bem ao que vinha ao entrar numa casa assim. Se não

quisesse, não tinha entrado. Imaginem só, ela, a patroa, tinha trabalhado durante vinte anos para construir o seu estabelecimento, e agora ia vê-lo fechado para satisfazer os caprichos de uma tola que se deixara infectar de boa vontade! Ser boa pessoa não é ser idiota! Agora fazia-se uma cena, como se fosse ela que dava a doença.”

Ao perceber a inutilidade das suas súplicas, Lucie Thirache entregou-se a uma gesticulação exagerada. Contorcia-se, caía de joelhos, estendia as mãos, levantava-se novamente. Em resposta, a patroa ordenou:

— Vamos, vai buscar as tuas coisas. Já que não queres ser razoável, vão vir buscar-te. Vais partir já. Não queres ir? Pois eu mesma irei.

Ela entrou no quarto de Nina.

Lucie virou-se para as suas companheiras, que a olhavam com ar triste.

— Léa, Germaine, Emilia, minhas amigas, por favor, peçam que me deixem ficar. Oh! se soubessem o medo que tenho. Não quero ir para o hospital, não quero...

E a frase terminou em soluços.

As raparigas, muito emocionadas, choravam. Madame Donard regressou; com um gesto, mandou as mulheres embora e, inclinando-se sobre o corrimão, virou-se para Lucie.

— Vamos, despacha-te, tens de sair. Já estão a chegar para te buscar.

— Oh, não! Não é verdade, diga-me! — perguntou Lucie ainda a chorar.

Um polícia apareceu no último degrau e, atrás dele, dois homens de avental branco aproximaram-se da rapariga. Ao vê-los, ela recuou. Uma raiva intensa apoderou-se dela contra a Madame, que a abandonava. Os seus músculos

retesaram-se, preparou-se para lançar-se contra a patroa, gritando:

— Canalha!

Os enfermeiros tinham-na agarrado, segurando-a com firmeza. Lucie, feroz, rugia, cuspindo em direcção a Donard, que encolhia os ombros no fundo do corredor:

— Vais pagar-me. É culpa tua, sua vaca gorda! Recebias todo o tipo de escumalha no teu antro imundo. Sim, é culpa tua! Vou fazer fechar esta espelunca nojenta. Recebeste raparigas que nem sequer tinham dezassete anos! Espera só que eu esteja curada, vais ver do que sou capaz, tu e o teu grande proxeneta, o Donard!

Os homens de avental branco desciam com ela, tentando controlar os seus movimentos bruscos. Ela, tomada pela fúria, lutava, gritava insultos. Ao levantar a cabeça no fundo da escada, viu Léa, encostada curiosamente ao corrimão, e ouviu-a queixar-se:

— Ora, bolas! E eu que ainda bebi do copo dela ontem à noite!

SEGUNDA PARTE

I

No hospital, Lucie Thirache, a princípio, resignou-se. Tinha de ser. Para quê revoltar-se? Depois, a sua doença passou a ocupar-lhe o pensamento por inteiro. Passava o tempo debaixo dos lençóis, numa inspecção constante. Movia os braços em todas as direcções, observando com horror o aumento das manchas rosadas, e notava, no peito, o aparecimento de manchas idênticas. A visão de múltiplos hematomas arroxeados espalhados pelo corpo era uma desolação. Com as mãos, afastava as dobras das carnes nas virilhas, examinando cada mínimo sintoma, aterrorizada com a descoberta de uma nova marca. E, como todos os dias os estigmas se desenvolviam, a angústia e o desespero tomavam-na; imaginava que a infecção, num progresso constante, iria corroer-lhe todo o corpo, transformando-a num monte de carne apodrecida, onde aquela pasta cinzenta e repugnante fermentaria. Por vezes, a visão pútrida causava-lhe um horror profundo; repentinamente, puxava os lençóis até ao queixo e fechava os olhos. Gemia.

A irmã acorria:

— Minha filha, estou com tantas dores. Não acha que isto cresceu durante a noite?

— Mas não, minha filha; porque se atormenta dessa forma? Fique tranquila, acalme-se, vá lá.

Com um pano embebido numa tintura castanha, a religiosa passava-o suavemente sobre Lucie, aliviando-lhe a dor.

A rapariga sentia-se confortada por estes cuidados. Paciente e submissa, tinha despertado o interesse do médico e das enfermeiras. Tratavam-na com mimo, como uma grande criança. E, nos momentos em que o pensamento obsessivo sobre a doença se afastava, sentia-se confortável entre os lençóis brancos, rodeada por aquelas pessoas silenciosas e asseadas que, certamente, a amavam e a iriam curar. Saboreava o repouso agradável após a vida ruidosa do "7". Sentia também uma veneração pela irmã, que não se deixava repugnar pelas suas chagas e que a tratava sempre com um sorriso. Para agradar-lhe, rezava à noite uma longa oração, pedindo a Deus a graça de se comportar bem.

Encontrara uma distracção. Tinha-se afeiçoado a uma mulher deitada ao seu lado, que sofria do mesmo mal. De manhã, examinavam-se uma à outra antes da visita do médico, e conversavam:

— A mancha perto do seu olho está a melhorar — dizia Lucie.

— Mas parece-me que tem duas outras, aqui — e indicava o lugar na testa.

— Aqui?

— Sim. É preciso ser muito canalha, mesmo, para um homem, sabendo-se doente, nos pegar uma porcaria destas, não é?

— Oh, sim, não é mesmo? Que nojo. E no nariz, já não tenho nada? Olhe, se eu alguma vez curar disto, pode ter a certeza de que nunca mais me deito com homem nenhum. Isso, ao menos, acabou; mal saia daqui, volto ao trabalho.

— Ah, que profissão tinha? Eu era costureira.

— Ora, eu também. — Eu estava em Saint-Quentin.

— Ah, bem, eu estava em Calais. Mas já faz tempo. Um dia, larguei tudo para ir cantar num concerto em Dunquerque. Que parvoíce fiz.

— Ora, foi cantora?

— Oh! um trabalho desprezível, sabe: temos de nos desgastar com homens que nem conhecemos. Se não se ganhasse algum dinheiro com isso, acho que preferia ser empregada doméstica.

Lucie Thirache corou e, numa vergonha aterrorizada, começou a inventar uma história muito complicada: um jovem de Saint-Quentin, de quem se lembrou do nome por acaso, desempenhava um papel importante. A outra mulher pareceu comover-se profundamente e, por sua vez, desabafou confidências: tinha ido para Dunquerque com um cantor que a engravidara, prometendo casamento. Sempre, nos seus relatos, esse homem tornava-se mais cruel, até ao ponto final, onde, tendo contraído o mal de propósito para o transmitir à sua amante, abandonara a pobre, doente e sem dinheiro, em Douai.

Uma grande amizade uniu as duas raparigas; contavam-se os seus segredos, cuidavam uma da outra. A vizinha de Lucie chamava-se Dosia. Desde o primeiro dia, mostrou ser uma mulher prática e ensinou à nova amiga truques para obter suplementos. Sabia simular fraqueza, levando o médico a receitar-lhe alimentos fortalecedores. Lucie Thirache quis aproveitar estes subterfúgios que lhe pareciam admiráveis, vendo em Dosia uma mulher totalmente superior. E, à noite, quando as dores na cabeça e a inflamação das pústulas as impediam de dormir, juntas, combinavam estratégias. Dosia tirava proveito do favor que

Lucie conquistara e, invariavelmente, incumbia-a de falar primeiro. Lucie não se importava, feliz por satisfazer a amiga e rir baixinho com ela, durante muito tempo, quando conseguiam o que queriam. Convencida de que Dosia lhe era inteiramente leal, Lucie via nela uma pessoa bondosa e afectuosa, decidida a seguir sempre os seus conselhos.

E, lentamente, a sua doença começou a retroceder. As manchas iam-se esbatendo, assumindo agora um tom acobreado. Cicatrizes fechavam as feridas. O médico felicitava as raparigas pela sua dedicação em seguir as recomendações e previa que em breve estariam curadas.

— E podem crer, vão poder voltar à vida de diversão, e aproveitar até ao próximo pontapé de Vénus.

— Oh! Jamais voltariam a essa vida! Para elas, agora estava tudo acabado.

O médico afastava-se, encolhendo os ombros e rindo. Mas as mulheres, firmemente convencidas, continuavam a afirmar a sua futura virtude e construíam planos honrados: ele não parecia acreditar, mas era a verdade. Jamais voltariam a entregar-se aos homens; isso, nem pensar! Mal saíssem do hospital, iriam para uma oficina e, então, trabalhariam como costureiras. E, já agora, discutiam interminavelmente as despesas, planeando uma vida de trabalho honesto e alegrias tranquilas. Partilharam estas ideias com a irmã, que prontamente as encorajou: deviam agradecer a Deus pela sabedoria das suas resoluções. Claro que esta luz celestial lhes vinha das orações que Nina fazia todas as noites.

Era necessário voltar à religião: sem ela, as melhores resoluções não passavam de palavras vãs. E seria uma desgraça se, mais tarde, a fraqueza da carne as fizesse cair novamente no vício. Mas Deus sempre as sustentaria, dar-

lhes-ia a força de perseverar, desde que estivessem dispostas a confiar-se a Ele.

Não era possível que tivessem esquecido a prática dos sacramentos. Certamente se lembravam da sua primeira comunhão. Naquela altura, eram puras como os santos anjos. Teriam elas conhecido felicidade igual desde a sua queda? E a religiosa falava com uma doçura que as comovia.

A recordação da sua primeira comunhão fazia Lucie chorar. Revivia-se na Basílica, feliz no seu belo vestido branco, imersa numa êxtase ao ver as velas, os sacristãos, ao sentir o perfume maravilhoso do incenso.

A irmã Santa Teresa vinha sentar-se entre elas, derramando-lhes palavras piedosas e lendo-lhes o Evangelho para as distrair. Vendo-as muito atentas, começou a falar-lhes sobre a confissão. Lucie Thirache e Dosia consentiram com facilidade. O capelão, um ancião venerável, recebeu as suas confissões. Desde então, a religião apoderou-se delas. Lucie transferiu o seu desejo de afecto para Jesus Cristo, esse Deus que lhe apresentavam como tão bondoso, que ela via como tão belo, tão delicado com as mulheres, tão diferente dos outros homens. Beijava o crucifixo, partilhava com Dosia os seus pensamentos devotos, admirando-se de a ver menos fervorosa. Mas a sua amiga fez-lhe ver que a religião lhes trazia outras vantagens. Não seria um meio seguro de continuarem a ser privilegiadas e de obterem as melhores porções?

O seu dia era inteiramente dedicado à devoção. Rezavam terços pelos seus pais, pela irmã, pela conversão do médico.

Finalmente, Dosia, curada, recebeu com o seu boletim de alta a ordem de se apresentar em Arras, onde ficaria sob vigilância policial.

Despediram-se com grande emoção: as duas mulheres abraçaram-se longamente, prometendo enviar cartas uma à outra. Lucie Thirache permaneceu ainda alguns dias no hospital, rodeada de cuidados. O capelão, muito orgulhoso dessa cura espiritual, fez uma colecta a favor da sua protegida. Pagou o que ela devia à Donard e colocou-a num atelier de costura, uma obra piedosa apoiada pelas senhoras da cidade.

Lucie pôde finalmente partir; e nela havia, juntamente com a alegria de ser livre, um pesar por deixar aquele lugar onde fora tão feliz, e um vago receio de não estar apta para um trabalho há muito abandonado.

II

Todo o ruído cessava no atelier de costura. Sentada numa cadeira, a irmã ajoelhou-se e começou a oração da noite:

— "Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo."

— "Assim seja," responderam Lucie Thirache e as suas companheiras.

A religiosa prosseguia devagar, articulando as sílabas. Tinha fechado os olhos, apoiado o rosto nas mãos unidas e, imóvel sob o véu, parecia perdida numa contemplação da divindade. Lucie Thirache tentava imitar-lhe as atitudes. Invejava aquela grande devoção, desejando também ser muito piedosa para merecer a salvação eterna. Pois era verdadeiramente culpada! Que vida depravada tinha levado! E sem vergonha, sem remorso, tal era a extensão da sua corrupção! Quantas graças não devia ela ao Senhor, por lhe ter enviado aquela doença benevolente! O director tinha razão: fora uma milagrosa intervenção da graça. Sem essa doença, nunca teria tido a felicidade de retornar às santas práticas da religião.

A irmã interrompeu-se, após recitar a primeira parte da oração dominical. Arrancada das suas reflexões por aquele súbito silêncio, Lucie levantou a cabeça e vislumbrou a sala num relance. Mas as suas vizinhas já haviam retomado a oração, e ela teve de orar em voz alta. Os seus lábios moviam-se mecanicamente, sem pensar no sentido das palavras que pronunciava.

Olhava ao redor, num bem-estar profundo. Tudo exalava calma e uma laboriosa limpeza: a mesa com novelos eriçados de agulhas e alfinetes, pedaços de tecido; as

costureiras ajoelhadas nos seus uniformes imaculados, sem uma mancha, sem um rasgão; a palidez das grandes paredes caiadas, onde se destacava nitidamente a cruz castanha pintada sobre a cadeira; a madeira encerada da cadeira; a dama benfeitora, com luvas claras até ao cotovelo, lendo de um livro com capa de marfim; e também aquele meio-silêncio, onde se erguia apenas a voz medida da religiosa, uma voz adoradora e humilde. Que alegria! Não mais ouvir as queixas das doentes, nem os gritos das raparigas bêbadas, viver tranquilamente, sem preocupações. A cura completa da sua doença fora-lhe concedida: o alimento saudável da Obra havia-a restaurado. E além disso, já não tinha as preocupações de dinheiro, apenas precisava de se ocupar com a sua salvação, com a sua devoção à santíssima Virgem, que a tirara do abismo do pecado.

E a saudação angélica, que estavam prestes a rezar, confirmava Lucie nesses pensamentos. Sentia uma profunda veneração pela Mãe de Deus; a natureza misteriosa de mãe, permanecendo virgem, mergulhava-a numa admiração respeitosa e estupefacta. A Maria, ela dirigira as suas primeiras orações, logo seguidas pela graça. Guardava-lhe uma gratidão imensa, considerando-a especialmente devotada à sua salvação. Com uma escrupulosa atenção, ponderando e meditando cada palavra, Lucie deu a resposta da saudação angélica: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores!” Como precisava daquela poderosa intercessão! Ofendera gravemente a Jesus e durante tanto tempo que não ousava implorar-lhe directamente. Durante cinco dias, esquecera-se de rezar o terço. E até mesmo a penitência imposta pelo confessor fora cumprida pela metade.

Apesar de tudo isso, não temera aproximar-se da

Sagrada Mesa, movida por um desejo ganancioso de obter a cruz de ouro prometida pela dama benfeitora pela sua décima comunhão. Mas o que lhe fazia temer todos os tormentos do inferno era o facto de ainda pensar em Léa. Chegara mesmo a ir até à Rua Pépin para a rever. Felizmente, uma colega da Obra encontrara-a e acompanhara-a até ao atelier... Jamais poderia receber a absolvição no Sábado; e, no entanto, era no Domingo, após a missa de comunhão, que devia receber o adorno. Sentia-se profundamente infeliz, inexoravelmente perseguida pelo Tentador. Não conseguia alcançar nada. Estava condenada.

Enquanto recitavam as ladainhas da Virgem, a voz das mulheres elevava-se num coro de louvores. Constantemente, Lucie era assaltada pela lembrança de um sermão proferido na véspera, sobre as penas eternas. A horrível descrição dos castigos eternos, feita pelo pregador, vinha assustá-la, aumentando o desespero por ter perdido o adorno prometido.

Os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas. Fixava-os obstinadamente no tecto branco, numa espera temerosa de que este se entreabrisse para uma aparição da Madona, irada. E repetia, chorosa: "Rogai por nós, rogai por nós!" Parecia-lhe que cada qualidade da Virgem, enumerada naquelas ladainhas, deveria ser mais um motivo para o perdão; mas, à medida que a oração avançava, sem trazer alívio, sentia que a graça estava perdida para sempre. Desesperadamente, esperava um sinal miraculoso que confirmasse que o seu pedido fora atendido. E logo o tecto se tingia de manchas móveis, azuis e verdes. Lucie baixava as pálpebras, que lhe ardiam com um incómodo insuportável, e apoiava-as nas mãos. Via o tecto todo azul, como um céu sem nuvens, depois avermelhava-se,

escurecia; ficava completamente negro, com um ponto luminoso, brilhando ao longe, numa densa sombra. Subitamente, aquele ponto de luz multiplicava-se; milhares de estrelas surgiam e desapareciam, substituídas por outras, infinitamente. Lucie Thirache sentia-se empalidecer e tremer, quase desmaiar.

Abriu os olhos bruscamente, acreditando que a morte estava próxima, convencida de que Maria a chamava para junto de si. Mas encontrava a sala muito tranquila, onde a voz da religiosa continuava a recitar as orações; as suas companheiras, ajoelhadas; a cruz castanha: e, do seu êxtase, restava apenas uma enorme mancha verde a dançar diante do seu olhar, interpondo-se entre ela e os objectos. Afundava-se num orgulho beato.

Assim, evidentemente, a Virgem prometera-lhe ajuda. Aquela visão que tivera era uma garantia certa da benevolência divina. Estaria salva, e ocuparia o seu lugar à direita de Maria, entre os anjos, gozando da bem-aventurança celestial. Este sinal da bondade suprema não deveria, aliás, surpreendê-la. Rezara tanto. E, afinal, mesmo no número 7, sempre tivera grande respeito pela religião: fora a única a não se rir da devota Emília; seguira várias vezes os seus conselhos piedosos. Começaria uma novena por essa verdadeira amiga, — no dia seguinte, — pois agora não podia mais; aquela aparição deixara-a transtornada, cansada, e os joelhos doíam-lhe. Fazer novas orações, agora, seria abusar da misericórdia infinita.

"Meu Deus, venho oferecer-vos o meu trabalho e as minhas penas..." Lucie Thirache ficou impressionada com esta invocação. Era, sem dúvida, a sua grande dedicação ao trabalho que lhe havia merecido a protecção divina. Aliás, ainda esta noite se deitaria tarde; perdera, pelo menos, oito

malhas na sua meia, e a costura das calças desfiara-se: sentia o bordo áspero do tecido a arranhar-lhe a pele. Tinha ainda alinhavado cinco camisas; a dama benfeitora elogiara-a, até lhe prometera estabelecer-lhe um dia, se continuasse a comportar-se bem. Essa senhora devota fechara o seu livro e, com as mãos sobre o rosto velado, suspirava de tempos em tempos. O chapéu, um monte de rendas habilmente franzidas, tremia ao menor movimento, e o vestido de veludo grená exibia ondulações que a luz tornava esbranquiçadas. Uma bela saia, sem dúvida, que deveria ter custado muito caro, e uma cor que ficava bem às morenas. Ela mesma, Lucie, tivera um traje dessa mesma tonalidade, e Léon achara-a encantadora, assim vestida.

Que contraste com os vestidos cinzentos das costureiras, as suas capas negras, escondendo os ombros e o peito, e aqueles pobres cabelos que frisavam sobre as nucas inclinadas, escapando dos toucados brancos! Pobres raparigas! Como deviam ser infelizes, sem sequer terem a consolação de se sentirem amparadas pela Santíssima Virgem. Como as compadecia. Devia estar bem feia, ela também, sob aquela indumentária sombria. Que importava, afinal? Ser bonita era bom para agradar aos homens; e ela já não se importava com isso...

Como era feio pensar nessas coisas! Estava prestes a cair novamente no pecado; seria um erro terrível trair assim a confiança de Deus, quando acabara de receber uma tão grande prova da sua bondade.

A oração terminou. Saíram todas apressadas e, ao chegar à porta, trocaram as despedidas, cada uma seguindo para um lado diferente. Em breve, Lucie encontrou-se sozinha. Caminhava rapidamente pelas ruas desertas e muito escuras, pisando as poças de água, raramente iluminadas

pela luz trémula de um candeeiro. As canções gritadas pelos estudantes e as vozes dos artilheiros bêbados fizeram-na apressar o passo, com medo de ser abordada, talvez reconhecida. Que tristeza andar assim sozinha pela cidade deserta, sem uma companheira. Morreria de medo antes de chegar. Se ao menos a Dosia estivesse com ela! Pobre Dosia! Ficara em Arras, a aborrecer-se bastante, sem ter, como ela, pessoas tão bondosas para guiá-la pelo caminho certo.

Passara um mês desde que recebera a sua última carta, uma carta desesperada. Faria também uma oração por ela. Seria ainda uma boa acção invocar o bem de outro. Passou pela ponte, lançando apenas um olhar de cada lado em direcção à escuridão, pontilhada pelas luzes dos barcos. O candeeiro em frente ao Palácio da Justiça tinha uma chama moribunda que mal iluminava. Um bêbado tombava contra as paredes, gemendo e aliviando-se. O campanário tocou uma melodia arrastada; depois, soou dez vezes. Da praça Saint-Pierre, chegavam refrães atrevidos em vozes altissonantes. Lucie Thirache enveredou por uma ruela e penetrou num grande portal. Procurou às apalpadelas o botão de uma porta, até o encontrar, e entrou numa sala escura, onde brilhava, fracamente, uma vela fumegante.

Sobre uma cadeira de palha, uma massa resmungona mexeu-se; dois olhos brilharam sob uma touca suja:

— Ah! é a senhorita Thirache; tem uma carta para si, deixei-a debaixo do seu castiçal, junto da sua chave.

Lucie aproximou-se da mesa e viu um envelope cor-de-rosa, com o perfume de patchouli. Reconheceu a caligrafia de Dosia e, como a massa não se mexia mais e apenas emitia um ronco grave, inclinou-se para a vela, rasgou o envelope com impaciência e percorreu oito páginas de uma bela

caligrafia.

III

Arras, 9 de Maio de 18.

"Minha querida amiga,

Desde que te escrevi, já não sou costureira; agradeci à velha senhora onde me tinham colocado, porque ela não me pagava o suficiente e estávamos sempre a discutir por eu estar a olhar pela janela. Então comecei a cantar num concerto onde me aceitaram logo, assim que viram do que eu era capaz, o que faz com que agora tenha retomado o meu antigo ofício. Ganho oito francos por dia, o que é suficiente para uma mulher sozinha, e tenho muito sucesso em Arras, sobretudo entre os jovens. A velha senhora ainda me pregou uma partida desagradável quando soube que eu era cantora. Contou à minha senhoria que devia pedir-me que saísse, porque tinham-lhe feito comentários sobre a minha má conduta. A minha senhoria veio então dizer-me que não tinha outra escolha, porque dependia dela para tudo. Puseram-me na rua, o que foi muito embaraçoso, pois as pessoas de Arras não querem alugar quartos a mulheres sozinhas. Corri a cidade toda, e fui rejeitada em toda a parte. Felizmente, um senhor muito amável alugou-me um quarto, dando a sua garantia, e não quis deitar-me com ele, pois quero manter-me bem comportada, como prometemos uma à outra antes de sairmos do hospital, e como me escreveste novamente na tua última carta.

Bem, tudo isto é muito aborrecido. Tenho medo de que te aborreças aí sozinha em Douai e que não estejas bem. Já faz seis meses que não te vejo, e parece-me muito tempo. Se eu tivesse alguma liberdade, iria ver-te, mas nunca estou

livre porque deito-me muito tarde e preciso de descansar durante o dia para poder trabalhar à noite. Vem encontrar-me aqui em Arras. Encontrarás facilmente um lugar como costureira, pois não faltam lojas; ou, se quiseres, podes ser cantora comigo, porque é muito bom: estamos sempre livres, excepto durante o concerto à noite, e até temos licença para ir ao teatro às segundas-feiras. Fui na segunda passada ver *La Mascotte*; a actriz que fazia de Mascotte parecia-se muito contigo, era bastante bonita e cantava de forma encantadora, como tu. Ontem, veio um senhor de Paris ao concerto e disse-me que eu cantava tão bem quanto as cantoras de Paris que actuam na Scala, e queria levar-me para lá. Mas recusei, porque conto que venhas para cá cantar comigo. Cantávamos tão bem no hospital, quando estávamos a melhorar. A irmã Santa Teresa era uma pessoa muito boa; envia-lhe os meus cumprimentos se a vires. A minha doença está curada, mas mantenho-me bem comportada, pois prometi-te, e gosto demasiado de ti para te magoar. Espero que também estejas com boa saúde.

Se pudesses vir para cá, seríamos muito felizes as duas, poderíamos passear sempre juntas; só que, quando tivéssemos sede, não poderíamos tomar nada num café, porque aqui é proibido às mulheres entrarem nos cafés – é um lugar bem estranho. Mas se quiseres fazer-me feliz, vem mesmo assim, e eu te amarei o suficiente para te fazer esquecer esses aborrecimentos. Com 15 francos terás o suficiente para começar, porque nas vendas do Monte-de-Piedade há vestidos baratos; comprei um creme com enfeites de rendas, e vi um grená à venda por 10 francos que te ficaria muito bem. Fez-me pensar em ti, pois acho que essa é a tua cor preferida. Se vieres, vou arranjar-te roupas de noite para o concerto com uma costureira que é uma boa

rapariga, pois nem é preciso pagar de imediato, e ela adianta os materiais. Só se paga três francos por semana. Cantarás canções como 'Ah! Cidalise, não faças fitas!', que cantavas tão bem no hospital. E eras tão alegre, que realmente sinto falta de te ver. Aqui, para seres bem aplaudida, não é preciso ir para a cama com os tipos; basta beberes com eles, que já ficam contentes, pois muitos têm amantes, e os que não têm contentam-se com isso, o que faz com que não corram muito atrás das mulheres de fora. Espero que venhas no fim da semana: há uma vaga para cantora e um quarto livre ao lado do meu.

Se puderes vir no Sábado, seria muito conveniente: começarias no domingo e tenho a certeza de que serias um verdadeiro sucesso. Irei esperar-te na estação no Sábado à noite, às seis horas, e terei já reservado o teu quarto. Escreve-me, caso precise de chamar uma carruagem para a tua mala; aqui tens a minha morada...

Senhorita Dosia, artista, em casa do Sr. Huchez
no Café das Alamedas,
entre a cidadela e o jardim
do governador,
Boulevard Crespel, Arras (Pas-de-Calais).

Há muito perto do meu hotel uma igreja novinha que construíram por causa de um milagre que aconteceu com uma vela. Vou lá à missa todos os domingos. Se quiseres, podes ir todos os dias e assim não mudas nada nos teus hábitos.

Até breve, minha querida amiga, até já então, envio-te mil beijos.

A tua pequena Dosia, que te ama muito, muito.

Dosia.

P.S. — Espero uma carta tua já, para poder dizer ao director e ao patrão que estás a chegar. Diz que sim, senão já não te amarei mesmo nada. Desculpa a má caligrafia, estou com um resfriado que me deixa a vista turva.”

Terminada a leitura, Lucie Thirache, temendo vagamente arrepender-se, acordou a massa ressonante, que resmungou mais alto, pediu-lhe que lhe indicasse onde estavam o papel e as penas, e pôs-se a responder a Dosia, aceitando o convite.

No sábado seguinte, chegava a Arras e atirava-se, com uma alegria lacrimosa, para os braços da sua amiga, que a esperava na estação.

IV

Sob a tabuleta com letras desbotadas onde se lia "Café des Allées", uma porta de coche entreaberta mostrava, ao fundo da entrada, tufos de folhagem.

— É ali que vamos, — disse Dosia. — Esta tarde vamos cantar no jardim.

Lucie Thirache achou desagradável o aspecto exterior daquele edifício. Com uma pontada de arrependimento, virou-se para o lado das Promenades, onde a banda militar tocava. Sob as filas de castanheiros, uma multidão movimentava-se, murmurante, num contínuo arrastar de pés sobre a areia, que era abafado ocasionalmente pelos sons vigorosos da melodia de instrumentos de metal. Ao centro, destacavam-se as barretinas dos músicos, enfeitadas com passamanarias amarelas, e a batuta do maestro, empunhada numa mão de luva branca, elevava-se no verde suave das folhas para mergulhar, logo de seguida, no azul-escuro dos uniformes.

— Olha, o patrão, — exclamou Dosia.

O homem usava uma boina de veludo e uma jaqueta de malha justa ao corpo; examinou as cantoras e chamou-as.

— Já é hora? — perguntou Lucie, espantada.

Ao seu cumprimento, o patrão respondeu com um aceno, sem grande entusiasmo. Contudo, abriu ele próprio a porta do café e afastou-se para o lado. Assim que Lucie entrou, parou, ofuscada, apertando as pálpebras. Por todas as janelas, o Sol irrompia, intensificando as sombras curtas, iluminando o pêlo negro de um spaniel bretão adormecido. Era uma profusão de luzes, um redemoinho de raios

cegantes, um turbilhão de poeira cintilante. Essa luz, reflectida em todos os ângulos por dois espelhos opostos, lançava-se sobre as paredes, dourava os degraus de um pequeno palco, e a palha das cadeiras, reflectindo-se ainda no palissandro de uma mesa de bilhar.

Junto a Lucie, encostadas a um dos espelhos, havia prateleiras onde se destacava o brilho das garrafas, alinhadas ao lado de copos e garrafas etiquetadas a branco e encimadas por cápsulas de chumbo baço. Mais abaixo, o balcão resplandecia, repleto de colheres amontoadas, canecas empilhadas, e uma bacia de cobre onde copos estavam mergulhados a brilhar.

Os dois espelhos opostos, reflectindo os objectos até ao infinito, abriam, de cada lado da sala, perspectivas intermináveis, interrompidas apenas por caracteres pintados a branco nas suas superfícies polidas:

"Esta noite, DOMINGO, 16 de Maio, ESTREIA DE Mademoiselle NINA, Cantora de género."

O patrão baixou as persianas. As raparigas penduraram os chapéus nos cabides de bronze, ajeitaram as cinturas diante dos espelhos e dirigiram-se para o jardim, ainda vazio.

Este terminava num espaço circular repleto de mesas e bancos; no extremo, erguia-se um pequeno palco coberto, decorado com riscas tricolores. A estrutura abria-se totalmente ao vento, sem proteger as três cadeiras e a mesinha de ferro pintada de branco que sustentava um tabuleiro de estanho. Na cornija, letras contorcidas formavam as palavras: "Alcazar d'été".

— É ali que se canta? — perguntou Lucie.

— Pois claro, minha filha. E depois, ao Domingo à noite, os músicos vêm para cá tocar para o baile. Porque, estás a ver, retiram-se as mesas e dança-se.

Um piano estava encostado ao palco. As duas mulheres depositaram ali as partituras das canções que iriam interpretar.

“Então era ali”, pensava Lucie, “que o seu destino seria decidido...” Bah! Não parecia nada muito luxuoso; as pessoas que frequentavam aquele lugar não deviam ser exigentes. E depois, paciência, logo se veria. Seguiu Dosia sob os caramanchões que ladeavam o jardim em semicírculo; sentando-se ao seu lado, começou a perguntar-lhe, receosa, alguns detalhes. Mas, no meio de uma frase:

— Olha, aí vem o cornaca.

Um homenzinho moreno, a andar com as pernas arqueadas, aproximava-se, seguido de uma mulher magra.

— Ele também canta, esse esqueleto ambulante? — perguntou Lucie.

— Mas é claro, — respondeu Dosia, — e com muito sentimento, até!

O casal separou-se ao chegar ao jardim. A mulher entrou no café, enquanto o marido, sorridente, se dirigiu às cantoras.

— Olá, meninas, — saudou, com uma gargalhada que sacudia todo o seu corpo em contorções amigáveis.

Abriu o piano e dispôs as partituras.

As pessoas começavam a entrar: um homem corpulento, escondendo o rosto atrás do enorme chapéu de uma criança que carregava nos braços; mulheres exibindo uma solicitude maternal, puxando os filhos ou carregando montes de brinquedos; operários com casacos lustrosos, tamborilando nas mesas com unhas arroxeadas; raparigas

todas vestidas de preto, com chapéus azul-céu. Militares encostavam-se às árvores, os polegares metidos nos cinturões. Para cada um, o director lançava uma piada que fazia as duas cantoras dobrar-se de riso.

Quando o número de clientes pareceu suficiente, ele sentou-se ao piano e começou a tocar para captar a atenção do público. As notas do instrumento sobrepunham-se ao murmúrio distante da multidão. Mas, gradualmente, o som das vozes tornava-se mais forte, misturado com as melodias tirolesas gritadas pelos desordeiros.

Os frequentadores abandonavam as esplanadas, invadindo o jardim em massa por todas as entradas. Agora, os criados corriam apressados, transportando cadeiras e servindo canecas de cerveja cuja espuma transbordava nas suas cestas. Atarefados com os pedidos incessantes, devolviam o troco rapidamente, procurando nas algibeiras enquanto seguravam as moedas prateadas entre os dentes.

As cadeiras estavam cheias, e Lucie via os casais apaixonados apertarem-se de bom grado para ceder espaço aos recém chegados.

Num tronco de árvore, o patrão pregou um aviso: "Pede-se silêncio durante as canções."

Lucie sorria. Aquela novidade encantava-a; achava tudo muito divertido.

Mas Dosia, que tinha ficado ao seu lado, correu em direcção a uns arbustos. Lucie, agora sozinha, sentiu uma espécie de tristeza. Assim, estava decidido: ia fazer a sua estreia. E uma apreensão cada vez maior apoderava-se dela diante desse evento iminente, tão grave e solene. Iriam rir dela, com certeza. Seria desajeitada; a voz, talvez, lhe faltasse. E depois, aquela vida miserável que tinha escolhido sem pensar, esquecendo-se das alegrias serenas

de outrora! Por um momento, sentiu um desejo furioso de fugir, de abandonar tudo — aquele café-concerto, aquele público provavelmente gozão, aquela cidade — e de regressar a Douai para pedir perdão.

O pianista tocou alguns acordes. Dosia voltou, sentando-se novamente na cadeira, animando a amiga com um olhar zombeteiro dirigido à mulher magra que se aproximava, vestindo uma volumosa e esvoaçante roupa de seda cor-de-rosa.

O silêncio instalou-se sob os "chiu!" prolongados do patrão, que passeava entre os bancos com uma expressão severa.

Dosia levantou-se. Com algumas pancadinhas, ajeitou os franzidos do seu traje e, inclinando-se para o público, começou.

Não se precipitem com esses holà,
Eu chamo-me
Senhorita,
Chamo-me Senhorita Nana,
De Zola.

Ela apontava para o seu corpete cheio, esticava as mãos e batia uma na outra, acompanhando o ritmo com um rebolar cadenciado das ancas. Quando terminou o terceiro verso, irromperam bravos entusiásticos. Os soldados, em particular, esforçavam-se para fazer barulho, levantavam-se e aplaudiam com risadas amplas.

Dosia, ligeira, desceu do palco. Diante de cada espectador, passou com o tabuleiro, pontuando os pedidos com o tilintar das moedas.

— E vocês, ó gorducho, esqueceram-se de mim?
— Oh, minha querida, estou sem trocos.
— Oh! Que lástima! Pobre homem, lamento por si. E você? É a sua mulher que o obriga a poupar?

Lucie observava e ouvia com muita atenção. No fim de contas, aquele público não era nada exigente. Dosia era uma rapariga divertida, muito engraçada; mas, no fundo, tinha cantado bem mal. Contudo, uma vaga inquietação permanecia nela.

Chegou a vez da mulher do director se levantar. Fez uma reverência solene e começou a cantar em tom meloso, lançando olhares ternos para a cortina vermelha do Alcazar:

Gentil vizinho,
Pelo mesmo caminho,
Através das rosas nov... as... as,
Sem receio de as esmagar,
Para que a minha resposta tenha as... asas,
Eu entrego-a num beijo.

O braço dela estendia-se constantemente num beijo langoroso. Uma profunda emoção tomara conta da assistência. Algumas mulheres, quase a chorar, davam vigorosas palmadas nos seus bebés para os calar, impedindo que o som dos bonecos golpeados sobre a mesa atrapalhasse a audição. O homem gordo soprava, profundamente comovido, escondendo-se sempre atrás do enorme chapéu do seu filho.

Mas Dosia e Lucie concentravam-se num grupo de camponeses de cabelos loiros, trajando blusas curtas. Olhavam para o Alcazar e para as cantoras com um espanto admirador, cuspindo finos jactos entre os sopros das suas

pipas, limpando depois os lábios com o dorso da mão.

Um deles, em particular, fazia as raparigas rirem: um homem alto, com o nariz achatado no meio de uma cara rechonchuda, de cabelo amarelo, escurecido por manchas, endurecido pela pomada ressequida.

— Olha, Nina, o pai dele sentou-se na cara quando ele saiu do repolho, aquele ali.

— É verdade, que cara!

O homem, percebendo que era observado, corava e bebia copiosamente para recuperar a compostura. Os seus camaradas troçavam dele, falando num tom gutural.

— Oh! não és por tua causa que ela está a olhar como nós?

— Não, não sou eu, és tu.

— Agora, sou eu? És mesmo parvo, és tu, claro que és tu. Oh! ela ainda está a olhar; olha só como ela gosta de ti.

Lucie Thirache ainda ria quando teve de se levantar para cantar. Rapidamente recuperou a compostura e, de um só fôlego, com grandes gestos e inflexões maliciosas, apresentou uma canção banal, cujos versos, interrompidos abruptamente no meio de uma frase, terminavam com a imitação de um trinado de flauta de festa.

Vi na Exposição
Estrados de fio da Escócia,
São sólidos, não digo que não.
Mas acho que para uma noite de núpcias...

E a flauta retomava. Após ter berrado cinco versos acompanhados de piscadelas provocantes, fez menção de descer para a colecta, mas o público, num delírio, exclamava: “Bis, bis.” Esses bis prolongavam-se, eram

unânimes, corriam de boca em boca. Por momentos o ruído acalmava, mas, junto à porta, uma voz voltava a lançar o monossílabo de aprovação, que novamente se espalhava, frenético.

Bronier, o pianista, felicitava Lucie com um entusiasmo galante:

— Vamos, anjo da minha alma, recomecemos para divertimento das crianças e tranquilidade dos pais. Que estreia maravilhosa!

Lucie voltou a subir ao palco, cantou em meio a um silêncio lisonjeador:

Vejo um senhor ali,
A beber o seu copo de cerveja,
A mulher dele, enquanto isso,
Talvez esteja a fazê-lo...

E quando o som da flauta retomou, todas as gargalhadas explodiram na direcção do rapaz de cara achatada, que Lucie, enquanto cantava, havia apontado com o dedo. Ele ficou roxo, depois muito pálido, e acabou por se ir embora, apesar dos apelos dos seus camaradas, que lhe gritavam:

— Eh, fica, seu tonto. Não vês que é só para brincar?

As risadas recomeçaram. Foi uma loucura, um sucesso enorme. Nunca Nina se sentira tão feliz, nem tão orgulhosa de si mesma. Surpresa, a princípio, por se ter adaptado tão bem às exigências da sua nova profissão, acabou por acreditar que o seu tempo de provações chegara ao fim: admitiu para si própria que tinha um temperamento de artista. E, enquanto fazia tilintar as moedas no seu prato diante dos consumidores, sonhava com os gloriosos destinos que aquele dia lhe devia abrir, já se imaginava

cantora em Paris, com príncipes como amantes.

Às oito horas, depois de jantar, Lucie voltou ao café para o concerto da noite. Com um pacote de roupas pendurado no braço, entrou com a sua amiga. Da vida no bordel, tinha conservado um hábito: a necessidade de sentir sempre uma mulher por perto; e transferira para a cantora as suas ternuras inatas, acompanhando-a para todo o lado, admirando tudo nela.

Com muita dificuldade, sob o olhar persistente e curioso do público, as duas mulheres abriram caminho pela sala apinhada. Por uma porta com o letreiro "Entrada proibida", as cantoras entraram no camarim. Era uma sala irregular, bastante pequena, escura apesar do gás. Nos ganchos de um cabide, pendiam os figurinos da apresentação, um amontoado de tecidos chamativos. Sobre uma mesa redonda, bacias com rachas visíveis; espalhados em redor, frascos de pomada, sabonetes, uma coroa de flores artificiais.

No meio daquela desordem, Dosia tentou encontrar um lugar para as roupas de Lucie; mas rapidamente perdeu a paciência, empurrando tudo, e acabou por derrubar um jarro, que espalhou água por todo o lado.

— Que chatice! Nem sequer se sabe onde pôr as coisas. Que espelunca! E os empregados, o que é que estão a fazer?

Lucie, ainda segurando o pacote nas mãos, observava as irritações de Dosia, sem falar, com o sorriso tímido de quem é nova no ambiente.

Começaram a desembalar as roupas, cuidando de sacudir os vincos.

Pouco depois, apareceu a mulher do pianista.
— Depressa, despachem-se, minhas queridas, está na hora. Ah! Tenho uma enxaqueca esta noite! Não sei como vou

conseguir cantar.

As três, num gesto rápido, desabotoaram os vestidos, revelando a brancura dos braços e do peito, e cada uma vestiu o seu traje de noite.

Depois de se vestir, Lucie Thirache olhou-se ao espelho. O seu peito, nu, movia-se suavemente sob o aperto de um corpete de seda lilás. Um colar de veludo fazia uma linha escura na pele branca do pescoço. A curva das suas pernas estava moldada por meias negras adornadas nos tornozelos com bordados dourados. E a saia rosa mal descia até aos joelhos, deixando ver as rendas do seu saiote. Lucie achava-se mesmo bonita. Esquecia-se dos pudores recentes. Soltou o fluxo dos seus cabelos castanhos sobre os ombros; prendeu-os na nuca com um grande laço.

E, ao ver no espelho Dosia a aproximar-se, virou-se para contemplar a amiga:

— Oh! Estás tão bem assim!

No fundo, pensava que Dosia, com certeza, não sabia usar bem os vestidos. Tinha um corpete creme muito decotado; nos pés, botas brancas de cano alto com atacadores cor-de-rosa... Não, decididamente, Dosia não tinha o seu charme.

Oh! Nem mesmo Madame Bronier escapava, com o seu vestido de baile em seda cinzenta, longas luvas nos braços e aquele ar de velha puritana, completamente ridículo. E como os seus ossos se destacavam, parecendo prestes a quebrar, apesar de todo o esforço para se alargar numa ampla saia com armação.

As três mulheres terminavam a sua toilette quando um sino as chamou. Voltaram ao café, subiram ao palco. Um último olhar lançado ao espelho, um retoque final nos penteados, e todas se sentaram, voltadas para o público.

Bronier, com um ritmo frenético, atacou *La Mascotte* novamente.

Os refrões eram entoados em voz alta pelas cantoras, que se esforçavam para se fazer ouvir, apesar da música do baile instalado no jardim, das frequentes interrupções dos clientes apressados em serem servidos e das entradas constantes dos suboficiais em traje de gala, arrastando os sabres.

Com a canção terminada, seguiu-se o ranger de cadeiras, um abrir de caminho apressado para a colecta, um som abafado de botas no chão. Lucie passava a trautear, atravessando as nuvens de fumo, atraindo os olhares cobiçosos dos homens ao exibir, de propósito, os braços perfumados com velutina. Para todos, tinha um sorriso amável, e, com um gracioso “obrigada”, exibia os dentes brancos sempre que uma moeda caía no prato.

Uma lembrança dos seus antigos sucessos dava-lhe uma grande ousadia. Num instante, adoptara os modos das outras cantoras. Fazia o seu trabalho com perícia, utilizando carícias e artimanhas sedutoras. No jardim, passava sob os alpendres, pedindo contribuições entre os dançarinos. Um giro de valsa, se o patrão não estivesse a olhar, e logo voltava para despejar as moedas no saco do pianista.

Por volta das nove horas, o som agudo dos clarins, marcando a retirada, fez-se ouvir. A princípio abafado, depois mais alto, até ensurdecer a sala, fazendo tremer os vidros. Então, todos juntos, soldados e suboficiais esvaziaram os copos, levantaram-se, encolheram os ventres para apertar os cintos e verificaram os números de matrícula no interior dos chapéus.

Saíram, lançando um último olhar às três mulheres que ainda troneavam no palco.

A sua partida entristeceu Lucie. Virando-se para Dosia, lamentou-os. E, como a amiga quase não a ouvia, repreendeu-a pelo seu coração frio.

O café começava a esvaziar-se. Casais e pequenas operárias retiravam-se com ar sonolento, após um cálculo complicado das moedas. Mas um ruído de cânticos e assobios anunciou um grupo de jovens. Entraram com as suas amantes. Estavam bastante bêbados, gritavam, gesticulavam e amontoaram-se aos pés das cantoras.

Dosia, que esticava o pescoço para soprar a Madame Bronier as palavras de um verso, virou-se para Lucie:
— Olha, é a alta sociedade!

A noite avançava, e o pianista concedia longos intervalos às cantoras exaustas. Fragmentos de conversas chegavam até Lucie. Comentavam-na, calculavam o preço das suas noites. Habituada, pela sua vida anterior, a ouvir-se assim avaliada, uma apreciação elogiosa agradou-lhe.

Num outro grupo, vangloriavam-se, enumerando conquistas. Os jovens insultavam-se, trocavam palavras grosseiras com gosto, vangloriando-se dos amores roubados, não pagos.

As amantes, silenciosas, saboreavam as bebidas ou cochichavam entre si. Algumas, aproveitando a distracção dos companheiros, lançavam olhares sugestivos por cima do ombro a outros homens, sentados mais longe. Lucie, desdenhosa, desprezava-as.

Agora, sufocadas pelo cheiro da fumaça que subia e atordoadas pelos gritos ruidosos trocados de mesa para mesa, as cantoras berravam sem convicção, incapazes de superar o tumulto.

Mas, em breve, chegaram oficiais e cavalheiros para pagar champanhe às artistas. Trocaram-se lisonjas elegantes

e fizeram-se discretos pedidos para acompanhar as senhoras.

Os últimos versos desenrolaram-se num ritmo de galope. Eram cheios de insinuações, olhares e sorrisos encorajadores, aos quais os homens visados respondiam com mais sorrisos e piscadelas.

Às solicitações dos homens, Lucie, a princípio, não ofereceu uma recusa firme. Sentia desejos despertarem dentro de si. Contudo, a lembrança da sua doença e as advertências do médico assombravam-na. A ideia de um novo internamento no hospital aterrorizava-a, sobretudo porque significaria regressar ao trabalho num ateliê religioso ao sair... Oh! De forma alguma retomaria aquela existência miserável.

Lá fora, o baile terminava. Dançarinos suados invadiam o café, arrastando atrás de si raparigas desgrenhadas. Todos se atiravam gulosamente às suas canecas de cerveja.

E o concerto chegou ao fim. O piano foi fechado. As cantoras foram trocar de roupa.

Quando regressaram, alguns oficiais ainda permaneciam, à espera. Sobre o piano, o pianista empilhava moedas de dez cêntimos e Madame Bronier, esquecida da sua mímica sentimental, supervisionava o encaixe da receita. Contava o dinheiro tão concentrada que, distraída, procurava sem sucesso os botões do seu casaco no meio das franjas do tecido.

Seguiu-se uma longa caminhada pela cidade, ao longo dos muros da caserna e das correntes do mercado de cavalos. Lucie, abraçada por um oficial, caminhava lentamente, resistindo às carícias, mas sentindo-se feliz por ser novamente envolvida nos braços de um homem, após tão longa abstinência de beijos.

No entanto, à porta de casa, recusou firmemente, suavizando apenas com uma desculpa:

— "Não, sabe, não me leve a mal: não quero fazer isso, nem consigo nem com ninguém."

Subiu rapidamente para o seu quarto e divertiu-se, maliciosa, a observar pela janela a figura abatida do oficial rejeitado, que, com a cabeça enfiada no colarinho levantado do casaco, se afastava, batendo os pés no asfalto.

Seguiu-o com o olhar durante muito tempo, e, aos poucos, o seu sarcasmo desvaneceu-se. Sentia pena daquele jovem por ter de voltar sozinho. Dentro dela, havia como que um leve arrependimento.

V

Uma manhã, Dosia chegou a casa de Lucie. Cortinas espessas cobriam as duas janelas, e, pelas fendas, um dia enevoado entrava em raios cinzentos. Espalhavam-se em leque pelos cantos do quarto, iluminando vagamente o sofá quase desaparecido sob um monte de saiotes e vestidos com folhos enlameados. Por toda a parte, no vasto quarto, reinava uma grande desordem, uma completa indiferença em tornar o ambiente agradável. O globo do relógio, tombado, jazia no chão, preso entre duas cadeiras, contendo água com sabão estagnada. Na lareira, estavam espalhados alfinetes, fósforos e pequenos adornos de prata. Sobre uma mesinha redonda, repousavam um lenço de renda cobrindo a seda de um guarda-chuva, um espartilho negro com costuras amarelas, uma almofada de pó; havia ainda um livro encadernado a vermelho, canções, uma fotografia de Judic e um frasco com uma tampa de pele branca.

A ausência de um homem, a indiferença da rapariga para com este quarto onde apenas dormia, reflectia-se até na penteadeira: estavam espalhadas toalhas sujas, uma trança de cabelo eriçada de alfinetes e uma esponja. Ao fundo, dominando o caos, a cama aparecia meio coberta por cortinas brancas, e, com a cabeça afundada na maciez da almofada, Lucie Thirache dormia, sorridente, com os braços estendidos, a pele húmida e os seios à mostra. Suavemente, Dosia aproximou-se dela, mas, de repente, com uma brusquidão travessa, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Oh! Que grande preguiçosa!

Lucie, inicialmente, fez apenas uma expressão de

desagrado. Abriu as pálpebras pesadas e murmurou:

— És tu?

Depois fechou os olhos novamente, cobrindo o rosto com as mantas. Ao perceber que Lucie estava prestes a adormecer outra vez, Dosia correu até uma janela, depois à outra, puxou as cortinas e inundou o quarto de luz. Voltando para junto da cama, agarrou a cabeça de Lucie com ambas as mãos e começou a enchê-la de beijos rápidos no cabelo, na boca e na testa. Finalmente, a amiga entreabriu os olhos, com uma expressão emburrada; e agora, com a cabeça um pouco erguida e os punhos apoiados nas sobrancelhas, bocejou:

— Oh! Como estou cansada!

— Ora, já dormiste o suficiente, anda lá, já são quase doze menos um quarto. Levanta-te, vá. Queres ir a Blangy dar uma volta de barco?

— Barco? Nem pensar, minha amiga. E quem é que vai remar? Sabes bem que eu não quero.

— Oh! Não te preocupes, não serás tu.

— Então, quem?

— Ah! Isso não te vou dizer.

— Ah! Já percebi. É que me queres fazer ir com algum tipo. Bem, obrigada, mas vai sozinha.

— Anda, não te zangues. Não é nada disso.

Explicou-se. Um oficial, Émile, um belo moreno, fizera-lhe propostas para viverem juntos; era muito distinto, oferecia-lhe constantemente vestidos, quinquilharias e uma porção de coisas caras. Hoje, propusera-lhes um passeio de barco, e, com receio de que a sua pequena Nina ficasse triste sozinha, viera buscá-la.

— Mas se te incomoda assim tanto, olha, vou-me embora e pronto.

— Oh, não é isso, vá. Só fiquei surpreendida quando disseste, ao chegar, que querias que eu fosse andar de barco com uns tipos. Pensei que me querias arranjar um amante.

— E então? E depois? Onde está o mal nisso? Diz lá, não queres ficar sempre assim, a fazer-te de puritana, pois não?

— Eu? Claro que não! Só não quero dormir mais com homens, e pronto.

— E porquê?

— Porque são uns porcos! — respondeu Lucie, irritada. — E depois, estive doente, e não vou morrer para lhes dar prazer.

— Doente? — questionou Dosia, incrédula. — Isso já foi há tanto tempo. Já estás curada, minha amiga, sabes bem que o médico te disse isso ainda outro dia. Ora essa, eu faço noitadas, e, ainda assim, fiquei pior que tu, sem dúvida!

— Ah! Pior do que eu? Vamos lá ver isso! — replicou Lucie, num tom desafiante.

As duas mulheres lançaram-se numa longa discussão sobre as suas doenças passadas. A lembrança das dores era agora quase motivo de riso, um alívio por estarem livres.

— Sim, está bem, mas chega disso. Somos umas tontas com estas histórias! Vais ou não vais? Diz lá.

— Não, já te disse, não quero adoecer outra vez.

— És mesmo parva! Vá, deixa-me em paz... Olha que hoje, se quisesses, fazias um bom negócio.

Dosia, com entusiasmo, começou a enumerar as vantagens da proposta que trazia:

Um amigo de Émile, também oficial, Charles, um rapaz muito rico, tinha-se apaixonado por Lucie. Nina conhecia-o bem, era aquele que estava sempre a beber águas de menta... Mas Lucie Thirache, imediatamente, protestou: não, ela não queria, estava muito feliz na sua posição actual,

e certamente estaria muito pior com um homem constantemente a persegui-la. Dosia riu-se:

— Bah! Vais ver como isso até te daria prazer. E depois, sabes, se te cansares de cantar, podes deixar o palco; o Charles paga-te a rescisão. E dar-te-ia os teus oito francos todos os dias. É mesmo generoso, sabes!

— Pode ficar com os oito francos dele. Para começar, não estou com vontade de largar o palco; prefiro fazer este trabalho a ter de aturar um mecenas.

— Ah sim! Claro que sim, falas assim agora porque achas graça cantar. Mas olha, eu já começo a sentir-me farta disto; um bom arranjo e garanto-te que, se o Émile me oferecesse algo assim, nem pensava duas vezes. Se soubesses como estou aborrecida, minha pobre amiga, neste sítio horrível. Passo o dia a bocejar.

— E o Émile? Ele não é divertido? — perguntou Lucie.

— Oh, o Émile passa metade do tempo a trabalhar; então não se pode incomodá-lo. Depois disso, é o Charles que aparece, e ficam os dois a falar de um monte de tretas que eu nem percebo: serviço, números, planos; lá sei eu! E, quando digo alguma coisa, riem-se de mim e continuam a falar das coisas deles.

— Pobre querida! Vês como não é divertido estar presa assim?

Dosia concordou, enumerando todas as suas pequenas misérias. Mas Lucie, comovida, perguntou porque não dispensava o homem. Então Dosia voltou a elogiar aquele estilo de vida, falando das festas requintadas, viagens, longos dias passados na cama, mergulhada em êxtase amoroso. E, novamente, insistiu no convite, jurando que o tédio era apenas por causa das conversas demasiado sérias que terminariam se fossem duas a interrompê-las:

— Aliás, se eles continuarem, — continuou — vamos irritá-los o tempo todo, falando baixinho entre nós. Isso deixa os homens furiosos, sabes, vai ser muito divertido. São tão estúpidos.

— Ah, isso é muito verdade! Se eles soubessem o quanto nos rimos deles!

Riram-se ambas. Dosia sentou-se na cama, beijando a sua boa Nina e tentando convencê-la com carícias. Lucie Thirache, obstinada, recusava; mas finalmente acrescentou:

— Não, estás a ver, hoje não. Tenho de me cuidar hoje. Amanhã é o dia da visita, e estou apavorada dois dias antes.

— És louca, só pode! Olha, isso era outra coisa que não aconteceria, se aceitasses ficar com o Charles; ele conhece muito bem o comissário, vê-o todos os dias no café. Assim como o Émile vai arranjar tudo para me desobrigar em breve. Pois bem, se quiseres, o Charles também faria o mesmo por ti.

— Oh, isso seria uma sorte incrível! — exclamou Lucie. E insistiu, perguntando se era mesmo verdade. Mas, enquanto Dosia respondia, ela já nem a ouvia. Via-se, finalmente, livre daquela sujeição humilhante, sem ter de suportar, todas as semanas, as piadas dos estudantes de medicina e a brusquidão do médico. E todos esses aborrecimentos desapareceriam, se apenas aceitasse ser a amante de um jovem muito respeitável, um oficial, um belo rapaz. Mas, novamente, a preocupação com a sua saúde interrompeu-lhe os pensamentos. Envolver-se com aquele tipo não seria arriscar uma recaída?

Muito hesitante, respondia apenas com uma negação suave às insistências de Dosia, que, sem cessar, lhe repetia:

— Vá lá, a sério, se não quiseres vir, nunca mais te falo. Não vale a pena ter uma amiga, se ela não quer passear

contigo. E olha que, primeiro, isto não te compromete em nada.

— Muito bem, está bem, eu vou. Mas, se tentares empurrar-me para o oficial, vais ver só.

— Ah! És mesmo querida, — respondeu Dosia, abraçando-a de novo. Em seguida, saltou da cama e implorou:

— Anda, depressa, minha querida, veste-te, ou nunca mais chegaremos.

VI

Lucie Thirache tornara-se amante do oficial Charles.

Inicialmente, entregara-se a ele por cálculo; aquela ligação era um meio prático de renovar o seu guarda-roupa desgastado e de escapar à intrusiva vigilância da polícia. Prometia a si mesma abandoná-lo assim que tivesse alcançado esses benefícios. Contudo, gradualmente e sem se dar conta, começou a apreciar essa nova vida. Descobriu qualidades no amante: era um homem distinto, afável, muito encantador e impressionante no seu uniforme justo. Sentia orgulho por tê-lo conquistado. Decidiu cativá-lo de forma permanente e, para tornar a estadia do oficial na sua casa comum mais agradável, passou a arrumar o espaço com meticuloso cuidado.

As roupas foram penduradas nos armários, os objectos de toilette dispostos em ordem; cadeiras e poltronas, antes abarrotadas de tralhas, brilhavam agora de uma limpeza esmerada. Nas paredes, Lucie pendurou litografias com temas militares. Instalou perto do espelho uma fileira dupla de suportes para cachimbos e, na lareira, entre o relógio e os candelabros, colocou, em molduras douradas, as fotografias do seu amante e dela própria. Ao centro da mesa, um porta-charutos musical em pau-rosa brilhava, rodeado por cartas e livros. Na parede acima do sofá, armas de várias origens formavam uma panóplia: dois sabres, revólveres e peças orientais. Lucie procurava perfumar tudo, enchendo o ambiente com flores em abundância.

A cada dia de mercado, pela manhã, dirigia-se à praça do Teatro. Ali, demorava-se a escolher ramos de rosas ou

cravos, sob o olhar apaixonado de Charles, que tomava absinto à porta de um café.

Gradualmente, Lucie afeiçoava-se ainda mais àquele amor. O oficial era desejado por todas as mulheres, e a vaidade da rapariga fazia-a temer que Charles a abandonasse um dia. Para mantê-lo apaixonado e submisso, empregava artimanhas habilmente elaboradas e dedicava-lhe atenções constantes. Percebera logo que o oficial não nutria por ela uma paixão profunda e íntima. Jovem e vigoroso, precisava de uma mulher, mas era um desejo puramente carnal; além disso, Charles queria que o seu ego fosse recompensado pelas despesas com a satisfação do seu amor-próprio. Os elogios que a sua amante lhe rendia e as invejas que despertava eram, para ele, lisonjas irresistíveis.

Lucie soubera transformar-se na mulher que ele desejava. Sem esforço, assumira as maneiras de uma dama, habituada a atitudes elegantes e recatadas, a gestos de irrepreensível compostura. Diante dos outros oficiais, no murmurinho ou em reuniões, comportava-se de forma reservada, exibindo recatos súbitos. Corava ligeiramente e esboçava apenas leves sorrisos perante piadas maliciosas. Ela mesma falava pouco, escolhendo cuidadosamente as palavras; e, se por acaso deixava escapar uma expressão vulgar, mantinha-se depois em rigoroso silêncio durante horas, numa auto-imposta punição.

Charles costumava levar Lucie a locais de diversão pública, encantado com o prestígio que ela lhe proporcionava. Às segundas-feiras, ela estava no teatro, sentada nas segundas galerias, envergando um luxuoso vestido de seda branca. Enquanto todos a observavam com curiosidade, ela permanecia muito erecta, impassível, com o olhar fixo ora no palco, ora na galeria onde o seu amante

se encontrava. Apenas ocasionalmente, sacudida por uma alegria súbita, escondia o rosto atrás do leque e, certa de que ninguém a via, entregava-se, divertida, a apontar a Dosia as expressões ruborizadas e atónitas das burguesas. Depois, retomava um semblante grave, voltando a exibir seriedade e dignidade.

Nos intervalos, ia ao encontro do seu amante na loja de um confeiteiro próximo do teatro. Ali, numa saleta cuidadosamente fechada, descontraía-se, ria alto, embriagava-se com champanhe, como se quisesse compensar a contenção que se impusera. Outras vezes, Charles levava-a, depois do concerto, aos bailes ao ar livre.

Na multidão, Lucie mantinha sempre um ar altivo. Recusava-se a dançar, limitando-se a comentar baixinho, com sorrisos maliciosos, o embaraço dos jovens e das suas namoradas. Contudo, quando a orquestra concluía a quadrilha dos lanceiros e grande parte do público abandonava o baile, Lucie, ficando apenas com os oficiais e alguns jovens abastados, liderava então uma alegre sarabanda.

Todas as suas velhas brincadeiras voltavam a surgir. Fingia estar embriagada, e essa encenação acabava por dominá-la por completo. Os seus olhos brilhavam; um calor subia-lhe ao peito, acompanhado de um arrepio excitante. De súbito, era forçada a parar as suas travessuras; sentava-se, cruzava as pernas e inclinava-se para aquecer a fria sensação que a invadia no ventre. Um desconforto generalizado fazia-a mexer-se incessantemente. Quando, finalmente, os músicos arrumavam os instrumentos, carregando os metais ao ombro e enrolando cachecóis em volta do pescoço, Lucie agarrava nervosamente o braço de Charles e arrastava-o pelas ruas até à cidade, em plena

febre.

Sob a influência de uma nova vida, Lucie foi gradualmente invadida por desejos estranhos e até então desconhecidos. Inicialmente, para manter o amante preso a si, evocara todas as lembranças lascivas do bordel onde vivera. Esforçava-se por provocar os ímpetos de Charles, simulando nela própria emoções semelhantes. Como outrora, adoptava poses languidamente sedutoras, olhava-o amorosamente nos olhos e, para ser ainda mais agradável, fingia espasmos de prazer descontrolado, que ansiava por sentir de verdade.

No entanto, aos poucos, essa simulação de prazer deu lugar a uma necessidade genuína; o corpo, há muito submetido à contenção, despertara pela primeira vez sob o retorno súbito de práticas eróticas. Antes, conhecera no amor apenas a alegria de ser acariciada, adorada, envolvida com ardor; o êxtase supremo permanecera-lhe desconhecido. Agora, porém, essas intensas sensações finalmente a invadiam.

Parecia-lhe despertar para um mundo inexplorado de prazeres inefáveis.

Logo, a expectativa dessas delícias e a espera pelo momento sublime tornaram-se as suas únicas preocupações. Lucie já não pensava em outra coisa além do amor, tomada por uma inquietude estranha sempre que dele se via privada por algum tempo. Entregava-se completamente, de forma voluptuosa, a essa condição.

À meia-noite, ao terminar o concerto, Lucie, tomada por uma ansiedade urgente de chegar a casa, agarrava-se à manga de Charles, forçando-o a correr para que voltassem mais depressa. No quarto, mal fechava a porta, colava-se a ele, abraçava-o e arrastava-o até ao sofá. Cobria o amante

com o seu corpo, mordia-lhe os lábios vorazmente, com beijos intensos nos quais as línguas se entrelaçavam. Para aplacar o frio que sentia, enfiava as mãos nas largas mangas do dólman.

Sob os toques febris de Charles, os olhos de Lucie fechavam-se, a cabeça inclinava-se para trás, o corpo retorcia-se, esticava as pernas, arfava entrecortadamente. Então, a tensão tornava-se mais forte; parecia uma pressão que rolava no ventre, subia e, ao passar, deixava um vazio deliciosamente exausto.

Com o corpete desabotoado apressadamente, os seios saltavam à vista. E o enlace entre os dois tornava-se cada vez mais intenso até o momento em que Lucie se deixava cair, a boca aberta, os olhos perdidos, soltando um gemido rouco.

Quando recuperava a consciência, encontrava-se na cama, parcialmente despida, ao lado de Charles, que a observava com ternura. Ela ainda o beijava, mas, ajoelhando-se sobre a colcha, despia-se por completo, atirava a camisa de dormir pelo quarto, tomada por uma raiva silenciosa. Lançava-se sobre o oficial, arranhando-o, mordendo-o, irritada com as suas confissões de impotência.

Assim passavam a noite. Quando os primeiros raios anémicos do amanhecer penetravam no quarto, Lucie, finalmente esgotada, abandonava-se ao sono pesado, desabando na cama junto à parede.

VII

Lucie Thirache abrira a janela e, apoiada no peitoril, observava a praça do Mercado diante de si. A aurora, aos poucos, clareava os contornos das casas. A cidade dormia. Nenhum ruído, excepto, ocasionalmente, o rodar de uma carroça ou o eco de passos distantes. Em baixo, a praça deserta estendia-se imóvel. Um grupo de árvores no centro parecia uma mancha de verde-escuro, tremulando ao vento. Próximo à janela, sobre as bancas de peixe, o telhado do mercado desenhava um semicírculo de ardósias, e, levantando os olhos, Lucie avistava os edifícios da caserna que delimitavam a praça: um muro interminável de tijolos, pontuado por traves de pedra branca.

No canto do muro, as grades de um portão fechado contra o qual um sargento parecia dormir, encostado. Uma sentinela, envolta num capote castanho, caminhava de um lado para o outro, com passos lentos e regulares.

Lucie fixava aquelas grades por onde, momentos antes, Charles havia entrado. Pensava nele: estava prestes a partir para Dunquerque, para os exercícios militares. Ela ficaria sozinha durante um mês inteiro. Como se aborreceria! Sem bailes, sem diversão! Acabadas as carícias, as noites de paixão, tão intensas nos braços um do outro. Com Charles, todas as alegrias fugiriam.

Ao longe, o campanário começou a tocar o primeiro excerto do seu carrilhão, com notas hesitantes e pesadas. “Já são cinco horas”, pensou ela; “eles partirão em breve”.

Na caserna, notava-se movimento. O sargento levantara-se e abrira o portão. Lucie, inclinando-se, acreditou

reconhecer Charles entre os oficiais alinhados no pátio. Sim, era ele, o terceiro à esquerda, de costas, aquele com a postura mais altiva. Observou-o trocar papéis com um homem corpulento de pernas curtas, antes de desaparecer rapidamente para dentro do edifício.

Uma vaga agitação enchia o ar, um rumor de passos apressados. Abriam-se janelas, enquadrando rostos sonolentos de soldados ajustando as gravatas azuis. Depois, as vozes diminuíram, e o pátio ficou vazio novamente. Um silêncio tomou conta do lugar.

Lucie voltou ao quarto. Olhou para a cama, as almofadas desarrumadas, um cigarro esquecido sobre a mesa. Recordou a noite anterior, uma despedida marcada por longos abraços. Certamente, Charles estaria exausto para enfrentar uma viagem tão longa. Mas, ao menos, em Dunquerque poderia descansar. Lá, não haveria mulher alguma a roubar-lhe o sono.

"Pobre rapaz! Ele gosta tanto de estar comigo!" pensou. Ela também dormiria sozinha; quão monótono seria não sentir o amor, não sentir, enquanto dormisse, os lábios delicados de Charles a tocar a sua pele. Tudo estava acabado. Ambos permaneceriam fiéis durante aquele mês. Sim, ela seria fiel, nem sequer queria pensar noutra coisa. A ideia de uma traição a Charles parecia-lhe monstruosa.

Ouviu o ruído crescer na praça, tornar-se mais nítido. Era como se músicos ensaiassem: sons de clarins, curtos no início, depois longos e contínuos; batidas repetidas de tambores; uma cacofonia de passos e vozes.

Lucie voltou à janela. O pátio agora estava repleto: uma multidão de uniformes vermelhos e azuis aglomerava-se enquanto eram gritados comandos.

Ainda assim, pensava, se ficasse ali sozinha em Arras,

ele, talvez, encontrasse outra mulher em Dunquerque; e, ao retornar, poderia abandoná-la. Quem sabe? Não, isso ela não permitiria. Certamente iria ao encontro dele em poucos dias, ignorando a proibição. “Essas proibições deles! Só servem para se livrarem das amantes, para inventarem desculpas!”

De repente, o alvoroço cessou na caserna; e, logo depois, clarins e tambores ecoaram em harmonia, numa melodia invariável que, por vezes, parecia enfraquecer, apenas para renascer em força, incessante.

Sob as grades, os soldados começaram a sair, marchando mecanicamente, com passos ritmados que ressoavam no chão. Primeiro, vinha a vanguarda: uma fila dupla de soldados barbudos, com as nucas curvadas sob os rolos das tendas. Depois, os tambores, impulsionando as suas caixas para a frente a cada passo, e os clarins, com as bochechas infladas contra as embocaduras dos metais.

Dois golpes da caixa grande, um breve silêncio, e, de repente, sob as grades, a fanfarra explodiu, preenchendo a praça com uma sonoridade intensa. O regimento desfilava, interminável; um movimento contínuo de mangas azuis.

Lucie via os soldados avançarem, passarem pelo grupo de árvores e depois dobrarem à direita na rua de Châteaudun. Seguia-os com os olhos, curiosa, observando-lhes as costas alinhadas, os sacos de couro reluzente e as marmitas que brilhavam sob os primeiros raios de sol.

Certamente, Charles iria divertir-se longe dela; esquecer-se-ia dela. Os homens, tão falsos que são! E não se podia ignorar que todas as mulheres o desejavam. Ah, não havia dúvida, ela iria atrás dele!

Os seus olhos fixavam-se novamente nas grades, numa impaciência crescente. Não ia sair? Porque demorava tanto?

Mas, se ele achava que podia livrar-se dela tão facilmente, estava enganado. Sim, enganado até ao último fio de cabelo! Onde estava ele? Não apareceria nunca?

Os oficiais, inclinados sobre os pescoços oscilantes dos cavalos, destacavam-se acima das cabeças dos soldados, cujos capacetes, adornados com jugulares e insígnias vermelhas, brilhavam à luz da manhã. Os tenentes avançavam, com as jaquetas levantadas sobre os ombros para libertar o movimento dos sabres que pendiam de braços galardoados.

Finalmente, Charles apareceu, a liderar uma companhia; e, num sorriso de despedida, parecia querer, uma última vez, reforçar as suas instruções. Lucie, com um aceno, tranquilizou-o. Seguiu-o com o olhar durante muito tempo, até o ver virar a esquina da rua e desaparecer.

Entrou novamente no quarto e, de repente, correu até à mesa para verificar o número de luíses que Charles e Emile haviam deixado para cobrir as dívidas comuns e sustentar as duas mulheres. Lembrou-se de ter empurrado o aparador na pressa de se levantar e, muito inquieta, temendo que uma moeda tivesse caído, contou o dinheiro várias vezes.

Pensou que lhe tinham dado uma tarefa desagradável, que bem poderiam ter atribuído a Dosia. Mas, ao reflectir que tal demonstração de confiança era sinal de apreço dos dois homens, logo se sentiu lisonjeada, satisfeita por, de certa forma, superar a amiga.

Não, definitivamente, não iria a Dunquerque; a sua obediência justificaria a confiança que lhe depositavam. Seguiria os conselhos de Charles, ficaria em Arras, quieta, comportando-se bem. Afinal, era uma questão de apenas vinte dias, no máximo. Conseguiria esperar. Além disso, era uma oportunidade para um descanso merecido; e,

sorridente, reconheceu que precisava mesmo de repouso.

Pela última vez, voltou à janela. Os sons da música desvaneciam-se; ainda conseguia ouvir os tambores ao longe, a cadência dos passos ecoando suavemente. À entrada da rua, avistou as costas encurvadas do major, atravessadas por uma bandoleira vermelha, e a garupa do cavalo que a cauda varria. Seguiu com os olhos o balançar das carroças regimentais, com as suas lonas verdes a tremular ao ritmo do movimento; depois, a praça esvaziou-se, recobrando o ar sombrio e sonolento de outrora.

Misturada aos últimos sons distantes do regimento em marcha, uma vaga ruidosa começou a crescer lentamente pela cidade. Lucie Thirache voltou para a cama e dormiu o resto do dia.

VIII

Após a partida de Charles, a vida decorreu suavemente, numa sonolência apática. As noites de espasmos haviam exaurido a rapariga. As suas crises histéricas tinham-se atenuado, tornaram-se mais raras, e, a princípio, ela experimentou um bem-estar estranho: dormir sozinha e por muito tempo. Permanecia na cama até à hora do jantar. À noite, cantava com indolência, ansiosa por regressar rapidamente a casa para retomar o seu sono. Estava verdadeiramente feliz; não tinha preocupações, já não precisava de adornar os móveis, comprar flores e bibelôs, ou cuidar constantemente de agradar ao amante.

As suas divagações tornaram-se mais vagas. Apenas, de vez em quando, surgia um arrependimento pelas alegrias passadas, mas essas impressões rapidamente se dissipavam; recaía na sua apatia satisfeita.

A única perspectiva que sempre se mantinha desejável era o regresso de Charles. Um dia, em breve, reencontraria esses prazeres infinitos; e, sem dúvida, esse repouso absoluto durante um mês tornaria as carícias ainda melhores. Assim, vivia, entorpecida e contente.

No entanto, foi arrancada dessa despreocupação pela chegada de um cómico contratado para a temporada de Verão. Chamava-se Cretson, bailarino cómico, e, à entrada do café-concerto, mandara instalar um quadro com dezoito fotografias suas em dezoito poses e com dezoito trajes diferentes.

Este homem tornou-se imediatamente amigo das duas cantoras, e Dosia, quando visitava Lucie, levava sempre

consigo este novo colega. Decididamente, ele era muito divertido, absolutamente hilariante. Num rosto envelhecido e enrugado, completamente imberbe, destacavam-se dois olhos pequenos e claros sob arcadas desprovidas de sobrancelhas. Esses olhos arregalavam-se em caretas disparatadas sobre um nariz achatado, ladeado por uma boca enorme e incessantemente em movimento. Sem idade definida, talvez sem sexo.

No quarto de Lucie, as gargalhadas das duas mulheres eram constantes enquanto Cretson, passeando de um lado para o outro, do leito ao sofá, agitava as pernas vestidas com calças lilases, saltitando e despejando uma torrente de palavras. Falava de tudo, exibia uma erudição surpreendente. As suas palavras fluíam sem cessar, com inflexões grotescas, trocadilhos, uma explosão de gritos e gestos. Era impossível ser mais engraçado.

Lucie e Dosia maravilhavam-se, riam, indignavam-se, temendo interrompê-lo, inteiramente absortas na admiração por aquele tagarela. E, quando ele partia, depois de sorver vários copos de ponche ou café, as duas mulheres derramavam-se em elogios. Recontavam as piadas que tinham retido, reviviam as suas surpresas alegres, rememoravam as brincadeiras do cómico.

Gradualmente, Cretson tornou-se para Lucie uma companhia indispensável; ela sentia necessidade de o ouvir constantemente. E a rapariga sofreu um verdadeiro desgosto quando, certo dia, ele abandonou o grupo após uma discussão acalorada com Bronier. Partiu sem sequer se despedir das cantoras.

Lucie, uma vez mais sozinha, tentou retomar a sua vida indolente de sono e apatia. Porém, a companhia do cómico havia-lhe despertado um desejo irreprimível de ter alguém

por perto. Já não conseguia dormir. Sentia-se terrivelmente entediada na cama. A sua existência parecia-lhe agora muito vazia, de uma monotonia desoladora. Nem mesmo Dosia a conseguia distrair; a rapariga tinha-se ligado à Madame Bronier, que, numa extravagância de mulher velha e demasiado recatada, a perseguia por toda a parte, enchendo-a de presentes. Separada da amiga, Lucie sentia crescer ainda mais o seu tédio. Um desespero. Sentia nascer dentro de si, e apesar de si mesma, uma estranha má disposição.

Uma alternância constante entre desejos súbitos e repúdios repentinos fazia-a temer que o seu carácter se tornasse volúvel. E, em intervalos cada vez mais curtos, o frisson amoroso apoderava-se dela. Contava os dias e, por vezes, pensava em abandonar o palco para se juntar a Charles. Sentia uma necessidade crescente do homem.

IX

— Sabe que o seu estabelecimento está a tornar-se um aborrecimento, senhor Huchez? Não aparece vivalma — declarou Lucie Thirache, uma noite.

— Oh, bem, que quer que eu faça? É a época morta; está mau para mim como para si, não é verdade?

Ela foi sentar-se, desanimada, ao lado de Dosia, que conversava com a directora. Tentou intrometer-se na conversa, mas aquelas senhoras trocavam recordações sobre os sítios onde tinham vivido, e Lucie aborreceu-se rapidamente, sentindo desprezo pela sua amiga, que ouvia servilmente as revelações da senhora Bronier acerca de Bolonha, uma cidade horrível.

Num canto, um grupo de rapazes muito novos, colegiais talvez, fumava enormes charutos, dando-se pancadinhas nas pernas com pequenas bengalas.

Para Lucie, entediada, todos pareciam idiotas. Olhou em volta, observando a sala, os candeeiros a gás, as mesas. Chamou o empregado, pedindo um absinto, e dedicou-se a preparar a bebida com todo o cuidado: levantou a garrafa bem alto, entretendo-se a observar como a esmeralda do licor se opalizava. Cantou, por sua vez, com uma indolência exagerada, fingindo dificuldade em manter-se de pé. Depois, saiu à procura de ar fresco, inquieta.

Ao voltar, viu, perto da pequena plataforma do café, um jovem sentado. Era um dos frequentadores mais barulhentos do grupo dos abastados. Sentindo uma necessidade desesperada de conversar, Lucie correu até ele.

— Então, não está no baile? Disseram-me que todos os

seus amigos tinham ido — atirou.

— Oh, não, não consegui ir. Dei um jeito ao pé.

Levantando a perna, mostrou o pé todo enfaixado.

— Ora essa! Onde é que arranjou isso?

— Foi a saltar por cima dos roseirais no jardim da minha prima. Há um canteiro cheio deles. Então, resolvi saltar. Depois, não sei como aconteceu; provavelmente caí mal.

— Que ideia! Saltar por cima de roseiras!

— Bah! Costumo saltar coisas bem mais altas que isso. É que não me faltam forças, sabe?

E mostrou-lhe as coxas enormes, bem apertadas numas calças avermelhadas.

De volta à plataforma, Lucie observou o jovem com admiração pela sua força física. Estudou-o minuciosamente. Sim, realmente, era um rapaz bem robusto. Viu-lhe o dorso arqueado, largo, a fazer esticar o tecido de um casaco verde; o pescoço grosso; a cabeça pequena, com cabelos cor de palha; mãos quadradas de dedos curtos; pulsos vigorosos. Sim, era um tipo e tanto. Pena ser tão feio, com aquele nariz desproporcionado que parecia esmagar um bigodezinho descolorido, e aqueles olhos estúpidos, de um azul-sujo, rodeados de pálpebras avermelhadas. Que desperdício num homem tão bem-feito.

De novo, sentiu vontade de conversar:

— Essa corrente é sua? É de ouro?

— É.

Aproximou-se mais da plataforma para lhe mostrar o objecto.

— Ora vejam! Tem um "G" no medalhão. Chama-se Georges, não é?

— Exactamente.

— Que pesada! Deve ter custado caro, não?

— Não faço ideia. Foi a minha prima que ma ofereceu.

— Ah! E a sua prima é jovem? — perguntou Lucie, intrigada por ouvir aquele nome surgir tantas vezes nas histórias do homem.

— Jovem? Ah, sim, claro! Jovem, como quem diz… para um corvo, seria adolescência; enfim, tem cinquenta e dois anos.

Riram-se muito. Uma certa familiaridade começava a nascer entre eles.

— Aceita alguma coisa? — ofereceu ele.

— Com gosto. Jacques, um cálice de aguardente.

— E para mim, uma caneca. Sim, uma caneca.

Lucie começou a interrogar Georges sobre os seus companheiros habituais. Ele, enquanto bebia, foi dando pormenores. A rapariga ficou encantada ao ouvi-lo criticar uns e outros. Devia ter razão; agora, todos lhe pareciam ridículos. De repente, Georges disse:

— Mas a verdade é que você deve estar a morrer de tédio, aqui, agora.

— Ah, isso sem dúvida! — respondeu ela, narrando-lhe os seus intermináveis aborrecimentos. O amante estava fora, nas grandes manobras; ela ficara sozinha com Dosia, naquele buraco que era Arras, uma cidade horrível.

— Bah! Isso é porque você não sabe divertir-se. Eu, todas as tardes, vou de carruagem para o campo, para Baurains, sabe, para a propriedade da minha prima. Ela nunca está lá, então faço o que me apetece. Devia vir comigo um dia, seria um bom passatempo. Quer ir amanhã comigo?

— Ora, e a minha amiga? Não posso deixá-la sozinha.

— A gordinha ali, a Dosia? Ora, leve-a também; quantos mais, melhor!

Dosia, consultada, não se opôs, embora receasse ser vista e temesse que alguém pudesse contar o episódio a Emile ou a Charles.

— Bah! Eles não saberão de nada! E, além disso, não há nada de errado nisto.

Acabaram por aceitar com um gesto de agradecimento.

— Então está combinado, não é? Amanhã, às duas horas, à porta Ronville. Boa noite.

Quando ele saiu, as duas mulheres olharam-se por um instante. E Nina, adivinhando a pergunta nos olhos da companheira, tranquilizou-a com uma gargalhada:

— Oh, não! Não há perigo algum. Não reparaste bem nele? Oh, não! É demasiado feio e, além disso, demasiado estúpido!

X

— Por uma tarde soalheira, Dosia caminhava pensativa pela rua des Gaughiers. Tinha passado uma semana em Bourges, na esperança de encontrar um lugar para si e para Nina, naquela cidade onde os dois oficiais, seus amantes, em breve estariam de guarnição. Lamentando-se com o insucesso, avançava pela rua, apressada, ansiosa por contar tudo à amiga. No cruzamento do Marché-aux-Poissons, virou, passou pelas pedras da calçada ainda salpicadas de detritos fétidos; depois, entrando num corredor escuro, subiu até ao apartamento de Lucie.

A chave estava na porta. Abriu-a e, ao primeiro olhar, estacou surpreendida. Debaixo da mesa, um cão espreguiçava-se, olhando-a com olhos escuros e abanando a cauda. Na parede, uma espingarda; uma bolsa de caça estendida sobre o aparador; e, no chão, botas grandes e enlameadas. Atónita, avançou até à cama, e o seu espanto atingiu o clímax ao descobrir o rosto pálido de Georges, o jovem da excursão ao campo.

Ele exclamou de imediato:

— Ah! Pensava que era a Nina.

— Onde está ela? — perguntou a cantora, secamente.

O homem pousou o jornal, segurando o cachimbo na mão, e fitou-a com os seus olhos estúpidos, bordejados de vermelho.

— Mandei-a buscar rum ao café aqui ao lado, sabem, na esquina da rua.

— Muito bem; vou ter com ela — resmungou Dosia.

Bateu com força a porta, desceu as escadas e, já na rua,

encontrou-se com Lucie que regressava.

— Ora, estás cá? — disse esta, estendendo as mãos para pegar nos sacos.

Mas Dosia, sem corresponder ao gesto, explodiu furiosa:
— Estás maluca, não estás? Isto é de uma estupidez sem tamanho. Como é que tens um amante que te dá tudo o que precisas, e vais fazer raia por causa de um idiota qualquer? Se me tivessem contado, eu não acreditaria! Devias ter um pouco de juízo, depois de tudo o que te aconteceu.

Lucie Thirache ficou atordoada com as recriminações, repetindo:
— Bem, mas quê? Que é que se passa?

— Sabes muito bem o que se passa. E aquele bronco que está lá em cima, na tua cama?

Lucie, insultada, revoltou-se:

— Bronco? Menos bronco do que tu, com certeza! E, afinal, não sou livre? Não tens nada que te meter na minha vida. E não precisas de berrar assim para chamar a atenção de toda a gente.

De repente, suavizou-se e começou a dar justificações. Estava-se nas tintas para o amante; ele que a deixasse, que ela saberia encontrar outros. Homens, afinal, precisavam sempre de mulheres. Com um desdém descontraído, acrescentou:
— E, olha, paciência. Eu estou farta, quero divertir-me um pouco. Achas que é fácil estar sempre sozinha? Para já, preciso de homens; percebes, isso voltou a acontecer-me.

— Vai ter com o Charles.

— E com que dinheiro?

— Usa o que eles deixaram.

— Ah, não há mais nada: já acabou! Troquei agora mesmo a última moeda de cinco francos; restam doze sous.

— Ao menos, pagaste tudo?

— Mas não, és mesmo tola! Já gastei esse dinheiro e mais algum. Desde que partiste, o Charles mandou-me mais dinheiro, porque lhe escrevi uma história inventada, e ele acreditou. Há dois dias, voltei a escrever-lhe a dizer que tinha perdido a minha carteira e que precisava de dinheiro com urgência. Ainda me espanta que ele não tenha respondido.

— Bem, minha filha, estás mesmo bem. Isto é que vai uma limpeza. E como é que conseguiste gastar esse dinheiro todo?

— Sei lá eu! Foi-se embora sozinho... Ah, claro, paguei ao agente.

— Pagaste o quê?

— O meu acordo, claro. Não sabes? Saí da companhia com um grande alívio. Já estava pelos cabelos daquela seca naquele lugar!

— Ah, já não cantas. Muito bem; esperas viver das rendas, é isso? E o resto do dinheiro, o que é que lhe fizeste?

— Nada, já te disse. Festejei com o Georges. E depois bebemos Champanhe... Ah, sabes que fomos a Lille, anteontem, para ver uma actriz de Paris que é fenomenal? Chorei o tempo todo. Depois, comprei uma caixa de charutos, porque os do Charles tinham acabado. Oh, vai ser um espectáculo ver a cara que o Charles vai fazer quando voltar!

A ideia divertiu-a imenso. Para se explicar com mais conforto, pousou as garrafas e os pacotes que carregava no peitoril da janela e começou a rodopiar e a rir, divertida com o espanto de Dosia. Esta, porém, continuava com os seus sermões. Não podia acreditar no que via. Aquela já não era a sua pequena Nina de outrora, tão sensata, tão empenhada

em fazer as coisas bem. Era uma tremenda tolice deixar-se enredar por alguém como aquele tipo. E criticava-o severamente, afirmando:

— Mas não vês que o teu Georges é um chulo?

— Oh, não digas isso, coitado. Não é culpa dele. O que queres que faça? O pai dá-lhe cinquenta francos por mês para ele se divertir. Outro dia até me deu vinte. Tem de lhe sobrar alguma coisa para chegar ao fim do mês. Não vais querer que lhe tire tudo, pois não?

— Sim, sim, pouco importa. Mas isso que estás a fazer não é nada decente. A sério, não é nada decente. Nunca teria esperado isto de ti.

— Ah, vai dar uma volta, estás a irritar-me!

Dando as costas a Dosia, Lucie Thirache pegou novamente nas coisas que tinha deixado no parapeito da janela e entrou rapidamente em casa, completamente zangada.

"Vai dar uma volta!" era agora a sua grande frase, quase o seu lema. Repetia-a constantemente, demonstrando um completo desprezo por tudo o que não fosse a seu prazer.

A histeria, reavivada pela abstinência de alguns dias e por um tédio insuportável, tinha-a atirado para os braços de Georges. Entregara-se a ele de imediato, sem pensar. Exauria aquele homem robusto, preparando-lhe ela própria refeições estimulantes e mantendo-o num estado contínuo de excitação. Essa ocupação consumia-a inteiramente. Vivia indiferente ao dia seguinte.

XI

Lucie nunca mais voltou a ver a amiga. Agora, passava o dia inteiro em casa com o seu Georges, enchendo-se de licores e guloseimas. Já não se interessava em decorar o quarto: no chão e nos móveis, por todo o lado, amontoavam-se garrafas, pratos sujos empilhados, cheios de ossos roídos e torresmos enrolados.

Numa manhã de sexta-feira, Lucie estava sentada na cama, desgrenhada. Georges esparramava-se no canapé, esmagando um monte de vestidos e cobertores atirados ao acaso. Vestia apenas uma camisa e umas calças desabotoadas, fumando um cachimbo de barro castanho sem proferir uma palavra. Da rua, vinda do mercado próximo, subia uma algazarra incessante, entrelaçada pelos gritos dos peixeiros e os pregões das vendedoras. De repente, Lucie, enquanto sorvia um copo de ponche, ergueu a cabeça.

— Diz-me, Georges, e os lenços do Charles, já os devolveste?

— Bah, não vale a pena, estão todos rasgados.

— Ora essa! O que é que tu fizeste, desta vez?

— Olha, não os podia usar. Então, como precisava de panos bem macios para limpar a espingarda, peguei neles. Servem perfeitamente.

Lucie pareceu aborrecida.

— Ah, mas se fazes questão, posso devolvê-los. Só tens de os lavar e remendar. Tu, que já foste costureira, sabes fazer isso, não sabes? O teu tipo nem vai notar nada. Engole tudo, esse teu soldadinho de chumbo.

— Pois sim. Seja como for, parece que não engoliu a minha última carta. Já lá vão cinco dias desde que a mandei e nada de resposta.

— Oh, olha, isso eu até entendo. Estás a dar-lhe uma grande lavagem, coitado do militar! Não se faz enganar assim as pessoas, Lucie.

— Pois, mas olha que isso não me convém nada, sabes? Diz-me lá de onde é que vamos tirar dinheiro agora? Não é da Dosia, de certeza. Aquela parva não me dá nem um tostão. Ainda por cima anda cheia de ciúmes. Não tens noção.

— E armada em puritana, ainda por cima! Devias ver o ar indignado que ela fez da última vez que me viu.

— Ah, e espera, nem te contei. Andou a dizer por aí que eu sou uma sem-vergonha. Contaram-me ontem mesmo, na lavandaria. Mas ela vai pagar-mas, aquela imbecil. Uma mulher por quem fiz tudo! Revoltada, Lucie perdeu-se num interminável lamento sobre os favores que já tinha prestado à amiga.

O vento oeste trazia os sons da estação. Um comboio aproximava-se: primeiro, um rangido contínuo cujo estrondo aumentava à medida que se aproximava, entrecortado por apitos agudos; depois, um chiar de metal estridente prolongou-se, até que houve uma paragem, um rugir de vapor ofegante e uma série de surdos embates de tampões.

— Olha, aí está o comboio de Dunquerque, — disse Georges. — Já são dez e meia. E se o Charles voltasse?

Com a língua a passar pelos lábios, fez uma careta que divertiu Lucie.

— Ah, que engraçado que és. Anda cá para eu te dar um beijo, grandessíssimo parvo.

Mas ele recusou-se a mexer. Não, azar. Estava demasiado confortável. Ah, pois ela também não se ia levantar por causa de um pateta daqueles. Ficaram os dois calados por um momento: ela, irritada com a indiferença; ele, muito orgulhoso por se sentir desejado.

Vários toques familiares na porta fizeram Georges pensar que as ostras tinham chegado.

— Não, não é possível, ou então ela deve estar muito adiantada.

Lucie, ligeiramente inquieta, acrescentou:

— Vai depressa abrir a porta.

Georges recusou, e a rapariga, resmungando, saltou da cama, correu para a porta, tentando cobrir com a camisa de dormir as suas carnes flácidas. Rodou a chave. A porta abriu-se violentamente. No vão da porta, apareceu um oficial, pálido.

Lucie assustou-se:

— Como, és tu, Charles?

Não obteve resposta. Ele examinava o quarto, e Lucie, aterrorizada, seguia o olhar e os gestos do amante com um crescente pavor. No chão, alinhavam-se garrafas vazias; a mesa estava sobrecarregada de copos gordurosos; no armário entreaberto, roupas sujas. Por fim, ele viu Georges, muito vermelho, imóvel, atónito. Então, o amante explodiu, balbuciando, cuspindo enquanto gritava:

— Raios partam! Sua desavergonhada! Agora percebo porque me pedias dinheiro. Era para sustentar este senhor. Mas não vai ficar assim; vou mandar prender-vos aos dois, a rameira e o chulo, sim, o chulo!

Saiu lentamente, como se esperasse uma reacção de Georges, que prudentemente se manteve calado. A porta foi trancada com força. Lucie e Georges estavam paralisados.

Por fim, ele mexeu-se para se vestir, praguejando:

— Bem, que idiota. Que estúpido! Agora estamos bem lixados.

— Bah! Cala-te, é só teatro; não há perigo de ele ir chamar a polícia. Tem medo do escândalo.

— Hum! Achas mesmo?

— Isso... Ele ficaria mais enrascado do que nós se fizesse isso.

— Contigo, vá que não vá; mas eu? Era uma vergonha se os meus pais soubessem. Nunca mais me casava.

Lucie teve pena dele e, para o tranquilizar, disse:

— Oh, podes ficar descansado. Ele vai voltar sozinho, e nós vamos embora.

— Sim, não é? Ele não teria coragem de nos fazer prender.

— Claro que não, já te disse. Ele vai voltar, e nós partimos. Não é grande coisa; podemos ir juntos para Lille, queres?

— Que ideia, rapariga! Ah, não, nem pensar! Achas que vou deixar a minha casa? Vai sozinha. Tens dinheiro, ao menos?

— Mas sabes bem que, há dois dias, tenho comprado tudo a crédito.

— Toma, aqui tens vinte francos. Mas esse animal não volta?

Lucie aceitou o dinheiro, comovida com a oferta. Vestiu-se à pressa, quase animada; o acontecimento, que interrompia a rotina, parecia-lhe burlesco. Homens? Arranjaria trinta e seis, se fosse preciso; isso não seria problema. O que ela ia divertir-se durante alguns dias, livre, finalmente sozinha, em Lille!

Começou a arrumar os pentes, as escovas, a roupa na

mala. Quis colocar uma caixa de pó-de-arroz, mas a esponja caiu, espalhando pó pela sua saia, deixando longas manchas gordurosas na seda preta.

— Ora essa, só faltava isto! É sempre assim quando estamos com pressa.

O incidente entristeceu-a, gerando uma certa apreensão.

— Vai até à janela ver se ele vem, — disse ela.

Georges, que andava de um lado para o outro sem parar, levantou as cortinas e espreitou a praça barulhenta.

— Não, não o vejo. Mas, sabes, ele pode muito bem voltar; não quero saber dele, com a minha bengala vou obrigá-lo a comportar-se.

— Oh! achas que ele se deixaria intimidar assim?

— Bah! Ele não parece lá muito robusto, o teu Charles! ... Oh, além disso, vai deixar-nos ir, não achas?

— Peuh! Peuh! Quando ele diz uma coisa, ele faz. Tenho um medo terrível de que ele traga a polícia.

— Seria uma bela desgraça! Mas tu não disseste há pouco que não havia perigo?

— Primeiro, isso não é verdade; foste tu que te armaste em corajoso.

Seguiu-se um silêncio. Ambos, agora, esperavam uma catástrofe.

No seu desespero, Lucie imaginava-se de volta à vigilância, entregando-se às piores suposições sobre o desfecho deste infortúnio. Olhavam para a porta, ambos pensativos. Subitamente, ouviram passos apressados na escada.

— É ele, — murmurou Lucie.

— Está sozinho; que sorte!

De repente, a porta abriu-se de rompante. O oficial entrou com um olhar enraivecido, mas a expressão

derrotada:

— Vamos, ponham-se a andar, os dois, raios vos partam! Deixo-vos ir porque não quero estar envolvido em coisas destas, principalmente com a sua companhia, senhor. Agora façam-me o favor de desaparecer imediatamente. Podem ter a certeza de que todos saberão o que vocês fizeram. Arrumem as vossas coisas e desapareçam!

Georges, imediatamente, pareceu aliviado. Apanhou às pressas o seu fuzil, a bengala, a bolsa de caça. Assim que Charles terminou de falar, fugiu. Lucie seguiu-o, segurando na mão a sua mala mal fechada.

No corredor, ao descer, foi tomada por um impulso de vingança pela sua humilhação. Voltou-se, viu o amante de pé à porta e gritou-lhe, furiosa:

— Adeus, canalha, porco, nojento!

A porta fechou-se com violência. Lucie, correndo, alcançou Georges, que já saía da casa:

— E agora, o que fazemos? — perguntou-lhe.

— Oh! Faz o que quiseres, rapariga; eu vou-me embora, por enquanto.

— É assim que me deixas, depois de tudo o que fiz por ti?

Georges teve um acesso de fúria:

— Depois de tudo o que fizeste por mim? Sua puta! Tu é que me atraíste para tua casa, contra a minha vontade. Achas que não é culpa tua que isto me aconteça? Fizeste tão bem o teu papel que agora nunca mais poderei casar. Ah! Queres que ainda te sustente, senhorita? Pois vai apodrecer onde quiseres, não quero saber.

E afastou-se, furioso, rápido, sem olhar para trás.

XII

Lucie ficara sozinha na praça do Mercado, junto à entrada da casa. Estava aturdida, a olhar em redor, como que a aguardar, de forma vaga, um auxílio inesperado, com a esperança de ser chamada de volta ao seu quarto, recebida com desculpas e carícias. À sua volta, o movimento incessante era ruidoso. Mulheres e senhoritas bem vestidas circulavam diante das mesas de pedra, examinando os linguados que os vendedores batiam uns nos outros, gritando os preços. Donas de casa tagarelavam diante dos comerciantes, cujos casacos azuis se destacavam sobre a amontoada exibição de peixes nacarados, brilhantes, nos balcões. No ar misturavam-se rumores, conversas que abafavam negociações grosseiras e o arrastar de pesados tamancos sobre o asfalto.

Apesar do que lhe acontecera, Lucie interessava-se por aquele barulho, observava tudo com curiosidade. Queria esquecer-se, para sempre. Sentia que qualquer pensamento seria, doravante, doloroso. E, aos poucos, começava a sonhar, ainda imóvel: aquelas pessoas eram felizes; não tinham dores pungentes. Só ela permanecia desabrigada, rejeitada por todos.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Ora essa, pensava, não tinha sorte nenhuma, nunca teria. E era sempre, sempre culpa dos homens, que brincavam com ela, sem piedade.

Um rapazinho que passava perguntou-lhe:

— Vai para a estação, senhorita? Quer que leve a sua mala?

A pergunta, de súbito, mudou os pensamentos da

rapariga.

— Sim, isso mesmo, leva a mala. A que horas é o comboio para Lille?

— Oh, chegaremos a tempo, não se preocupe, é ao meio-dia e um quarto.

Seguia pela rua Saint-Aubert, com passos rápidos, sob um sol radiante. A velocidade da caminhada parecia, enfim, despertá-la de uma penosa letargia. Sim, iria para Lille. Na terça-feira, tinha lá passado algumas horas e, realmente, achara aquela cidade muito divertida. Imagens rápidas voltavam-lhe à mente. Via-se a atravessar a rua da estação, tão larga, no meio de uma multidão alegre. Certamente iria para lá. Lembrava-se de ter encontrado, num café, homens muito distintos. Mas depressa afastou tais pensamentos. Homens! Oh, com certeza que não, não queria mais saber deles; oh não! Desta vez era definitivo. Iria retomar o trabalho e viveria sozinha.

De súbito, uma ideia interrompeu os seus planos para o futuro. Aquele Georges, afinal, que sujeito reles! Recordou-se de o tempo que passara com ele, dos presentes constantes que lhe dava, de como ainda há poucos dias o elogiara diante de Dosia. Aliás, pensou, Charles era a mesma coisa. Pois agora sentia-o claramente: nunca deixara de o amar durante a sua ausência. Georges fora apenas uma distracção para afastar o tédio; mas, no fundo, sempre pensara em Charles. Pois bem, ele também não era flor que se cheirasse.

Num instante, Lucie esquecera os presentes do oficial, as suas longas atenções, o golpe que ela própria lhe pregara. A chegada inesperada de Charles parecia-lhe agora uma maquinação premeditada contra si, tão vil que apagava todas as bondades passadas.

Ao avançar pela rua Ernestale, revivia todos os detalhes

da sua estadia em Arras. Realmente, tinha feito um belo negócio ao ir para lá. E, claro, a culpa era daquela vadia da Dosia. Um trabalho miserável, esgotante, obrigando as mulheres a envolverem-se com pacóvios ignóbeis. Felizmente, aquilo terminara. Em Lille, aguardava-a, com certeza, uma felicidade segura.

Chegou à porta de Ronville, aproximando-se da estação. Enquanto ajeitava o véu do chapéu, indiferente aos olhares curiosos dos camponeses e ao cumprimento amigável de dois oficiais que desfilavam em calções vermelhos, sentia a nascer dentro de si uma espécie de alegria tranquila.

A ideia de trabalhar, de levar uma vida honesta, agradava-lhe: mas, mais do que isso, alegrava-se ao pensar que escaparia aos homens; e parecia-lhe que deixar de se deitar com eles seria uma vingança justa, cruel e deliciosa.

TERCEIRA PARTE

I

Em Lille, na estreita rua do Bois-Saint-Étienne, Lucie Thirache alojara-se no segundo andar de uma casa muito velha. Escolhera de propósito aquela rua, sabendo que as rendas eram mais baratas e que a proximidade do teatro, da estação e das largas vias movimentadas encurtaria as suas caminhadas em busca de clientes e tornaria mais fácil a "caça aos dinheiros".

Frequentemente, o ocupante masculino do seu leito era um caixeiro-viajante ou um funcionário de escritório. A noite de amor, paga antecipadamente e de forma regular, terminava cedo, e Lucie, indiferente a criar uma clientela fixa, deixava o homem partir ao amanhecer, concedendo-lhe apenas um "adeus" sonolento.

Ela, de imediato, voltava a adormecer, satisfeita, esparramando-se na cama. Na ampla divisão de cortinas cerradas, entregava-se a um sono embriagador.

Pelas duas da tarde, abria os olhos. O sono, ao dissipar-se, deixava-lhe nos membros uma torpor voluptuosa, como uma doce vontade de permanecer assim, eternamente recostada. Esfregava as pálpebras entreabertas, enquanto os seus pensamentos misturavam recordações da noite passada com os planos para o dia que começava. Cada vez mais, temia ser despertada demasiado cedo. Uma inquietação angustiante fazia-a correr até à janela, onde abria as cortinas e, deliciada pela inundação imediata dos raios solares,

regressava apressada ao leito, desejando novamente aquele prazeroso estado de letargia.

Gostava, então, de contemplar o seu quarto. Em frente, enquadrando as janelas iluminadas, o papel azul da parede exibia desenhos amarelos de formas indecisas, que a humidade embelezava com curvas rendilhadas em certos pontos. Entre as janelas, havia uma larga cómoda de mármore cinzento, coberta de pequenos adornos. O olhar de Lucie passeava carinhosamente pelo brilho do acaju do toucador flamengo e pelo espelho límpido, sustentado por dois pescoços de cisne. Todos aqueles objectos pertenciam-lhe. Poderia, ao deixar o quarto, levar tudo consigo, e a imagem do tapeceiro — o generoso doador daquele mobiliário, em pagamento de favores reiterados — surgia-lhe na mente, sorridente, obeso, radiante.

Lucie continuava a inspecção do mobiliário com uma suspeita desconfiada. Por vezes, o toque de uma bengala riscava o bambu das cadeiras, ou uma vela, ao derreter-se, deixava na mesa uma mancha espessa. Erguia-se, então, de súbito, e, numa inquietação pesarosa, esfregava os móveis danificados, durante longos momentos.

Nunca se cansava dessas limpezas e demorava-se junto aos móveis com um orgulho de proprietária. Depois, quando tudo voltava a brilhar, dirigia-se à janela para observar o vaivém da rua. A rua de Bois-Saint-Étienne era quase deserta. Raramente passava uma carruagem; só alguns transeuntes apressados. A solidão daquela paisagem entristecia-a. O reboco amarelecido das casas vizinhas e a pintura desbotada dos postigos ainda a desgostavam mais. Então, inclinava-se, ansiosa por vida e movimento, para ouvir ao longe o bruaá das avenidas. Esforçava-se por avistar a rua dos Suaires, à sua esquerda, onde o desfile dos

transeuntes serpenteava. Porém, no ângulo entre as duas ruas, a tabuleta de uma serralharia — uma enorme chave de zinco afixada na parede — bloqueava a vista. A chave cortava os passantes, impedia-lhe a visão, e Lucie explodia numa raiva imprecatória sempre que ela lhe barrava o espectáculo de uma multidão, permitindo apenas vislumbrar os saiotes sacudidos de duas mulheres que se insultavam ou as pernas arqueadas e vacilantes de um bêbedo levado para o posto policial. A jovem exasperava-se. Amaldiçoava a chave, culpando-a pelo seu desagrado. Condenava o serralheiro, espantando-se que a polícia permitisse semelhante obstrução. Imaginava-se a repreender aquele canalha, obrigando-o a retirar a tabuleta à força. E, logo de seguida, qualquer ruído — a passagem distante de uma carruagem ou o som ressoante de um realejo — apagava-lhe as cóleras, mantendo-a curiosa, com os ouvidos atentos, repentinamente apaziguada.

Depois, sem se afastar da janela, Lucie esquecia a rua. Durante horas, perdia-se num turbilhão de visões rápidas, quase inconscientes. Lentamente, o Sol ia descendo por trás da massa sombria do grande teatro, deixando o bairro mergulhado numa luz crepuscular indistinta. Só então a rapariga regressava ao cuidado com as coisas do dia-a-dia. Lançava à sua volta um último olhar curioso. As casas desvaneciam-se nas sombras, delineando no horizonte cinzento os contornos vagos das suas saliências. Pesadas nuvens, melancólicas, manchavam o céu, imóveis. Para escapar a essa vista, fechava a janela e, no quarto já escurecido, acendia uma lâmpada de vidro azul para preparar a sua única refeição, sempre a mesma, crua, um pouco ácida: uma salada de alface embebida em vinagre. Jamais cozinhava um prato quente, por receio de empestar

o quarto cuidadosamente perfumado em todos os cantos.

Terminada a refeição, levantava-se muito séria, com a sensação de que, finalmente, começava o trabalho do dia.

Para aperfeiçoar a sua toilette, Lucie empregava frequentemente um cuidado extremo. Diante do seu armário com espelho, fazia constantes volteios sobre um calcanhar, depois o outro, e contorcia o pescoço, inclinando-o para o ombro, para examinar o folheado habilmente amarrotado da saia. Molhava uma toalha na bacia de loiça com desenhos cor-de-rosa e esfregava meticulosamente o rosto, insistindo nos contornos. Após lavar-se, acendia uma vela junto à lâmpada, diante do espelho, para enrolar os caracóis do cabelo numa espátula aquecida.

A toilette chegava ao fim. O corpete, bem justo, moldava-lhe a cintura afinada pelo espartilho. Lucie erguia-se muito direita no vestido ajustado e lançava um último olhar ao espelho. Esse exame trazia-lhe aos lábios um sorriso satisfeito. De facto, achava-se muito atraente assim. O cabelo caía-lhe sobre a testa em ondas suaves, deixando uma linha branca entre a franja e o arco das sobrancelhas. Os olhos, da cor do bronze, reluziam com quentes reflexos.

Com um pincel de pelo de lebre, Lucie espalhava rouge nas maçãs do rosto, conferindo-lhes um brilho resplandecente. As suas têmporas eram emolduradas pelo ritmo oscilante das argolas de prata, largos brincos entrelaçados nos tufos do cabelo. Admirava, com orgulho, os braços, o peito elevado até ao queixo, as mãos enluvadas com luvas de tom claro. Depois, virava-se, arqueava o corpo, esforçando-se por se observar completamente, de todos os ângulos, encantada com a perspectiva de uma caça bem-sucedida.

Tal era o objectivo confessado das suas vaidades. Porém,

no fundo, Lucie vivia na adoração absoluta do seu próprio corpo. Transferira para si mesma o desejo de afecto que sempre a atormentara.

Por fim, completava a harmonia das cores e linhas lançando sobre os ombros um casaco cinza-pérola, com forro grená nos painéis. Na cabeça, colocava uma toca presa por um véu branco que lhe rodeava o pescoço. Com a consciência leve, Lucie descia, pronta para iniciar a tarefa quotidiana.

Jamais deixava a sombria rua do Bois-Saint-Étienne sem lançar um olhar rancoroso à chave suspensa. Ao entrar na rua dos Suaires, varria com o olhar o fluxo dos passeios, lançando olhares sempre que vislumbrava, sobressaindo no emaranhado de casacos e vestidos, a forma alta de um chapéu. Contudo, esta rua, repleta de operários e raparigas, estava muitas vezes deserta de alvos que pudesse abordar.

Lucie dirigia-se rapidamente ao teatro e, ao atravessar a praça, gostava de levantar bem alto as saias, exibindo as anáguas limpas. Dirigia-se ao café Jean com um rolo de música no braço, avançando a pequenos passos, parando brevemente frente às montras ou esbarrando de propósito nos homens para logo suspirar desculpas encantadoras. Olhava as mulheres de forma desdenhosa, cheia de um desprezo virtuoso pelas suas colegas da alegria, enquanto reservava uma compaixão respeitosa para a sobriedade das senhoras casadas.

Assim, chegava ao seu primeiro ponto de paragem: uma grande loja de ourivesaria, muito iluminada. Embora conhecesse em detalhe os objectos expostos na montra, detinha-se ali, por hábito, enquanto recordava os homens com quem tinha esbarrado, relembrando as suas expressões entre o convite e o desagrado.

Por vezes, desviava a cabeça para perscrutar a rua. Contudo, apanhada ocasionalmente pela curiosidade, perdia-se numa longa contemplação da montra, esquecendo-se do trabalho, até que o contacto de um sobretudo masculino ou o leve roçar de uma bengala a fazia voltar-se abruptamente.

Com um andar arrastado, Lucie dirigia-se para a estação. Ali, os comboios despejavam continuamente na praça uma multidão atónita; e, para ela, era uma tarefa delicada adivinhar a fortuna dos recém-chegados e a disposição deles para a receberem bem. Quando essa segunda tentativa não resultava, a rapariga refazia o trajecto no sentido inverso, sem qualquer aversão pela monotonia daquele percurso.

Na grande praça, esperava longamente diante das grades do mercado coberto, indecisa em atravessar a estrada. Por fim, entrava na Rua Nacional. A dupla fileira de candeeiros estendia-se até ao infinito; entre eles, as lanternas das carruagens moviam-se aos pares, numa solidão estranha. No início da rua, mantinha uma postura altiva e quase decente. Contudo, ao alcançar os trechos mais sombrios, a sua atitude mudava subitamente. Rebolava as ancas, desejosa de compensar as poses austeras; e, cansada de esperar que alguém se aproximasse, Lucie Thirache começava a abordar os passantes. Aproximava-se dos homens bem vestidos, murmurando primeiro algumas propostas de maneira casual, como se não fosse importante; mas, com o passar do tempo e o aumento da frustração pela falta de sucesso, tornava-se insistente e suplicante, gabando-se da sua habilidade erótica. Nos dias de azar, o relógio já batia as dez horas antes de conseguir atrair um homem.

As ruas esvaziavam-se, os ruídos diminuíam até se tornarem indistintos, e Lucie apenas distinguia, naquela hora, um murmúrio uniforme e vago, interrompido pelo rodar das últimas carruagens. As lojas fechavam as portas. Os cafés despejavam os seus clientes em vagas. O teatro, nos intervalos, libertava a multidão de espectadores, e Lucie, de volta à praça, fazia longas paragens, com o casaco entreaberto, na tentativa de parecer mais acessível.

Quando essas manobras não produziam resultados, por volta das onze horas, dirigia-se às boates. A atmosfera pesada e abafada, impregnada de fumo, aquecia-a, inebriava-a; ali tornava-se muito divertida, muito ousada, perdendo completamente o seu ar de mulher elegante. Cheia de vivacidade, corria de mesa em mesa, lançando trocadilhos. Pedia cafés, licores, sentando-se na ponta das cadeiras, com risos para os homens e toques leves nas suas bigodes.

Quase sempre, após meia hora deste jogo, saía acompanhada por um cavalheiro. Sob o relógio iluminado da Grand Garde, diante da fila regulamentada de fiacres, negociava o preço. Com o acordo feito, seguiam rapidamente para a Rua do Bois-Saint-Étienne e subiam para o quarto.

Lucie Thirache entregava-se assim, ao primeiro que aparecesse, por vinte francos.

II

No início, esta nova vida encantou-a. Durante as suas deambulações, estava muito animada sem motivo aparente, saltando, rodopiando, deliciada. E, à sua janela, durante as longas horas de solidão e devaneio, entregava-se em silêncio a um monólogo feliz.

Uma ideia agradava-lhe imenso: o projecto, lentamente formado, finalmente concretizava-se — ela estava a fazer os homens pagarem pelas suas misérias passadas. Agora, o pensamento do seu primeiro desespero fazia-a rir. Quão ingénua tinha sido ao chegar a Lille, perdendo a coragem e acreditando ser vítima de uma espécie de azar misterioso! Recordava os primeiros dias, passados numa penúria desesperante, apenas pela sua aversão aos homens. Felizmente, a fome tinha-a arrancado daquela tolice!

A ideia de perseguição, de azar, tudo isso eram histórias para crianças — agora sabia disso. Sem dúvida, os infortúnios não lhe tinham sido poupados, mas ela própria era a causa da sua má sorte, com a sua fraqueza e ignorância da vida. Como os homens se tinham aproveitado miseravelmente da sua estupidez! Canalhas! Suportara-os; a alguns até se afeiçoara. Nunca mais cairia nessa. Georges, por exemplo, cansara-a com as suas reflexões idiotas e vivera à custa do seu dinheiro, apenas para a abandonar quando ela já não tinha mais para lhe dar. O oficial Charles parecia-lhe agora um exibicionista repugnante; tinha-a usado apenas para exibir a sua vaidade. Bem ganho, o dinheiro que ela gastara à vontade. Todos iguais!

Léon também não era melhor. Perseguira-a durante seis meses; sem ele, teria sido uma trabalhadora honesta, sem tormentos. Recordava-se da forma indigna como ele a abandonara, só porque ela se divertira um pouco durante a sua ausência — como se não fosse ele próprio quem a habituara a uma vida de excessos! Eram todos exploradores das mulheres, verdadeiros proxenetas! Bom, Donard ainda escapava; ao menos não era hipócrita… Mas não, também ele era um canalha, que levava a mulher, uma pessoa tão bondosa por natureza, a praticar actos indignos.

Lucie desprezava-se ainda mais ao reflectir que todos esses homens, que a tinham enganado, eram tão tolos como os seus sapatos, todos explorados, por sua vez, por outras mulheres mais espertas. Ah, mas ela mudara muito! Iriam ver do que ela era capaz, aqueles homens. Podiam morrer na miséria, se quisessem; ela nem sequer se daria ao trabalho de olhar para trás. Eles tinham-na enganado e, quando o azar chegou, nenhum se preocupou com ela. Agora, ela trataria deles à sua maneira — e seria divertido.

De facto, Lucie entregava-se obstinadamente a este ódio. Fazia-se pagar adiantado, e caro; qualquer suplemento de amor devia ser remunerado com acréscimo. Inclusive, roubava-os. Um riso fresco brotava-lhe ao lembrar-se da partida quotidiana dos seus clientes, muito envergonhados, e sem um tostão no bolso. Considerava-se agora uma mulher séria, verdadeira; finalmente, sabia raciocinar e não voltaria a mudar de ideias continuamente e sem motivo, como no passado.

No entanto, mesmo no auge destas resoluções, muitas vezes enternecia-se ao pensar em Léon, o seu único amor verdadeiro. Apanhava-se a lamentar a ausência deste primeiro amante: no fundo, ainda era o melhor de todos. Ele

amara-a por ela mesma, e era tão gentil, tão doce. Um orgulho apoderava-se dela por ter sido seduzida por um homem tão amável. Idealizava Léon como sendo maravilhosamente belo, num enlevo íntimo pelo homem que conseguira conquistá-la. Nunca a teria deixado, não fosse pelos conselhos das amigas e dos camaradas, invejosos da relação que tinham. Na mente de Lucie, Léon transformava-se num ser adorável; ela desejava-o. E, despindo os outros amantes das suas qualidades, vestia-as no seu primeiro amor.

As lembranças dos homens que conhecera antigamente voltavam à tona; novas infâmias surgiam-lhe na memória. "Léon nunca teria feito isto, nunca teria feito aquilo", pensava.

Mas estas reflexões só serviam para consolidar os seus planos. Jurava a si mesma que nunca mais teria amores nem paixões, e planeava uma vida centrada unicamente na ideia de ganhar dinheiro. O dinheiro passava a ser o seu único objectivo: sentia-se muito corajosa para alcançar uma fortuna, e já vislumbrava, no final dos seus esforços, uma vida livre, rica e cheia de prazeres. Quando voltasse a Saint-Quentin, deslumbraria as antigas colegas de atelier com o seu luxo e alugaria um apartamento sumptuoso na Rua d'Isle. A ideia desse apartamento obcecava-a; queria que tivesse uma varanda, da qual pudesse observar livremente os transeuntes. Como os antigos amantes, outrora tão desdenhosos, ficariam furiosos ao vê-la passear pelos Campos Elíseos, vestindo vestidos de seda, conduzindo um galgo pela trela!

E, além disso, seria virtuosa e casta. Teria o seu lugar reservado na Basílica e daria esmolas. Coroando estas glórias, casar-se-ia com um jovem vigoroso e belo.

Por vezes, estas fantasias alteravam-se, e um horizonte tão burguês parecia-lhe mesquinho. O que desejava, então, era Paris, as noitadas desenfreadas, a vida elegante e faustosa. Pensava nos prazeres que aquela cidade ideal devia conter, como descreviam os caixeiros-viajantes com um entusiasmo vago. Em Paris, o seu luxo rapidamente a destacaria. Rejeitaria impiedosamente todas as investidas, até ao dia em que surgisse o amante tão esperado, capaz de entregar-se por inteiro, proporcionar-lhe todas as riquezas e viver a seus pés com uma devoção adoradora.

Outras ideias surgiam-lhe ainda, diferentes, contraditórias, muitas vezes todas ao mesmo tempo. Mas, em todos os seus sonhos, via-se nos braços de um homem, e a felicidade parecia-lhe depender do afecto de um rapaz jovem e forte, que soubesse demonstrar-lhe a ternura sublime de Léon, com prazeres infinitamente mais intensos.

É que Lucie mantinha uma necessidade furiosa de prazeres eróticos. Durante a noite, colava de repente os seus lábios ardentes ao corpo do cliente, suspirando. Convencia-se de que a sua paixão era deliberada, um cálculo para obrigar os homens a procurarem-na novamente; mas, no fundo, adorava mais do que nunca as carícias lascivas e esforçava-se por alcançar espasmos ainda desconhecidos. Esta busca pelo prazer reflectia-se nas suas fantasias, através das reminiscências de livros licenciosos ou pelo arrependimento de não ter aproveitado plenamente a ardência amorosa quando Léon estava com ela. Assim, a visão dos seus primeiros amores misturava-se aos seus desejos sensuais, revestindo-os de um sentimentalismo que a entusiasmava. Durante a noite, arrancava subitamente da apatia o homem deitado ao seu lado, exigindo dele algum requinte de luxúria. Depois, a histeria extinguia-se e a

realidade impunha-se rapidamente, quando o senhor se levantava desleixado e perguntava: "Diz-me, onde está a toalha?"

Com uma reviravolta repentina, Lucie enojava-se então dos prazeres carnais. Passava a considerar o espasmo erótico uma mácula; lamentava não ter, depois do desejo satisfeito, efebos espirituais e belos, que a cativassem com doçura numa paixão genuína. Surgia-lhe um anseio por uma ligação muito pura, mas parecia-lhe que uma relação assim não seria alcançável sem gastar dinheiro. Não seria necessário, afinal, adoptar modos elegantes e honestos e, acima de tudo, esperar pelas investidas?

Assim, as ideias mais contraditórias conduziam sempre a uma conclusão comum: atrair os homens e deles tirar dinheiro.

E, regularmente, com a seriedade de um dever fixo, Lucie cumpria a sua tarefa quotidiana: entregava-se ao primeiro que aparecesse, todas as noites, por dinheiro pago adiantado.

III

Chegou o Inverno, um Inverno frio e muito seco. Ainda assim, Lucie recomeçava todos os dias o seu lento passeio, satisfeita com a estação, que tornava mais apelativa para os clientes a perspectiva de uma cama bem quente. Porém, a chegada antecipada da noite obrigava-a a sair mais cedo e prolongava a duração das suas deambulações.

Por volta das sete horas, quando já não havia esperança de um jantar oferecido, ela parava, faminta, diante de uma loja de mercearias na esquina das ruas Esquermoise e Nationale. Era uma loja bastante ampla, muito iluminada e animada por um fluxo contínuo de compradores. Lucie gostava de observar, com gula, o interior da loja: as garrafas alinhadas, as gavetas amarelas empilhadas e adornadas com rótulos. A montra, em particular, despertava-lhe grande interesse: de ambos os lados da porta, exibiam-se caixotes virados, cobertos de laranjas, frutos secos e ameixas, enquanto, sob uma vitrina, estavam empilhados as aletrias e os macarrões, com os preços escritos em grandes algarismos por cima. Lucie contemplava aquelas iguarias sem desviar o olhar dos cavalheiros que enchiam o passeio; sentia uma enorme vontade de se banquetear.

Em frente à loja, um rapaz de avental comprido e de tom cru corria de um cliente a outro, promovendo com entusiasmo os produtos à venda. Quando Lucie se decidia a comprar um pacote de frutos secos, os seus olhos encontravam sempre o olhar vazio e servil do vendedor, sorridente e rosado, com lábios entreabertos e um cabelo loiro ondulado, repartido por uma risca rigorosamente

recta. Aos poucos, ela habituou-se a associar aquela figura polida e formal ao ambiente da loja, mas, em breve, começou a perceber pelo empenho do rapaz que este procurava ser mais familiar do que lhe parecia apropriado. O orgulho de ser uma mulher desejada, uma vaidade cultivada ao longo de muitas horas de solidão, fazia-a sentir-se imediatamente ofendida com a audácia do rapaz. Contudo, evitava procurar outra mercearia; achava divertida a situação. Desde então, empenhou-se em desprezar o seu admirador sempre que o via, assumindo uma atitude altiva e desdenhosa. Tornou-se quase uma vingança, uma pequena diversão contra o infeliz.

Adorava impacientá-lo com perguntas intermináveis, obrigá-lo a correr para o interior da loja. Entregava-lhe moedas de ouro só para o forçar a ir trocá-las na caixa e, no regresso, recebia-o com exigências autoritárias:
— Arranje troco mais pequeno em vez destas moedas de cinco francos que pesam tanto na minha bolsa.
— Mas, minha senhora, não há mais troco pequeno.
— Despache-se, ou vou fazer uma reclamação.

O rapaz não tinha escolha senão obedecer. A situação piorou quando Lucie soube, através de uma colega, que o vendedor tinha apostado que dormiria com ela dentro de um mês. A jovem ficou indignada: um súbito sentimento de dignidade ferida despertou nela.

Por vezes, Lucie adiantava a hora do seu pequeno jantar só para atormentar o audacioso pretendente. Os seus pensamentos passaram a girar em torno de um único objectivo: humilhar aquele homem. O merceeiro monopolizava agora as suas reflexões.

Este rigor durou bastante tempo. Porém, certo dia, quando Lucie se mostrou excessivamente altiva, o rapaz

empalideceu profundamente. A jovem sentiu-se comovida. As provocações, que no início lhe tinham parecido tão agradáveis, começavam a aborrecê-la, e de repente sentiu-se arrependida, tomada por uma grande simpatia pelo infeliz.

— Vá, vá, não se apoquente tanto; afinal, sabe, eu sou uma boa rapariga. Vá lá, prometo que não o atormentarei mais, mas tem de se portar como deve ser.

A indignação de Lucie desaparecera; nela restava apenas uma compaixão pela sua vítima. Prometeu a si mesma reparar os seus erros com palavras amigas. E, rapidamente, entre os dois, estabeleceu-se uma familiaridade cheia de conversas. Muitas vezes, Lucie parava em frente à loja para trocar com o vendedor comentários benevolentes sobre o tempo ou sobre os produtos expostos; com o tempo, passaram a confiar um ao outro as suas preocupações. Ele falava das cansativas monotonia e fadiga do seu ofício, enquanto ela lhe narrava a brutalidade dos homens. Começou a tratá-lo pelo primeiro nome, Zéphyr. Chegou mesmo a achar aceitáveis os seus grandes olhos azuis. Ele vestia sempre uma bata muito limpa, tinha uma gola ampla aberta, uma gravata verde e uma aliança no dedo.

No entanto, Lucie não descobria em si qualquer amor por aquele homem. Apesar das insistências reiteradas e suplicantes de Zéphyr, ela não cedia. As suas galanteios encontravam-na muito fria e contrariada. Nem mesmo a oferta dinheiro conseguiu convencê-la. Sentia uma certeza de superioridade social e, embora mantivesse um interesse constante por Zéphyr, julgava que aceitar as suas propostas seria rebaixar-se.

Todos os dias, por volta do meio-dia, cruzavam-se num café da rua dos Suaires, onde ele costumava almoçar.

Enquanto Lucie fazia encher o seu jarro de estanho com cerveja, Zéphyr contava-lhe histórias que ela achava engraçadas.

IV

Numa manhã de Março, Lucie Thirache narrava, naquele cabaré, as peripécias de uma agressão atroz que sofrera na noite anterior. Ao prolongar o relato, avivando incessantemente a sua dor com evocações aterradoras, sentia um íntimo alívio; e, assim que Zéphyr entrou, retomou a narração com uma avidez quase febril, como se quisesse reviver os seus sofrimentos. Dois homens, distintos e aparentemente ricos, haviam-na acompanhado a casa, insultando-a e agredindo-a, mas ela defendera-se corajosamente.

Diante dos clientes madrugadores – operários vestidos de veludo castanho, comadres de saias sujas, e raparigas em longos aventais pretos, com tranças a saltitar –, Lucie fazia-se muito valente, descrevendo-se como uma mulher forte, que resistira vigorosamente às brutalidades deles:

— Insultei-os tanto que já nem podia mais, sabem! Mas eles, em vez de se irem embora, ah, pois claro que não! Pegaram nas cadeiras, na minha cómoda, no meu armário com espelho; atiraram tudo ao chão com murros e pontapés! Os meus pobres móveis! Tão bonitos que ainda estavam... Ah, eu bem que queria...

A frase terminou num longo gemido. A rapariga, inclinada sobre o ombro de Zéphyr, chorava copiosamente, manchando o vestido vermelho, enquanto se ressentia da indiferença dos ouvintes. Um por um, iam-se levantando, ajustando ao ombro os pacotes de ferramentas e equilibrando com a mão o movimento das bolsas penduradas no cotovelo. E todos, ao sair, lançavam-lhe

palavras de consolo:

— Ora, vá lá, acalme-se; com essa cara bonita, não tarda muito e já compra outros móveis.

— Se fosse eu, comprava uma pistola.

Lucie soluçava. Mas quando uma mulher sugeriu que fora imprudente receber dois homens ao mesmo tempo, ela enfureceu-se, esquecendo de imediato o desgosto:

— Ah, sim, como se achasse que a gente faz o que quer nesta porcaria de profissão!

— Não devias tê-los recebido, rapariga!

— Queria ver se fosses tu!

— De qualquer forma, se tivesse continuado honesta, isso não lhe teria acontecido.

— Honesta! E tu és, honesta?

— Um pouco mais do que tu, pelo menos.

— Ah, cala-te, sua grande camela! Claro que não arranjavas dois homens que quisessem subir a tua casa.

— Calma aí, senhorita do passeio!

— Espera só, vais ver!

Lucie foi impedida por Zéphyr. Contente por ter um pretexto para evitar a briga, ela fingia-se descontrolada, ameaçando violentamente a adversária, que recuava com dignidade. Por fim, deixou-se levar para a rua. Caminhavam devagar, lado a lado. Uma grande animação agitava a cidade. Camionetas passavam ruidosas, salpicando os transeuntes apressados, que equilibravam cestos pesados pendurados nos braços das lavadeiras.

Aquela multidão mexia-se impiedosa ao lado de Lucie, que se exasperava:

— Que grandessíssima puta! Uma mulher de tostões! Uma almofada de soldados!

Zéphyr, muito calmo, ponderava:

— Pois é, era uma cabra, mas já tens problemas suficientes sem te meteres com uma grua dessas.

Esta alusão fez Lucie lembrar-se do incidente da noite anterior, e a sua dor, brevemente esquecida, voltou a atacá-la. Tinham chegado à esquina da rua do Bois-Saint-Etienne. Zéphyr prodigalizava palavras consoladoras, parecendo muito satisfeito por ser incluído nas pequenas confidências de Lucie. Ela, sempre em lágrimas, enumerava os estragos, perdendo-se em pormenores, contente com a compaixão que provocava. Instintivamente, olhava para a grande chave da serralharia, como se em prece.

— Também eu, sabes, nunca tive sorte nenhuma, concluiu Zéphyr.

E começou a contar longamente como fora despedido da mercearia, onde tinha sido vítima de ignóbeis ciúmes. Lucie interessou-se pela história. Compadeceu-se e pediu explicações detalhadas. Mas, de repente, a visão da sua janela ressuscitou-lhe as recriminações. E, enquanto Zéphyr se deleitava a descrever a sua miséria, narrando as intrigas da patroa e dos colegas, e jurando vinganças, Lucie voltou a soluçar, mal prestando atenção.

A história das desventuras do rapaz foi-lhe gradualmente tornando-se aborrecida. Já não ouvia, incomodada.

O céu estava encoberto. Nuvens cinzentas moviam-se devagar; a atmosfera pesada e carregada de chuva espalhava uma névoa leitosa pelos ângulos das casas. O ruído monótono das carroças, ao longe, acentuava ainda mais a tristeza de Lucie, envergonhada por chorar na rua. Esperando também que o espectáculo dos estragos sensibilizasse ainda mais o seu companheiro, convidou-o a subir para visitar o apartamento.

Ao entrar, a visão da devastação no quarto deixou-a

desolada. O armário com espelho, derrubado, jazia no chão, com a cornija arrancada a repousar sobre o soalho. Por toda a parte, pequenas lascas de vidro forrado a prata brilhavam. A bacia estava despedaçada sobre o tapete, a água derramada do jarro partido escurecia as rosetas do tecido. No centro da divisão, estendida e arrancada do seu enquadramento, uma delicada litografia apresentava-se rasgada: dois amantes a beijarem-se num baloiço.

Zéphyr caminhava de um móvel ao outro. Com a palma da mão, ajustava com pancadas firmes as armações das cadeiras. Endireitou o armário e recolheu os estilhaços do espelho.

Entretanto, Lucie tinha-se largado no sofá, virada para a parede, sem prestar atenção ao desarranjo da sua roupa. O vestido desapertado aliviava a opressão no peito, que subia e descia com o soluçar convulsivo. Estava tomada por uma raiva furiosa contra aqueles desconhecidos, agora fora do alcance da sua justa vingança. Sentiu-se para sempre uma vítima da influência funesta dos homens. Inconscientemente, agarrou as mãos de Zéphyr, apertando-as com força. Ele repetia constantemente:

— Que canalhas! Que canalhas!

— Oh! São todos uns porcos, estou a dizer-te, uns salafrários que se aproveitam das mulheres só porque são mais fortes. Acreditas que o que eles me fizeram não é ignóbil? E depois, sempre foi assim, não há maneira de me livrar disto. Antes eu ainda conseguia ganhar a vida, mas agora nem sei remendar um buraco; e é tudo culpa deles. Oh, mas acabou! Desisto. Preferia atirar-me à água a voltar a deitar-me com mais um. São todos iguais.

— E eu? — insinuou Zéphyr. — Acreditas que eu não sou um bom rapaz, que te quer bem?

Com suavidade e ternura, fez-lhe uma declaração do seu afecto. Sempre a tinha amado, por isso sofria tanto quando ela o desprezava. Oh, se ela quisesse ficar com ele, como ele deixaria esta vida para trás, como mandaria à fava esses burgueses nojentos que pensam que podem tudo só porque têm dinheiro.

— Nota-se bem que tu não conheces os homens do teu nível, aqueles que não têm muito dinheiro, mas também não são orgulhosos nem cruéis.

Inicialmente, na sua angústia, Lucie tinha esquecido o género do seu amigo. Ao ouvir falar de amor, sentiu uma certa alegria, decidida a rejeitar todas as suas súplicas, para que ele pagasse pelos outros. Mas, enquanto o ouvia atentamente, surpreendida por este tipo de súplicas submissas, que não ouvia há muito, admirou a justeza das suas palavras; lembrou-se de já ter tido os mesmos pensamentos. Pouco a pouco, a sua dor foi desaparecendo. À tensão dos nervos sucedia-se uma sensação de moleza. O seu ouvido distraído começava a encontrar prazer naquelas palavras ternas.

Ele, sempre muito dócil, com entoações quase cantadas, continuava a confessar a sua paixão. Elogiava os modos de Lucie, a bondade que o seu rosto parecia exprimir, e que deveria ter sido a causa das suas desventuras.

Lucie olhava para a parede sem realmente a ver; repetia mecanicamente, em voz baixa, as frases do rapaz que lhe pareciam melodiosas. A emoção daquela noite e as horas de fúria tinham-na exaurido. Já não conseguia pensar, incapaz de formar sequer uma ideia. Vãmente tentava resistir, através do raciocínio, às investidas de Zéphyr, mas, rapidamente, recaía numa letargia indolente, deixando-se embalar pelos discursos do rapaz, que, no seu espírito, iam

ganhando uma força crescente. Depois, perdida nas suas reflexões, deixou de ouvir. Começou a imaginar a possibilidade de uma vida honesta e tranquila, que lhe parecia encantadora.

Apenas fragmentos das palavras de Zéphyr lhe chegavam, lançados num tom mais elevado. Ele descrevia agora a felicidade de uma vida a dois:

— Eu jamais a desprezaria; é preciso viver, não é? Nunca lhe faria qualquer recriminação, gosto demasiado de si para isso. Nunca haveria discussões. Viveríamos tão tranquilos que nos tomariam por um casal de casados. Aos domingos, passearíamos de braço dado. Durante a semana, todas as manhãs, íamos juntos para o trabalho. E, além disso, podia experimentar, sem comprometer-se com nada.

Lucie sentia-se envolvida, apertada num abraço amoroso. Uma voz trémula, humilde, insistia:

— Então, diga-me, aceita? Diga-me, aceita?

Ela, cheia de esperança, encantada com aquele futuro ingenuamente virtuoso e respeitável, confiando numa existência feliz e pacífica, que a protegeria dos desprezos e brutalidades, atirou-se de repente aos braços de Zéphyr, movida pela gratidão das suas promessas de amor, as primeiras que ouvia assim formuladas desde Léon.

V

A chuva torrencial caía ruidosamente, riscando a escuridão e apagando os contornos das casas baixas, onde ténues luzes irradiavam por detrás de cortinas demasiado translúcidas.

Lucie Thirache observava a rua Malpart, mal iluminada pelos lampejos intermitentes das poucas lojas ainda abertas. Apenas algumas poças lamacentas brilhavam à distância. Parou por um momento, oferecendo os seus lábios indiferentes aos beijos húmidos de um fulano. Levantou o guarda-chuva, tentando cobrir o chapéu do homem, muito embriagado, que a envolvia nos braços; e, enquanto isso, espreitou na penumbra, tentando certificar-se de que o seu amante não estava por perto.

Refletiu: "Paciência; já me cansava com aqueles ciúmes idiotas! Não se pode fazer nada sem uma cena! E depois, com o que ele ganha... Não dá para viver assim. Eu não vou andar de loja em loja a mendigar trabalho, isso é que não!"

Ainda assim, um receio a mantinha inquieta: precisava de conduzir o homem que tinha agarrado até ao quarto que partilhava com Zéphyr, por cima do armazém onde ele trabalhava. E, caso fossem vistos, seria uma bela confusão. Permaneceu à beira do passeio, indecisa, bastante incomodada.

Mas, de repente, a aparição do amante à porta da mercearia deixou-a como que paralisada e dissipou a sua hesitação. Com uma bravata de provocação, arrastou o fulano até ali, empurrou-o para dentro de um estreito corredor, dizendo-lhe:

— Sobe, meu querido, é a primeira porta lá em cima; a chave está na fechadura; há uma vela e fósforos na mesa. Eu já te acompanho.

Depois, ocultando a apreensão sob um ar de autoridade carinhosa, encostou-se ao braço de Zéphyr, decidida a impor a sua vontade:

— Sabes, meu querido, serias muito gentil se não viesses cá esta noite; não, a sério, não dá mesmo.

Ele manteve-se calado. A sua face encheu-se de sangue, como se estivesse petrificado por uma raiva contida. Lucie percebeu a cólera que o tinha tomado; temeu uma explosão súbita e, tentando acalmá-lo, desfiou um discurso apressado e lamurioso:

— Não te zangues, peço-te. Não fiques chateado, sabes que gosto de ti, não sabes? Porque, se não gostasse, já estaria rica há muito. Achas que eu poderia abandonar-te, depois de tudo o que fiz por ti? Achas que me ia envolver com tipos que nem sequer conheço, feios... Oh! Nem imaginas que cara tem este! Mas temos dívidas...

Enumerou-as, uma a uma, como se fossem uma carga esmagadora, antes de prosseguir:

— Ah, se fossemos mais ricos! Era já que eu mandava os pacóvios para o Diabo, num instante! Diz-me, tu sabes disso, não sabes? Não estás zangado comigo, pois não? Diz que não.

Num só fôlego, sem pausas, Lucie desfiara palavras e frases em torrente. Depois, deteve-se, deu um passo atrás, fingindo ir embora. Sentia que a discussão não estava encerrada, mas queria demonstrar ao amante a firmeza da sua decisão.

Ele, no entanto, permaneceu encostado à porta, imóvel.

— Bem, está decidido, não está? — perguntou Lucie,

recuando mais um pouco, nervosa com o silêncio dele.

Então Zéphyr explodiu:

— Vais ficar aqui, ouviste? Ah! Não venhas brincar comigo desta maneira. Eu sei muito bem o que se passa, sei, sim... Como se eu não te tivesse visto entrar, há uns dias, com homens, na casa do Merlin, nos Trois-Pucelles, nesses quartos miseráveis, verdadeiros bordéis!

E a sua voz foi subindo; gritava, erguendo os punhos. Lucie ficou incomodada por se saber apanhada; mas, percebendo que aqueles ataques lhe permitiam uma oportunidade de desviar o assunto, demorou-se a justificar-se com mentiras fáceis: estavam a espioná-la, era mesmo bonito, e, além disso, estavam enganados. Aos *Trois Pigeons*, era a Louise que vivia lá com a Angèle, e os homens eram os amantes delas. "Pois claro", concluiu ela, "agora já nem se pode falar com um homem, não é?"

— Ah, sim, muito esperta! Achas que eu vou cair nessa? Continua a andar; eu sei muito bem o que se passa. Queres é voltar à boa vida, só isso. Estás farta de andar comigo, é o que é. Queres voltar a deixar que esses porcos de burgueses te rebentem o corpo! E depois, o Zéphyr, ah, o Zéphyr, só serve quando não há outro...

— Ora, deixa-me em paz!

Lucie, que até ali mantivera os olhos fixos no amante com uma atenção feroz, encolheu os ombros, como se já estivesse farta da loucura daqueles protestos. Virou-se de costas, passou a contemplar a montra da mercearia, a contar os buracos de um queijo suíço que abraçava, numa ranhura triangular, um frasco de picles e algumas caixas de linhas; depois, o seu olhar desviou-se para as imagens de Épinal, que forravam o fundo, penduradas numa corda por molas de madeira. Acabou por se interessar quase pelas cores

infantis daquelas ilustrações, até que Zéphyr, que tinha começado por lamentar a sua má sorte, terminou proibindo-a de trazer aquele homem para o quarto.

— O quê, o quê? O teu quarto? Ora essa! Há que tempos que sou eu a pagar esta espelunca! Ao menos podias dizer o nosso quarto; e veremos se tens coragem de ir lá sacudir a palha para ele, que és preguiçoso demais para isso.

A voz do amante subia continuamente, com entoações furiosas, despertando a rua do seu silêncio sepulcral. A cortina de uma janela em frente ergueu-se, e uma cabeça apareceu, com a testa encostada ao vidro. Lucie viu-a, e, incomodada por aquela vigilância, respondeu em voz baixa:

— Está bem! Amanhã ainda vais estar contente por vires almoçar comigo.

— Ah, mas quem é que achas que eu sou, sua grande puta? — berrou Zéphyr. — Não, sabes, ainda não desci a esse ponto.

Tinha agarrado o braço da rapariga e apertava-o com puxões bruscos, de tal forma que Lucie, que inicialmente ficara satisfeita por o ter enfurecido, acabou por se irritar de verdade.

— Ah, o senhor ainda não chegou a esse ponto! Essa é boa! Mas, meu amigo, há três meses que já lá estás, há três meses que te sustento como o belo chulo que és.

Ela exaltou-se, furiosa, desfiando as razões que a levavam a considerar o seu amante um chulo. E ele não admitia! Protestava! Essa falta de honestidade indignava-a. Censurava-o, furiosamente, pela miséria do seu ordenado, pelo egoísmo, pela maneira limpa de se vestir, e pela forma infame como se tinha aproveitado de um momento de fraqueza para se agarrar a ela "como uma sanguessuga" e a explorar.

Depois, quando já não tinha mais insultos para lançar, comoveu-se consigo mesma, procurando um tema para novas recriminações:

— Sempre são esses porcos dos homens que me fazem morrer de miséria! Mas o que é que eu fiz para ser tão infeliz?

Chorava.

Um turbilhão de ideias tristes invadia-a, recordando o luxo perdido, a vida de farra enterrada.

— Pois que seja por tua culpa! Não tinhas nada que ter vindo!

O tom muito ríspido de Zéphyr fez Lucie perceber que tinha ido longe demais. Temia agora que o merceeiro a deixasse para sempre; e, numa vaga sensação de terror perante o desconhecido, apanhada também pelo amor-próprio à ideia de ser abandonada, tornou-se carinhosa e doce, cedendo: "Ela não tinha tido outra escolha senão segui-lo; ele sabia bem disso; tinha-a conquistado completamente. E, no entanto, hoje, ele merecia mesmo que ela o deixasse. Mas isso era-lhe impossível."

Continuou durante muito tempo, lacrimejante, com uma voz triste e olhares ternos. Já tinha empurrado Zéphyr para dentro da mercearia, e ele parecia começar a interessar-se gradualmente pelo seu discurso, refreando a cólera. Ele acenava com dúvidas que Lucie sentia serem apenas aparentes. Então, retomou a sua ideia inicial, descrevendo os credores furiosos e demonstrando a necessidade de um pagamento imediato.

— E depois, sabes (oh, juro-te isso!), depois deste golpe, será tudo; nunca mais voltarei a fazer este trabalho. Com certeza, será a última vez. Oh, isso eu juro-te.

— Não, não, não, aconteça o que acontecer, mas eu não

quero.

— Não, meu querido, asseguro-te que ninguém saberá de nada.

E, deixando essa garantia de lado, desdobrou-se num amor exagerado pelo seu amante, numa solicitude pela sua saúde e bem-estar: sem dinheiro, ele já não teria tabaco, nem roupa, nem moeda para o café, e isso deixava-a aflita.

Acumulava razões, apressada por resolver a situação, receando que o bêbado lá em cima se começasse a impacientar. E acabou por acreditar nas próprias palavras, sentindo-se muito boa, muito dedicada, achando Zéphyr muito cruel por resistir tanto a suplicas tão comoventes.

— Olha, amanhã é Domingo. Se quiseres, podemos ir a Roubaix de eléctrico a vapor; vai ser divertido, não achas?

Ela esperava que aquela promessa fosse conclusiva, mas a resposta brusca de Zéphyr deixou-a desesperada:

— Eh, eu pouco me importo!

— Oh! Não digas isso, meu querido! E depois, quando regressarmos, diz-me, Zéphyr, o que vamos fazer? Responde-me, vá lá, em vez de fazeres essa cara feia.

Lucie, levantando-se na ponta dos pés, tentou alcançar com os lábios a boca do amante.

— Deixa-me em paz, raios te partam! Isto já é repugnante.

— Oh! Não sejas assim tão mau! Não fiques zangado comigo, sabes bem que gosto de ti.

— Não digo o contrário. Mas isto é mesmo nojento, de qualquer maneira. E pensar que, se eu tivesse dinheiro, estas porcarias não aconteceriam. Ah, mas eu não quero; se insistes, faz favor de desaparecer.

Lucie, agora segura de que iria vencer, desdobrou as suas desculpas, seguindo essa nova linha de raciocínio:

— O que é que queres, meu amor? Temos de aceitar a vida como ela é; e depois, temos sempre o nosso amor, que consola tudo.

— Ah, isso, se ao menos fosse certo!

A rapariga enlaçou-o, aqueceu o corpo do amante com um longo abraço, sem dizer nada, mas soltando suspiros; e, quando Zéphyr observou involuntariamente:

— Olha, lá vai o tipo embora,

Ela apertou-o ainda mais e depois soltou-se rapidamente, satisfeita, vitoriosa.

VI

Na manhã seguinte, Lucie teve de ir buscar Zéphyr à mercearia, onde ele fingia não querer mais voltar para casa. A cena repetiu-se. As mesmas recriminações foram trocadas e, como na véspera, ambos acabaram por culpar a miséria. Porém, decidiram firmemente lutar contra a má sorte dali em diante. Melhor seria comer apenas uma vez por dia do que voltar a recorrer a semelhante ofício.

E, logo, a miséria regressou.

Para a afastar, Lucie, sem nada dizer a princípio, recorreu aos mesmos métodos. E, quando Zéphyr descobriu, ela respondeu às suas queixas com um argumento irrefutável: "É preciso viver, vestir-se e comer." Contudo, o lucro fácil reacendeu nela os sonhos ambiciosos. Mais uma vez, pensou nas riquezas, nos seus planos de felicidade luxuosa, e achou um grande mérito, a seu ver, querer oferecer o conforto a Zéphyr, um rapaz tão bondoso.

Para o consolar dos seus desenganos amorosos, ela preparava-lhe uma surpresa ao Domingo, quando a semana tinha corrido bem: um passeio pelo campo ou uma excursão à Bélgica.

Faziam verdadeiras festanças, uma fartura de charcutaria regada com cerveja branca. Muito depressa, o merceeiro tomou gosto a essa vida; as suas reclamações tornaram-se menos veementes, e os seus últimos escrúpulos esvaneceram-se na moleza dessa existência confortável.

Então, Lucie, certa de que não seria mais contrariada, deixou de se conter. O dinheiro voltou a ser o único objectivo dos seus pensamentos. Um estranho ocupava a

cama de Zéphyr quase todas as noites. Ele, por sua vez, esperava atrás da porta pela parte do lucro, pago adiantado, para depois ir dormir noutro lugar.

Nos primeiros tempos, ele tentara abafar as suas crises de ciúmes, esquecer o desprezo por si próprio que o assaltava, entregando-se a uma vida de excessos. Todas as noites que passava fora, os bordéis acolhiam-no; depressa ficou conhecido entre as raparigas, que o tratavam como um bom cliente. E, numa comparação inconsciente, acabou por achar Lucie enfadonha, preferindo aquelas mulheres sempre dispostas a satisfazê-lo e que pareciam sempre alegres. Lucie, por sua vez, respondia-lhe frequentemente com palavras duras aos seus avanços amorosos, desgostada e, por fim, repugnada pela contínua prostituição do seu corpo.

Era que Lucie sentia diminuir o apego por Zéphyr. No início, ao retomar os seus antigos planos, ela colocara o amante num pedestal: era sobretudo por ele que sonhava enriquecer. Mas, agora, admitia para si mesma que já não gostava dele. Como os outros, ele procurava explorá-la e, francamente, ela tinha-se iludido. Ele não era nem bonito, nem espirituoso. No máximo, demonstrara, num dado momento, uma grande bondade de alma. E essa bondade, ela já a pagara, não era verdade? E a um preço justo. Talvez, até, a esperança desse pagamento tenha sido a única coisa que levara o rapaz a compadecer-se de forma tão repentina.

Ainda assim, ela não se atrevia a deixá-lo. O episódio dos móveis quebrados tornara-a muito receosa, e sentia-se mais confiante quando via os clientes a entrar no seu quarto, fazendo caretas de desgosto ao reparar em Zéphyr a rondar no corredor. Precisava dele constantemente e ficava alarmada com as suas saídas. Mas, às vezes, quando ele

pedia dinheiro e elevava continuamente o valor das suas exigências, ela zangava-se e insultava-o, num forte desejo de vê-lo romper a relação.

Ele, porém, já não se ofendia. Com um ar dócil e uma entoação de pesar, gemia: “Bem, é uma grande infelicidade! Mas, afinal, a culpa é tua; foste tu que me tornaste assim. Antes, eu era honesto.”

Esta acusação, frequentemente repetida, causava em Lucie uma forte emoção. Ela comovia-se imediatamente, sentindo-se obrigada a não abandonar aquele homem que ela própria corrompera, convencida de que fora a sua influência a transformá-lo num chulo. E, ao mesmo tempo, muito orgulhosa dessa influência que acreditava ter feito dele uma vítima, mas também desgostosa com esse poder nefasto, voltava a amá-lo por instantes, com um carinho protector. Dava-lhe generosamente o dinheiro ganho, achando que assim o compensava, pensava ela.

O homem, percebendo a eficácia das suas manobras, exigia cada vez mais. E, à medida que obtinha mais, os seus desejos aumentavam. Já tinha deixado de frequentar os bordéis imundos do bairro de Saint-Sauveur. Passou a visitar os lupanares luxuosos, vestindo um fato impecavelmente limpo, para que a sua aparência não destoasse da dos caixeiros-viajantes e estudantes. Gastava dinheiro com as raparigas sem parcimónia. Com o contacto contínuo com elas, tornou-se brutal. Usava expressões violentas e fazia caretas furiosas. Este misto de bonomia e agressividade intimidava Lucie e exercia sobre ela uma grande influência. Já não se atrevia a recusar-lhe nada.

Há muito que Zéphyr tinha abandonado a mercearia: o patrão, cansado das suas faltas e da sua preguiça, despedira-o. Foi então que passou a ser Lucie a pagar tudo: a comida,

as raparigas, as roupas, o tabaco. Em breve, Zéphyr começou a exigir-lhe as receitas, gritando e zangando-se sempre que ela hesitava em entregar-lhe todo o dinheiro que ganhava. Todos os dias, à hora do almoço, havia discussões intermináveis, acompanhadas de berros. E, no meio das suas injúrias, Zéphyr repetia sempre a mesma acusação: culpava Lucie por o ter pervertido.

Essa acusação atormentava-a, deixando-a estúpida depois de uma vida de devassidão contínua. Era como um remorso que a consumia, obrigando-a a encolher os ombros com um arrepio sempre que pensava nisso. Para escapar a essa tortura, precisava de inventar alguma distracção, de se lançar furiosamente na busca de lucro. Entregava-se a todos e em qualquer lugar, sem desprezar os lucros mais ínfimos. Oferecia-se à noite nas reentrâncias das grandes portas, nos bancos das avenidas desertas, junto às árvores das muralhas. E, depressa, com uma alegria ávida, escondia no bolso o dinheiro mendigado, quase roubado.

Os sonhos de riqueza foram abandonados; o amor-próprio tinha diminuído. Já não encaracolava o cabelo: colava-o à testa com uma brilhantina que deixava a pele amarelada. As suas botas desgastadas mantinham-se enlameadas durante dias, retendo o barro das muralhas; e, por baixo das roupas manchadas, apenas a anágua branca com bordados ainda esvoaçava, como um sinal da sua limpeza profissional. Usava um chapéu que nunca tirava: mas era apenas porque lhe permitia exigir um preço mais elevado. E, de dia ou de noite, vendia-se por um *louis*, por dez francos, por quarenta *sous*.

Ao sair dos braços de um homem, corria, por vezes, atrás de um soldado, acrescentando a moeda branca ao *louis*, dizendo para si mesma: “Pronto, assim Zéphyr ficará

contente." Corria rapidamente até à rua Malpart, ansiosa por dar uma alegria ao amante, e, não o encontrando, deixava o dinheiro ganho sobre a mesa, feliz por entregar tudo e com a esperança de não ver Zéphyr antes do dia seguinte, escapando assim às suas palavras cruéis. Depois, quando soavam as cinco horas, postava-se à porta dos quartéis para se entregar novamente.

Agora, Lucie Thirache vivia numa apatia entorpecida. Caminhava sonolenta pelas ruas; os objectos apareciam-lhe envoltos numa névoa trémula.

No início da sua relação com Zéphyr, retomara a vida de festas, tanto para satisfazer os seus desejos eróticos como para fugir à miséria. Mas, pouco a pouco, o excesso de prazeres embotara-lhe o ardor; a calma das suas paixões apoderara-se dela; e as práticas lascivas acabaram por lhe parecer, com o tempo, tarefas a cumprir por obrigação. Incapaz, desde então, de sentir qualquer prazer amoroso, constantemente repreendida por Zéphyr, que se aproveitava da sua fraqueza, habituou-se a dormir continuamente para fugir às suas mágoas. Nos seus momentos de lazer, finalmente livre de desgostos e medos, afundava-se num sono pesado até ao momento em que uma ordem do seu proxeneta a despertava abruptamente, empurrando-a para fora, cambaleante, com os olhos semicerrados pela luz.

No entanto, ela já não amava Zéphyr. Permanecia com ele devido a um vago remorso, um hábito apático que lhe retirava qualquer vontade de resistência e a impedia de escapar à sua sujeição.

Foi então que a doença começou a atacá-la.

Ela sentia dores estranhas. A sua cabeça ficava pesada, invadida por enxaquecas constantes; e, ao fazer a risca no cabelo, notava na nuca uma mancha que, a cada dia, se

tornava mais escura. Os seus passos estavam inseguros. Muitas vezes, durante as suas andanças, tinha de se sentar. Sentia um peso nas virilhas e, lentamente, o ventre começou a inchar. Mas, pressionada a continuar a ganhar o que era exigido, permanecia de pé, caminhava sempre, sem se preocupar com a dor crescente. Durante a noite, todas as suas dores se tornavam mais intensas, tornadas atrozes por uma insónia contínua.

A hidropisia do ventre tornou-se tão evidente que Lucie teve de interromper o seu ofício. Ficou de cama, acreditando tratar-se de um grande cansaço que o repouso haveria de aliviar.

A partir de então, Zéphyr fazia apenas breves aparições no quarto, consolando-a com um gesto antes de sair. Já não lhe fazia recriminações e até lhe aconselhava alguns remédios. Como ela já não tinha dinheiro para os comprar, sugeriu levar ele mesmo os seus vestidos ao Monte de Piedade. Ela, na sua febre, ficou emocionada com esta demonstração de preocupação. Aceitou, e, com uma voz muito suave, perguntou-lhe:

— Diz, se te incomoda, eu ainda posso ir até lá sozinha, à minha tia. Não estou assim tão doente.

— Estás a brincar? Eu não quero que te levantes. Não te mexas, já volto com o que é preciso.

Os sapatos novos de Zéphyr, de verniz, estalaram nas escadas ao descer. Na igreja de Saint-Sauveur, soaram as oito badaladas. Lucie ouvia a chuva cair, lúgubre, e, da sua janela, via o muro imenso do hospital Gantois, onde a água traçava riscos negros.

Até às três da tarde, esperou pelo regresso do amante. Uma vizinha, que lhe veio fazer uma visita, aceitou ir à procura de Zéphyr. A mulher contou tê-lo encontrado no

cabaré, a cantar. Ele tinha respondido:

— Ah, já não aguento esta velha bruxa!

E voltou a cantar.

A vizinha começou a desabafar contra aquele canalha, um homem que devia tudo a Lucie.

— Ora, — disse Lucie, — não se deve culpá-lo. Fui eu que o tornei assim.

E, sempre nas suas longas explicações, repetia: — Que quer que faça? Fui eu que o tornei assim. Mas ele gosta de mim, no fundo.

Às nove da noite, Zéphyr voltou ao quarto, completamente bêbedo. Caiu em prantos ao ver Lucie, ajoelhou-se junto a ela e verteu um fluxo de desculpas arrependidas. E Lucie, numa alegria por vê-lo tão humilde, perdoou-lhe, pronta a culpar-se a si mesma.

Um repouso contínuo, a paragem momentânea das fadigas carnais, fizeram-na recuperar. O inchaço do abdómen desapareceu completamente. Mas, no alto da nuca, Lucie foi obrigada a prender os cabelos num coque alto, seguindo a moda, para disfarçar a mancha escura que, a cada dia, aumentava.

Quando conseguiu voltar a sair, recomeçou a vender-se a todos, para sustentar o seu amante.

VII

Quando soaram três badaladas no relógio do hospital Sainte-Eugénie, uma dor acordou Lucie Thirache. Durante alguns instantes, permaneceu imóvel, a gemer baixinho, tentando recuperar o sono que lhe escapava. Mas logo sentiu no braço esquerdo uma espécie de esmagamento; os ossos pareciam quebrar-se num aperto que não cessava. Foi obrigada a estender o braço sobre as cobertas, e este movimento arrancou-a da sua letargia.

Era bem penoso não conseguir repousar após tamanha exaustão! Estava tão fatigada! Durante todo o dia tinha sofrido devido à operação da manhã: a extracção de um osso na perna. Que terrível doença. Sentia em todo o corpo dores lancinantes e queimaduras. Os ossos desfaziam-se, partiam-se, rasgavam-lhe as carnes. A pele parecia demasiado estreita para os membros inchados, comprimindo-a numa desconfortável opressão constante. E a nuca, dorida pela mesma posição mantida por demasiado tempo, apresentava uma rigidez insuportável... Tentou mudar muito lentamente a posição da cabeça, pois a ferida no crânio supurava abundantemente, deixando o pescoço ensopado.

Um gemido rouco atingiu-lhe os ouvidos. Era a histérica, uma mulher insuportável, que gritava constantemente. Com a mão válida, Lucie afastou o cortinado, avistou a parede amarela, a lamparina que lançava débeis raios de luz, as cortinas que envolviam os leitos, e, sobre os colchões estendidos no chão, uma forma branca que se debatia, rolava e se esticava. Por vezes, surgia-lhe o rosto lívido,

onde a boca aberta desenhava um buraco negro. Lucie encolheu os ombros, impaciente perante aquelas contorções.

Será que aquela não ia acabar nunca? Ainda era preciso aturar os gemidos daquela louca, como se a sua própria doença não fosse suficiente para a impedir de dormir! E agora tinha-se magoado ao voltar a deitar-se, e parecia-lhe que as suas carnes se rasgavam de novo. Oh! Como a cabeça pesava! Uma faixa apertava-lhe firmemente a testa; parecia-lhe que bolinhas de chumbo rolavam no crânio e colidiam contra as paredes. As maçãs do rosto e as faces estavam ardentes. O sono não vinha; apesar de tudo, os olhos abriam-se a cada instante; o menor rangido captava-lhe a atenção.

Nesse estado de vigília forçada, contemplava a enfermaria, por puro tédio. O olhar passeava de cama em cama, seguia os vincos das cortinas, apagados pela penumbra cinzenta. Nas altas janelas, recortavam-se quadrados de céu azul, salpicados pelo brilho das estrelas. E, a espaços, ouvia o som de lençóis que se agitavam, de molas rangendo e tilintando.

E a dor reaparecia mais intensa. Certamente, o médico enganava-se ao afirmar que a doença antiga voltara. Outrora, nunca tinha sofrido tanto. Aliás, os sintomas tinham desaparecido por completo há dois anos, desde que saíra de Douai... Tomara que, ao sair dali, não a enviassem para um ateliê religioso! Isso, nunca mais! Que seria de Zéphyr sem ela? Seria obrigada, novamente, a confessar-se, a trabalhar o dia todo para não ganhar quase nada.

Lucie começava a adormecer, mesmo enquanto gemia. Subitamente, do cortinado pendurado na cama em frente, surgiu uma touca branca avançando, por cima de um longo

avental cuja pala trazia uma cruz bordada: era a irmã Santa Teresa. Reconhecia-a bem; vinha buscá-la para levá-la de volta a Douai. Oh, não, não podia deixar-se levar! Agora, devia dedicar-se inteiramente a Zéphyr, que perdera. Não podia abandoná-lo sem cometer um crime... Defendia-se da religiosa, murmurando baixinho: “Não, não”, muito baixo, receando que a enfermeira se aproximasse.

A enfermeira estava diante de Lucie, ameaçando com gestos a histérica que, caída dos colchões, com as pernas no ar, torcia as mãos e gritava. A enfermeira esforçava-se por recostá-la. Por um momento, Lucie examinou o rosto convulsionado da mulher furiosa, a mancha de luz ofuscante que uma vela, pousada no chão, projectava sobre a cena; para além disso, tudo era cinzento-amarelado, e nas dobras das cortinas alongavam-se longos traços azulados; nas janelas, o céu clareava.

Lucie sentia sede e chamou pela enfermeira, pedindo-lhe algo para beber.

— Está bem, vou trazer-lhe um chá.

A mulher afastou-se, levando consigo o candelabro; um círculo luminoso ia à sua frente, clareando, à sua passagem, as cortinas das camas; grandes sombras negras agitavam-se nelas, subindo para se perderem no tecto; e, quando a enfermeira passava, tudo voltava à uniforme penumbra.

Felizmente, pensava Lucie, tinha acordado e conseguido escapar daquele horrível pesadelo. Devia estar muito pior, pois já não conseguia dormir sem sonhar com coisas terríveis. Esta doença nunca acabaria? Já fazia um mês que estava deitada naquela cama de hospital, um mês, que parecia uma eternidade! E Zéphyr, o que seria feito dele? Pobre Zéphyr!... E aquela dor que não cessava. Parecia-lhe sempre que a esmagavam, que a pele ia rebentar sob a

pressão interior de uma mistura fervente de carnes e ossos esmagados. E por todo o corpo, o pus escorria; sentia, nas pernas, pequenos fios de um líquido morno a deslizar, enquanto se encharcava nos lençóis húmidos. O que teria no corpo que se escapava assim, sem parar?

— Bem, está com uma febre terrível. Beba isto… Não é bom, pois não? Isso há de ensiná-la a fazer a noitada.
— Obrigada, Madame, respondeu Lucie Thirache, devolvendo a chávena.

Quando a enfermeira saiu, resmungou: "Fazer a noitada! Fazer a noitada! Como se fosse fácil agir de outra forma quando não se tem um tostão! E, afinal, todas as mulheres não fazem noitadas? Eu, pelo menos, sou mais franca que as outras, é só isso…" Oh! Agora voltavam as cãibras no estômago. Tudo parecia revirar-se no ventre, as entranhas torciam-se, e arrotos sucessivos subiam-lhe à garganta, obrigando-a a abrir a boca constantemente, enquanto o peito se sacudia. Ah! Se continuasse assim, acabaria por morrer! E era aquela idiota da enfermeira que a tinha deixado neste estado. Fazer a noitada! Era até mais decente do que limpar as porcarias dos doentes, ir limpar os "números" um após o outro. Já estava farta daquela mulher, com os seus ares de santinha; uma mulher que já tinha tido quatro filhos! Não os tinha feito pelo ouvido, com certeza…

Finalmente, a dor acalmava um pouco. Ia tentar adormecer, se aquela bruta da histérica parasse de berrar. Fazer a noitada! Fazer a noitada! Tudo era culpa dela, só porque tinha estado numa casa! Como se fosse a única, talvez...

Adormeceu.

… "Ah! Está quase a começar! O teatro estava bem iluminado… e depois, havia tanta gente… Obrigada,

Madame Donard, foi muito amável em trazer-nos… Não sabe o que vão representar?... Ah! Não sabe… Vou cantar, porque fui cantora com a Dosia. Conheceu a Dosia, não foi, Madame Donard? Sim… Já estou no palco, vou cantar. Mas, o que é que estão a representar? Não posso cantar sem saber o que está a ser representado. Vamos lá, está a ser ridícula… Léon na orquestra! Ele toca violino… Ah! Ali está o senhor Donard a acenar-me, lá em cima, nos camarotes, na fila do 7, e a Laurence a fazer-me caretas. Espera aí, sua maldita, vais ver como te enfio um pente atrás… Pronto, não podia tirar o pente agora. Olha, Léon na orquestra! Ele toca violino, e depois o Charles, e o Georges. Oh! Que caras tão estranhas que eles têm! Ah! Ah! Ah! Ah! Pode alguém ter umas figuras assim! Também está o Zéphyr, e depois o Henry, o Lucien, o Ernest… Estão todos aqui. Que divertidos que são! Tocam todos violino ao mesmo tempo. Vão tão depressa! Tão depressa!… Parem lá, para que eu possa cantar… Olha, estão todos no palco agora. Laurence! Laurence! Sua desgraçada! Larga essa brasa vermelha, vais-me queimar. Não me queimes… Oh! Está tudo escuro. Ela persegue-me. E o Georges, a apontar-me com o fuzil. Ah! Estou salva: já não vejo nada… Oh! Que escada é esta, como desce… sem parar! Não se vê o fim… corrimões e mais corrimões; tudo gira num buraco sem fundo. Ah! Já não os ouço mais… Lá estão os últimos degraus; já não há escada, mas sim um buraco muito escuro… Zéphyr, por que queres matar-me? Não me mates! Larga o machado, eu dou-te o dinheiro!... Ah! Que se lixe, vou-me atirar!”

Ah! Como se tinha magoado. Tentara segurar-se com o braço doente. Não, não dormiria mais, para ter sonhos tão sujos como aquele. Aliás, já quase amanhecia.

Uma claridade azulada, uniforme sobre todos os objectos, até mesmo sobre a histérica, finalmente vencida pelo sono e a roncar quase nua, com os membros espalhados. Sob as janelas, uma larga faixa vermelha; acima, um céu amarelado, depois branco, de um branco-azulado onde brilhava uma pequena estrela. Que sono horrível! Será que agora dormiria sempre assim? Era mais cansativo do que o dia anterior. Que medo! Suava por todo o corpo, e a dor de cabeça estava ainda mais intensa. Ora, tinha de tentar recompor-se... O dia prometia ser bonito... Um tempo de Verão... Ah, o Verão de outrora... Saint-Quentin, as margens do rio, um barco apodrecido, abandonado num campo onde se sentava com Léon nos seus primeiros encontros. Ele beijava-a por toda a parte, e ela defendia-se, zangava-se, e ele respondia sempre: "A culpa é tua, porquê ser tão bonita?"

Mas agora já não era bonita! Olhou para as próprias mãos: as veias, as artérias dilatadas e inchadas formavam uma rede azul sob a epiderme avermelhada; nas unhas, surgiam manchas azuladas e, em alguns pontos, manchas violáceas, quase negras. Desolou-se: a mão, ontem, não estava assim violeta. Decididamente, o mal não diminuía. Era interminável. Ah! Talvez o outro braço estivesse melhor! Tentaria desenfaixá-lo.

Com grande dificuldade, receosa de sentir dor, começou a desfazer as ligaduras. Uma após outra, estavam unidas por pus sanguinolento e seco. Lucie sentia uma dor aguda ao destacá-las. Sob os seus dedos, os tecidos estalavam, permanecendo numa espiral rígida. E, à medida que desenfaixava, os círculos amarelados que manchavam a gaze tornavam-se maiores e mais escuros. Finalmente, o braço apareceu a descoberto. A pele estava tensa, lisa, fina,

sem rugas. O pulso perdera as formas e apresentava apenas um inchaço avermelhado, pastoso, de contornos indefinidos, sob o qual um líquido pálido oscilava. De fendas estreitas escorria um líquido lívido, tingido de veios sangrentos. Aquilo não estava nada bem, nada bem mesmo! Não devia ter olhado: aquela visão fazia-lhe mal. E agora, escorria ainda mais. Uma dor insuportável apoderou-se do braço, em toda a parte. Sentia-se como se estivesse presa num torno e, apesar disso, um vazio invadia-a, enquanto o corpo se aligeirava num colapso.

Lucie deixou cair a cabeça pesada. Ouviu-se o som de algo a rebentar; um líquido quente escorreu-lhe do crânio, inundando-lhe o pescoço e os ombros. Ah! Que se danasse, não iria mexer-se mais. Doía demasiado! Além disso, já não sentia a cabeça, nem as mãos, nem o corpo, nada! Apenas percebia uma dor imensa, sem saber onde. Quis fechar as pálpebras e não conseguiu. Ficou deitada de costas, olhando fixamente para o céu de cama todo branco. Lá no alto, o Sol brilhava nos vidros refulgentes. As paredes iluminavam-se, o pó espalhado por todo o lado cintilava, e as fendas do tecto douravam-se.

Que desgraça! Não poder sair com um dia tão bonito! Como seria bom passear pelo campo com um amante querido. Ficaria ainda muito tempo deitada, sem poder conceder-se esse prazer! Bah, estava louca! Iria curar-se... como da primeira vez. Dentro de uma semana, estaria de pé, e iria a Paris reencontrar Léon, o único homem desejável... Ao vê-lo novamente, amá-lo-ia imediatamente... Que beijos deliciosos!... E depois, faria com que ele lhe contasse as suas aventuras, fingiria um amuo para que ele a mimasse muito, tentando apaziguá-la... Então, viria a reconciliação, e amar-se-iam...

Oh! como tudo se obscurecia ao seu redor. Já não via as cortinas... mal distinguia ainda a orla do dossel da cama... Tudo lhe parecia amarelado, envolto numa névoa dourada... E o ouro ocupava todo o seu campo de visão. É que estava a adormecer... Oh! os sonhos encantadores que viriam deliciá-la... Voltaria a ver Léon... amá-lo-ia com uma paixão imensa... indizível. Perder-se-iam... ambos, numa infinita volúpia... E depois, já não veriam mais nada... nada além de ouro... por todo o lado... como isso... apenas nuvens brancas e douradas... uma bruma deliciosa... suave. Sentiriam apenas as suas carnes aveludadas... tão delicadas... tão suaves... tão voluptuosas... infinitamente.

— Então, o 8, não está bem esta manhã?

E seriam de ouro... ambos... de ouro branco... tão leve... tão puro... rodopiariam nas nuvens... um caricioso...

O doutor?... Sim, estava muito bem... Irá ver o amor... o amor infinito... eterno... para sempre.

VIII

(Mod. 363.)

HOSPITAL

Sainte-Eugénie

DE LILLE

N.º do Registo de Entradas: 3

N.º do Pacote de Efeitos: 247

Duração da estadia: 28 dias

Circular de 1 de Dezembro de 1862

BILHETE DE SALA

SALA Sainte-Cécile — CAMA N.º 8

A 9 de Junho de 1885, deu entrada a chamada Thirache,
Lucie-Louise-Augustine, de 24 anos, profissão
casada com
natural de Saint-Quentin, departamento de Aisne,
residente na Rua Malpart, n.º 19, em Lille.

O Administrador de serviço, Flamiroux

DOENÇA: Osteíte e Hepatite sifilítica.

Faleceu a 7 de Julho de 1885.

O Médico, Buisart

N.º do Registo de Entradas: 3

BILHETE DE SAÍDA

Nomes e apelidos: Thirache, Lucie-Louise-Augustine

Data da autorização de saída:

Visto no Gabinete de Entradas,

() Este bilhete deve ser destacado do bilhete de sala e
entregue ao porteiro pelo utente ao sair.*

Lille — Imp. Lefebvre-Ducrocq, 1876